

Tânia Mara da Silva

# Trajetórias de Lutas

Memórias de mulheres pobres,  
ex-faveladas e a educação  
sociocomunitária como prioridade

 Pedro & João  
editores

# TRAJETÓRIAS DE LUTAS:

MEMÓRIAS DE MULHERES POBRES,  
EX-FAVELADAS E A EDUCAÇÃO  
SOCIOCOMUNITÁRIA COMO PRIORIDADE





Tânia Mara da Silva

# TRAJETÓRIAS DE LUTAS:

## MEMÓRIAS DE MULHERES POBRES, EX-FAVELADAS E A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA COMO PRIORIDADE



  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Tânia Mara da Silva**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

*The authors are responsible for the choice and presentation of information contained in this book as well as for the opinions expresses therein, which are not necessarily those of UNESCO and do not commit the Organization.*

---

Tânia Mara da Silva

**Trajetórias de lutas: memórias de mulheres pobres, ex-faveladas e a educação sociocomunitária como prioridade.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 163p.

**ISBN 978-65-5869-023-8 [Impresso]**

1. Favela Zumbi dos Palmares. 2. Mulher. 3. Narrativas. 4. Educação sociocomunitária. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Felipe Roberto | Argila Design

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**  
[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)  
13568-878 - São Carlos – SP  
2020

Dedico este trabalho

Ao Carlinhos, meu esposo, pela paciência e apoio integral na realização deste trabalho.

Ao meu filho Stevan, pela admiração, incentivo e compreensão.

À minha mãe, Maria de Lourdes, pela inspiração, exemplo e afeto que fortaleceram minha autoestima para que eu seguisse em frente.

A todas as mulheres Guerreiras da minha família, especialmente às minhas avós Maria das Dores e Maria Isabel e às minhas bisavós Rita e Maria Brandina, pelo cuidado de sempre.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da Vida.

Aos meus queridos pais Antônio Francisco da Silva (in memoriam) e Maria de Lourdes da Silva, pelo amor e dedicação à minha vida, que me fizeram chegar até aqui.

Aos meus irmãos (todos in memoriam) Daniel Antônio da Silva, que se foi tão pequenino, Jairo Antônio da Silva, meu grande amigo e conselheiro e José Antônio da Silva, meu irmão primogênito que, por muitas vezes, foi o meu pai.

Às minhas irmãs Jandira Aparecida da Silva e Jane Marli da Silva, pelo tanto que cuidaram de mim para que minha mãe trabalhasse e que foram essenciais no momento em que necessitamos cuidar de nossa querida Mãe.

Ao meu querido esposo Antônio Carlos Vianna de Barros, por ser companheiro, camarada, que sempre me apoiou nos estudos, na militância para a busca de uma sociedade mais fraterna e justa.

Ao meu querido filho José Stevan Germano da Silva Souza, por estar se tornando um homem do Bem, generoso e com amor ao próximo.

Ao Professor Doutor Sidney Aguilár Filho, pelo incentivo e encorajamento para que eu pudesse entrar no Mestrado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Francisco Evangelista, que num momento de exaltação à violência, me incentivou a escrever sobre respeito, compaixão, transformação, direitos... Indicou-me o caminho da escuta do outro, para que eu pudesse potencializar vozes subalternizadas pelo racismo perverso e aprimorar meus conhecimentos para continuar lutando pela sociedade mais fraternal que tanto almejamos.

À Professora Doutora Renata Sieiro Fernandes, que trouxe em suas aulas a grandeza das Mulheres de uma maneira tão doce e firme que me levou a escrever sobre a luta das Mulheres.

À Professora Doutora Maria Luisa A. C. Bissoto, por tamanha dedicação em suas aulas, em um momento de tantas dúvidas sobre o Projeto de Pesquisa, ajudando-me a encontrar o caminho da escrita, partilhando informações com cuidado, zelo e carinho.

À Professora Renata C. O. Barrichelo Cunha, por ter contribuído para o cotidiano da minha vida profissional na Rede Municipal de Ensino de Santa Bárbara d'Oeste e à minha pesquisa de maneira tão cuidadosa e tão cheia de afeto.

À Professora Rita de Cássia Lana, pelo olhar criterioso a minha pesquisa, que me ajudaram a rever as estratégias.

À minha Professora de espanhol Nirvana Gabriela Cerda Campana, pela paciência durante esses anos de estudo.

Aos Professores do Mestrado em Educação, pelo incentivo à pesquisa, que é imprescindível para a qualidade do ensino.

Aos amigos que fizemos no UNISAL, na sala de aula, nos grupos. À querida turma da VAN, sempre tão disposta e alegre.

Aos meus amigos e amigas da Secretaria Municipal de Ensino de Santa Bárbara d'Oeste, pelo companheirismo de cada dia.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1. O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA ... e no caminho tinha uma Favela</b>	<b>19</b>
1.1. Sujeitos da Pesquisa	23
1.2. Qualificação dos Sujeitos	25
1.3. As Rodas de Conversa	26
1.4. Temas que norteiam as Rodas de Conversa	27
1.5. Local das Rodas de Conversa	28
1.6. Material de Análise	29
1.7. Forma de Análise da Pesquisa	29
1.8. Local de Memória da Pesquisa	29
1.9. A Educação Sociocomunitária como Prioridade	33
<b>2. TRAJETÓRIAS DE LUTAS</b>	<b>37</b>
2.1. Memorial – Lugar de Fala	37
2.2. O Nascimento da Favela Zumbi dos Palmares	54
2.3. A Favela como Lugar de Luta e Resistência	57
<b>3. MEMÓRIAS DA FAVELA</b>	<b>65</b>
3.1. O Trabalho e o Desemprego	67
3.2. As Crianças e a Escola como quintal da Favela	71
3.3. As Violências na Favela	80
3.3.1. Pelo Estado	81
3.3.2. Por Gênero e Etnia	85
3.3.3. Pela Solidão da Mulher	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>111</b>

APÊNDICE 1 – Questionário Semiestruturado	111
<b>ANEXOS</b>	<b>113</b>
ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	113
ANEXO 2 – Autorização para uso de voz e imagem	115
ANEXO 3 – Carta de Apresentação da Pesquisa	117
ANEXO 4 – Prédios abandonados no bairro Parque Olaria em Santa Bárbara D’Oeste que serviram de moradia antes da ocupação na favela Zumbi dos Palmares	119
ANEXO 5 – Cumprimento da determinação judicial e retirada das famílias dos prédios abandonados no bairro Parque Olaria	121
ANEXO 6 – Moradores dos apartamentos inacabados do Parque Olaria ocupam áreas públicas após pedido de reintegração de posse da justiça	125
ANEXO 7 – Diante de falta de moradia em Santa Bárbara D’Oeste nasce a favela Zumbi dos Palmares (GR)	129
ANEXO 8 – Instauração de inquérito civil devido às condições de vida dos moradores da favela Zumbi dos Palmares com denúncias da Amozup, Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Conselho Tutelas	133
ANEXO 9 A – Pedidos de providências quanto à situação dos moradores da favela Zumbi dos Palmares à Câmara Municipal de Santa Bárbara D’Oeste – Requerimento 546/06	157
ANEXO 9 B – Pedidos de providências quanto à situação dos moradores da favela Zumbi dos Palmares à Câmara Municipal de Santa Bárbara D’Oeste – Requerimento 162/07	159
ANEXO 9 C – Pedidos de providências quanto à situação dos moradores da favela Zumbi dos Palmares à Câmara Municipal de Santa Bárbara D’Oeste – Requerimento 197/07	161
ANEXO 10 – Ofício elaborado pela diretora do CIEP Carmelina Pellegrino Vervone retratando zelo e cuidado para com as crianças	163

## APRESENTAÇÃO

“Se queres ser universal, canta tua aldeia”  
(Tolstói)

A escrita de um livro muitas vezes implica na tentativa de mediação entre os olhos do autor, do que foi visto e experimentado na realidade e o que chega até seus leitores, não como tentativa de fidelidade absoluta ao concreto pois tal pretensão o converteria em ficção; mas antes como sensibilidade que recolheu outros sentidos e foi capaz de, tal qual um prisma, exibir-lhes a riqueza multifacetada.

Esse é o caso da obra de Tânia Mara da Silva, que soube antes de tudo captar a variedade de perspectivas na dimensão do comum, daquilo que foi dividido pela multiplicidade dos indivíduos constrangidos por circunstâncias concretas com as quais se confrontaram; a tantas camadas de (des)humanidade sobrepostas, rugosidades como eram chamadas por Milton Santos, veio somar-se o amoroso olhar da educadora e a solidariedade empática que perpassa todo o trabalho.

A inexistência de qualidade de vida aceitável nas urbes brasileiras para aqueles que são parte das camadas sociais desfavorecidas econômico e socialmente apresenta-se aqui como o pano de fundo, do qual surge o estudo específico realizado: a favelização em Santa Bárbara D'Oeste enquanto fenômeno de segregação sócio-espacial pautado por aspectos de resistência e portador de memórias que se constituem em identidade coletiva nas vozes das lideranças femininas que a vivenciaram.

Estes foram aspectos abordados pela autora com cuidado acadêmico e a necessária delicadeza, como a solidão e a violência na Favela Zumbi dos Palmares em variadas formas, trazendo uma contribuição rara na compreensão da dolorosa experiência humana e do drama social que cotidianamente se reproduz nos espaços

urbanos precarizados, com as características particulares retratadas tanto em dados objetivos quanto nas narrativas das entrevistadas.

Dentre os lugares de fala que estão presentes neste livro surge o da própria autora, cuja trajetória nos desvenda como se chega a compreender dores alheias com a simpatia irmã que as acolhe e respeita: não apenas a autora e as narradoras entrevistadas são protagonistas do estudo, somam-se a elas vozes abafadas e indiretas de crianças, velhos, adultos em abandono pelo Estado e muitas vezes mesmo por seus iguais – um quadro que seria desolador se pintado apenas com cores tristes, mas que recobra sua altivez e exibe dignidade alcançada com luta na análise que nos é oferecida.

Na qualidade de educadora, Tânia Mara da Silva está em excelente companhia; seus referenciais teóricos alicerçados em Paulo Freire, Benjamin e outros mestres de envergadura internacional são mobilizados nas análises por vezes pungentes que comparecem no desenvolvimento do livro, escrutinando os limites da realidade vivida e trazendo à luz aspectos relativos à condição feminina e negra destas mulheres em pleno século XXI, através dos quais resistem e se reinventam – a educação pelo avesso, pela amarga luta pela sobrevivência que nunca será suficientemente denunciada.

Outra faceta que é abordada e merece aplauso é a interlocução com a problemática dos direitos humanos básicos que emerge em diversas oportunidades nessa obra, a falta de acesso à saúde e questões sanitárias infraestruturais em contraposição ao exercício de poder(es) por grupos diversos constituindo territorialidades em confronto; a marginalidade, por um lado e o poder estatal, por outro são lidos como pólos em relação aos quais as lideranças femininas negras tiveram que encontrar seu espaço de negociação e resistência na busca de suas demandas.

Fruto de pesquisa realizada no Mestrado em Educação Sociocomunitária do Unisal na cidade de Americana pela autora, o presente livro apresenta para a comunidade educativa e interessados na temática, as vozes das mulheres da Favela Zumbi

dos Palmares e suas experiências vividas, onde a favela é apresentada como espaço de luta e resistência.

A autora nos convida a refletir sobre a Educação Sociocomunitária e suas possibilidades de intervenção na trajetória de vida destas mulheres, potencializando ações transformadoras desenvolvidas por elas em seu papel de sujeito de suas próprias histórias. As mulheres que são apresentadas neste livro, assumiram o protagonismo na busca da transformação da realidade vivida por elas, mas também do lugar onde viviam e vivem. Elas foram e são agentes de transformação contínua do espaço social, político e econômico em que suas vidas e suas trajetórias foram e são construídas.

Neste sentido, o lugar de fala destas mulheres constitui material rico para se pensar nas ações necessárias do poder público em torno das necessidades delas e de tantas outras pelo Brasil que vivem situações parecidas e que precisam ser modificadas. A fala destas mulheres impõe compromisso com a transformação e a equidade social, nos convida ao engajamento político em torno de suas vivências e experiências.

Tânia Mara nos lembra no texto da importância do posicionamento, da indignação e da recusa da realidade vivida por estas mulheres da Favela Zumbi dos Palmares. A autora rememora que sua pesquisa nasceu da compaixão e do desejo de narrar a vida destas mulheres; mas sobretudo de sua militância no movimento negro e da sua história de vida como uma mulher negra.

A história de vida da autora, sua auto-biografia, foi fator determinante para que este livro fosse escrito, pois evidencia a postura e o compromisso de quem não ficou apenas na denúncia de uma situação de exclusão e desigualdade. Evidencia a postura de alguém que viu, julgou e agiu diante da realidade deste grupo de mulheres e que junto com elas, buscou alternativas. Tânia e as mulheres apresentadas neste livro assumiram o protagonismo com a própria história mostrando a favela como espaço de luta e resistência, como espaço de auto afirmação diante de uma realidade opressora.

Terminamos esta apresentação reafirmando a importância do lugar de fala sobre as Vozes das mulheres aqui apresentadas e o compromisso delas com a vida e com a sociedade. As vidas aqui apresentadas são faróis para iluminar o caminho que temos ainda por percorrer para concretizar a democracia em nosso país. São Vozes potentes que denunciam, mas que também anunciam possibilidades para o porvir, para a construção de outro futuro possível.

Este livro, pois, se insere na escrita de mulheres negras que assumiram sem medo seu lugar no espaço acadêmico, partindo do cotidiano vivido, das lembranças advindas das experiências de vida; por isso se apresenta como escrituragem:

*“a nossa escrituragem não pode ser lida como  
História de ninar os da Casa-Grande, e sim para  
incomodá-los em seus sonhos injustos”  
Conceição Evaristo*

Profa. Dra. Rita de Cássia Lana  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr. Francisco Evangelista  
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

## INTRODUÇÃO

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.  
Carolina Maria de Jesus (1994, p. 29)

Esta dissertação aborda uma pesquisa que apresenta um pouco da história da Favela Zumbi dos Palmares, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste – SP, nos anos de 2003 a 2016. Nesse processo de favelização, com duração de treze anos, os moradores que ali viveram tiveram que conviver com o esgoto a céu aberto, o descarte irregular de resíduos, a presença constante de animais peçonhentos que colocavam em risco a vida das pessoas e traziam doenças.

Foi durante a minha militância no Movimento Negro que conheci a Favela e os problemas enfrentados por seus moradores. Essa experiência me trouxe angústias, inquietações, levando-me a guardar na memória às desigualdades sociais que marcaram a vida precária do lugar, bem como despertou em mim a admiração pela luta travada pelos moradores, em busca da moradia.

A Favela<sup>1</sup> não era só a briga, a fome, o lixo, o tráfico. Na Favela tinha gente trabalhadora, honesta, digna. Homens, mulheres, jovens, crianças e idosos com perspectivas de uma vida melhor. Para isso, trabalharam na construção da Favela com a força de seus próprios braços e se constituíram em um lugar de resistência.

O objetivo deste estudo é narrar as experiências vividas por moradoras da Favela Zumbi dos Palmares, a fim de compreender

---

<sup>1</sup> A palavra Favela no decorrer da pesquisa é apresentada com letra maiúscula para que esta seja representada como um lugar que merece respeito por acolher os mais necessitados.

a favela como um lugar de resistência. Quero aqui me utilizar de Walter Benjamin em sua obra “Experiência e Pobreza” (1994a), na qual retrata a parábola de um velho prestes a morrer e que forja um testamento em favor de seus filhos; eles teriam uma herança, com base na força da palavra, envolvendo toda a experiência alinhada à sabedoria nela contida.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região (BENJAMIN, 1994a, p.114).

Na narrativa fica expressa a sabedoria do velho em proporcionar a seus filhos uma riqueza não explícita em dinheiro, barras de ouro, imóveis, mas, sim, na riqueza implícita, a ser sentida, observada e apreciada. Com esse pensamento compreendi que poderia realizar um estudo na Favela, considerando-a um lugar de ricas experiências e que sendo conhecida com mais profundidade, com certeza se apresentaria como um lugar de grandes tesouros.

A pesquisa desenvolvida trata de questões econômicas, sociais e políticas. A Educação Sociocomunitária é o fio condutor, pois compreendo que a Favela é um lugar educativo, que possibilita aos indivíduos desenvolverem suas competências para viver em comunidade, coletivamente, promovendo o desenvolvimento dos sujeitos, culminando em transformações sociais. A Educação Sociocomunitária se alinha com as narrativas dos sujeitos da pesquisa, a fim de que as mesmas favoreçam recursos para reflexão das condições oferecidas à população de baixa renda, da qual se espera, erroneamente, que pela meritocracia os indivíduos transformem suas vidas. As narrativas como fonte de pesquisa contribuem para o desenvolvimento colaborativo entre o pesquisador e o objeto pesquisado, sendo que um dos objetivos deste estudo é analisar os discursos produzidos pelas mulheres que viveram na Favela Zumbi dos Palmares, buscando verificar a representação da alteridade nessas

narrativas que abordam as questões da memória, da identidade, da violência, da resistência e da condição da mulher em espaços urbanos, especificamente na Favela.

Assim, esta pesquisa contribui para preservar a memória de uma favela por meio da narrativa de três Mulheres, que são fonte de pesquisa, analisando a forma de produção do espaço urbano, que é considerada historicamente pelo governo como uma doença a ser extirpada do tecido urbano/social; espaço formado, não por sujeitos, mas por uma massa que ameaça a “ordem social”, e daí constatar que existe conhecimento nesses espaços, que precisam ser respeitados e valorizados para o bem da coletividade.

A pesquisa sobre a Favela Zumbi dos Palmares traz narrativas sobre o processo de favelização desde o ano de 2003, logo após o pedido de reintegração de posse dos apartamentos inacabados do Bairro Parque Olaria, em Santa Bárbara d’Oeste - SP, onde, os moradores, após saírem do local, adentram numa área livre localizada à Avenida Antônio Pedroso – Bairro Barroco, ao lado da Escola Municipal Carmelina Pellegrino Cervone, em frente à Escola Técnica Estadual Prof. Dr. José Dagnoni.

Nesse contexto, esta dissertação está estruturada em três capítulos que sucedem a Introdução que contextualiza o tema e apresenta os objetivos de pesquisa. No primeiro capítulo, denominado “O Caminho Metodológico da Pesquisa... e no caminho tinha uma Favela”, esclareço quais os instrumentos e formas foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, como se deu a busca pelos autores para respaldar teoricamente a pesquisa e as escolhas realizadas: a escolha das memórias da Favela Zumbi dos Palmares como objeto de estudo; a escolha dos sujeitos que narram a memória da vivência na Favela; a escolha da Pesquisa (Auto)biográfica, a Roda de Conversa, o local e as questões norteadoras; todas a fim de compreender o lugar de Resistência que foi a Favela Zumbi dos Palmares, reafirmando os objetivos propostos nesta investigação.

Termino o Caminho Metodológico com uma reflexão sobre como a Educação Sociocomunitária permeia as práticas de

resistência empenhadas pelas mulheres. Estas podem ser vistas como experiências auxiliares na reconfiguração das ações políticas no Município de Santa Bárbara d'Oeste, trazendo um olhar mais humano entre o Estado, as Mulheres e a população mais pobre.

No segundo capítulo, intitulado "Trajetórias de Lutas", me coloco ao lado das mulheres, sujeitos da pesquisa, trazendo o meu Memorial denominado "Lugar de Fala", tendo como ponto de partida a minha primeira infância no bairro de Guaianazes, na cidade de São Paulo. A escrita passa pelo aspecto familiar, a escolarização, a militância no Movimento Negro e o processo de tornar-me uma profissional da Educação no município de Santa Bárbara d'Oeste, onde todos esses processos me ligam diretamente à Favela Zumbi dos Palmares, pois, neste memorial está presente a riqueza da pobreza. Apresento o nascimento da Favela Zumbi dos Palmares e a Favela como lugar de luta, contando a história das mulheres participantes da pesquisa, com o objetivo de estabelecer relações entre as narrativas e compreender que a luta pela qualidade de vida não se inicia com a Favela Zumbi dos Palmares.

No terceiro capítulo, denominado "Memórias da Favela" enfoco o desabrochar das narrativas das mulheres, através de suas memórias, partindo das lutas travadas no cotidiano da Favela. As narrativas trazem beleza, alegria, tristeza e reúnem as experiências que essas mulheres tiveram para conduzir suas vidas de maneira a tornarem-se corresponsáveis pela busca de uma vida mais justa. A escrita das narrativas é subsidiada especialmente pela literatura negra e feminina, pelo pensamento de autoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Ângela Davis.

Nas Considerações Finais retomo a dissertação como um todo analisando a escrita de cada capítulo e apresentando ao leitor o processo de ensino aprendizagem existente ao reviver a Favela Zumbi dos Palmares pelo olhar daqueles que viveram ali por treze anos. Na sequência listo as Referências utilizadas na composição do trabalho, bem como Apêndices e Anexos que encerram a dissertação.

## **1. O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA... e no caminho tinha uma Favela**

A Favela Zumbi dos Palmares estava situada no caminho do meu trabalho até a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Rodrigues, situada no bairro Jardim Pérola em Santa Bárbara d'Oeste - SP. O crescimento desenfreado da Favela em condições miseráveis ocasionava um sentimento ruim em mim. Daí o objetivo de narrar as experiências vividas por moradoras da Favela Zumbi dos Palmares, a fim de compreender a favela como um lugar de resistência. Construir a memória da Favela, pelo reconhecimento das narrativas de três moradoras por meio de escuta, é um fator determinante para que os moradores da favela possam afirmar plenamente a sua condição de sujeito de direitos e, portanto, seu pertencimento à cidade.

O processo de encontro com o novo tema da pesquisa foi gradativo e vindo através das leituras, das referências bibliográficas que determinaram o caminho metodológico a ser seguido. A disciplina "Seminário de Pesquisa" subsidiou a escolha. No decorrer do primeiro semestre do Curso de Mestrado tivemos a apresentação de vários modelos de escrita de dissertações. Entre uma dessas apresentações fui tocada profundamente pela metodologia utilizada, na qual se propiciava a colaboração entre pesquisador e participantes. Tratava-se de uma roda de samba denominada "Pagode do Souza". A autora, Thais Ferreira (2016), organizou a pesquisa em narrativas, que foram criadas a partir das falas dos participantes e das situações acontecidas na roda de samba.

A disciplina estudada possibilitou-me ver a pesquisa (auto)biográfica como uma excelente oportunidade de escrita. Entendia que esta deveria ser algo dinâmico, onde o pesquisador e os participantes pudessem interagir uns com os outros de maneira a refletir sobre o processo de favelização em Santa Bárbara d'Oeste. As narrativas seriam um instrumento de investigação apropriado para o desenvolvimento da dissertação em curso?

Na tentativa de responder tal questão lembrei-me que cresci ouvindo histórias e sempre acreditei que valoriza-se muito escrevê-las, para que elas se transformassem em livros. As histórias que ouvia não eram contadas pelos livros, mas, sim, pela memória. Sabe aquelas histórias que se tira do fundo do baú e que diante da escuta delas a gente ri, chora, se arrepia, sente dor de estômago, dor de cabeça e tantos outros sentimentos? Refletir e escrever sobre a Favela Zumbi dos Palmares, por meio da percepção de três mulheres, me fez escolher a pesquisa de abordagem qualitativa, pois, segundo Minayo (2001), este tipo de pesquisa se envolve com as histórias produzidas pelos indivíduos, respeitando seus valores, crenças, atitudes, produzindo estratégias para o desenvolvimento do trabalho empírico, utilizando-se da técnica de narrativas orais, sabendo o quanto as mesmas dariam espaço para o sentir, pensar e ser.

Na disciplina “Educação, História e Memória”, ministrada pelo Prof. Dr. Francisco Evangelista, também orientador desta dissertação, sou tomada por uma inquietude que Paulo Freire (2011) tão bem descreveu. Foram as indagações que me levaram ao caminho metodológico a ser usado no desenvolvimento desta pesquisa.

No decorrer das aulas tive a oportunidade de me aprofundar nos pensamentos de Jorge Larrosa Bondia (2002; 2004), Mikhail Bakhtin (2010), Walter Benjamin (1985; 1987; 1989; 1994), os diversos textos apresentados pelo professor Francisco, foram delineando as intencionalidades da pesquisa e contribuindo para o caminho a ser percorrido pela escrita Assim como explícita Larrosa (2002, p. 28), “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar e nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”.

De uma maneira muito cuidadosa nos fora apresentada a beleza das narrativas. Os textos utilizados pelo Prof. Dr. Francisco Evangelista conversavam conosco de maneira muito particular e apontavam as pesquisas narrativas como metodologia e recurso ao “narrador-investigador” (EVANGELISTA; CRUZ, 2016), pois, o educador carrega consigo as experiências, que também são fontes

de pesquisa e se transformam em material para o desenvolvimento da educação social.

Outra estratégia utilizada pelo professor e que auxiliou muito na escolha da metodologia da pesquisa foi o trabalho com as teses de doutoramento das professoras pesquisadoras Vicentini (2012), Cruz (2012), Galzerani (1998), Bragança (2012). As professoras tratam das narrativas, das memórias, das experiências onde explicitam que a “a experiência é cada vez mais rara” (LARROSA, 2004, p.116).

Além da importância das experiências poderem ser compartilhadas para o bem da coletividade, é possível constatar que a Educação Sociocomunitária tem na pesquisa narrativa alguns entrelaçamentos, como bem apontam Evangelista e Cruz (2016):

A pessoa e a comunidade educativa estão envolvidas com esta prática de investigação, formação e pesquisa; todos são envolvidos pela teia do pensar, do narrar e do fazer, que afeta não apenas a vida daquele que pesquisa, como também a vida do seu entorno e dos demais sujeitos envolvidos em sua prática (EVANGELISTA; CRUZ, 2015, p.167).

Entendo que esta metodologia possibilita o exercício da autoria das histórias da Favela, como também a construção e reconstrução de saberes, o acolhimento e a afetividade, quando se narra as experiências vividas no lugar.

Após muitas reflexões, idas e vindas, com suporte teórico de Clandinin e Connelly (2011), escolhi a pesquisa narrativa para estudar, a então Favela Zumbi dos Palmares, no Município de Santa Bárbara d'Oeste.

Lendo o livro “Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa”, Clandinin e Connelly (2011, p.116) destacam que: “[...] a pesquisa narrativa é muito do que ‘procurar e ouvir histórias’. A pesquisa narrativa vivida no campo de pesquisa é uma forma de viver, é um modo de vida”.

A narrativa traz elementos reflexivos sobre os modos de dizer e escrever e era exatamente o que eu gostaria de propiciar para os sujeitos da pesquisa, bem como, desejava me colocar como pesquisadora. As narrativas, as histórias vividas que perpassam pelas

questões de ordem pessoal e ultrapassam os limites da academia apresentam uma opção cada vez mais divulgada na área da pesquisa educacional, porque “os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivem vidas relatadas” (CONELLY; CLANDININ, 1995, p. 11).

As narrativas orais ensinam pensar nas histórias das famílias, nos costumes orais que passam de geração em geração através da linguagem. Implica, igualmente, lembrar que outrora, contar histórias não era algo corriqueiro, era um trabalho pelo qual muitos se responsabilizavam em fazê-lo e por meio dele foram repassados muitos ensinamentos e muitas lições de vida.

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994), considerava o ato de narrar uma das mais antigas formas de expressão popular. Para Benjamin, a narrativa é a materialização da tradição oral que se acumula ao longo das vivências. Na compreensão de Benjamin, narrar é trocar experiências, é entrelaçar um fio que se nutre diariamente nos fios da memória, constituindo uma rede ao logo do tempo, como no trabalho manual.

Segundo Benjamin (1985, p.220-221): “A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”.

Para Benjamin (1985), encontrar alguém com a possibilidade de narrar é muito raro. A insegurança se dá quando se deseja ouvir a narração de uma história e é como se tivesse tirado do indivíduo a capacidade de trocar, por meio de palavras, as experiências vividas. A arte de narrar está destinada ao fim, segundo o próprio Benjamin.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1985, p. 197).

Mesmo me identificando muito com o texto narrativo, confesso ter tido dúvidas ao elaborá-lo, pois, como comprovaria a veracidade da pesquisa?

Durante as orientações para o desenvolvimento da dissertação fui sendo instrumentalizada para encontrar fontes documentais para a pesquisa, ou seja, em busca de “quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano.” (PHILLIPS 1974, p.87 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.38). As fotos, as notícias de jornais, documentos de órgãos públicos se tornaram fontes documentais para a pesquisa realizada conforme se pode observar no decorrer desta dissertação.

### **1.1. Sujeitos da Pesquisa**

Nascer no bairro periférico de Guaianazes - São Paulo, conhecer e vivenciar a pobreza na minha primeira e ser militante do Movimento Negro de Santa Bárbara d'Oeste me permitiu acompanhar de perto a trajetória de luta dos moradores da Favela Zumbi dos Palmares, no decorrer dos anos de 2003 a 2016. Para encontrar os sujeitos da pesquisa – as Mulheres – tive que recorrer à minha memória para resgatar as vivências na Favela; as mulheres estavam sempre presente em reuniões do movimento para discutir moradia, vaga em creche, trabalho, saúde e segurança. O olhar do Movimento Negro estava para além da cor da pele. Domingues (2006) assim define como Movimento Negro:

A luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural (DOMINGUES, 2006, p. 101).

Como professora, diretora de escola, militante do Movimento Negro, o meu papel se confundia muito dentro da Favela, pois ora eu representava a militância negra e em outro momento eu era o próprio Poder Público, tendo a obrigação de dar respostas aos moradores da Favela, especialmente no que se referia às demandas

educacionais e até levando outras reivindicações até a Administração Municipal.

No ano de 2016, o Movimento Negro criou a “Associação Carolina Maria de Jesus”, um coletivo de mulheres, que tem como objetivo discutir o empoderamento das mulheres, construindo estratégias de mudança na condição e na posição delas dentro da sociedade, com base em um trabalho individual e coletivo. Estando envolvida com este grupo de mulheres, que atua especialmente nas áreas de vulnerabilidade social, tive a oportunidade de encontrar mulheres, ex-faveladas, dispostas a narrar suas experiências vividas na Favela Zumbi dos Palmares.

Escolhi três mulheres para o desenvolvimento da pesquisa. Elas estavam envolvidas no processo de favelização e se mostraram lideranças na Favela. Reivindicavam melhorias para o lugar, faziam interlocução com o Poder Público, dialogavam com as pessoas que dominavam o tráfico de drogas, foram importantes para que houvesse garantia de água, alimentos, roupas para os mais necessitados e coleta de lixo para o lugar.

As mulheres participantes da pesquisa se mostraram muito solícitas em contribuir com esta dissertação através de suas narrativas. Elas deixaram claro o desejo de falar sobre as dificuldades na vivência da Favela, sobretudo, queriam falar desse lugar como refúgio e desejavam contribuir contando histórias sobre a Favela, a fim de manter viva a sua memória. Contar histórias, segundo Benjamin (1994, p.205), “sempre foi a arte de contá-las de novo”, e é isso que os sujeitos da pesquisa se propõem, a transmitir sua experiência, pois, conforme Benjamin (1994, p.197), o narrador está “em vias de extinção” e estas mulheres propiciam a continuidade do ato de narrar.

Confesso que a expectativa dos sujeitos me preocupou, todavia acredito que a escrita é um instrumento político de representatividade e que deve ser utilizada para a transformação da sociedade. Nesse sentido faço menção à obra de Conceição Evaristo (2017), intitulada “Becos da Memória”, que reflete sobre a Escrivivência; nela “as histórias são inventadas, mesmo as reais,

quando são contadas”. Sendo assim, as narrativas de vida dessas mulheres da Favela Zumbi dos Palmares, como sujeitos da pesquisa e seus entrelaçamentos com as necessidades sociais, por estarem à margem, marcam as estratégias dos movimentos de resistência, por elas elaborados pela relação de cumplicidade com outros sujeitos.

Ressalto que em seu livro “Becos da Memória”, a autora trata sobre o drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo na Favela cabe à figura feminina, símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. As reflexões propostas por Evaristo ocorrem dentro de uma perspectiva de denúncia à condição social dos mais pobres, especialmente os negros e negras, fazendo uso de sensibilidade e ternura. Para a autora: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2017, p. 21).

Como não ser atingida pela situação de extrema pobreza e a falta de elementos básicos para o desenvolvimento qualitativo da vida? Grandes preocupações me tomavam pelas violações de direitos observados na Favela. Seria possível àqueles moradores incomodarem o Poder Público de maneira a ter um olhar humano para a Favela? Segundo Chizzotti (1995, p.83), “na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”.

Durante esses treze anos as moradoras reivindicaram moradia, melhoria para a Favela, questionando os Prefeitos Álvaro Alves Correa (2001 a 2004), José Maria de Araújo Júnior (2005 a 2008), Mário Celso Heins (2009 a 2012) e Denis Eduardo Andia (2013 a 2016 quando do término da Favela Zumbi dos Palmares).

## **1.2. Qualificação dos Sujeitos**

O Quadro 1 apresenta um breve perfil das moradoras pesquisadas, as quais receberam nome fictício.

**Quadro 1 – Qualificação dos Sujeitos**

Nome Fictício	Idade	Procedência	Cor	Nº de Filhos	Escolaridade	Renda	Ocupação
Talita	36	Aguai	Negra	02	Ensino Médio Completo	600,00	Coletora de material reciclável
Lidiane	30	Santa Bárbara d'Oeste	Negra	03	Fundamental Incompleto (5º ano)	500,00	Coletora de material reciclável
Rafaela	30	Crato – Ceará	Negra	03	Ensino Fundamental Incompleto (6ºano)	500,00	Coletora de material reciclável

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

O perfil dos sujeitos é bastante semelhante. As pesquisadas são todas moradoras do Bairro Bosque das Árvores moradia fruto da Resistência ao processo de favelização na Favela Zumbi dos Palmares, advinda do Programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal, onde 1320 moradias foram entregues em 2016. Elas trabalham na Cooperativa de Reciclagem “Juntos Somos Fortes” situada no Distrito Industrial II, em Santa Bárbara d'Oeste, no horário das 8h00 às 16h00, de segunda a sexta--feira.

### 1.3. As Rodas de Conversa

A Roda de Conversa foi uma possibilidade que encontrei para estabelecer uma comunicação mais dinâmica com as mulheres, já que a primeira estratégia, através do questionário, havia sido frustrada devido à dificuldade delas com a escrita. Segundo Souza (2012), a roda de conversa é uma prática social com muitos aprendizados a serem compartilhados, com base no diálogo, na amplitude das ideias sobre o mundo, pessoas e histórias.

As Rodas de Conversas foram agendadas a partir da disponibilidade das Mulheres e o local também fora indicado por elas, para que pudéssemos realizar a escuta das narrativas com tranquilidade. Inicialmente foi explicado o objetivo da pesquisa e solicitada a autorização para a gravação e para o registro da conversa.

Rememorar a vivência na Favela necessitou uma reorganização interna, pois se tinha conhecimento que seria descortinado uma realidade há tempo não comentada. Viria à tona o cotidiano vivo de um território altamente diverso, carregado de contrastes e contradições envolvendo as condições de moradia, relações entre pares, harmônicas ou não.

As experiências de vida que direcionam esta pesquisa nos trazem narrativas que mobilizam sentimentos, pensamentos e também apontam outros questionamentos para aprofundamentos futuros.

As mulheres demonstraram alegria em participar da pesquisa narrando suas histórias.

#### **1.4. Temas que Norteiam as Rodas de Conversa**

As rodas de conversa foram organizadas para propiciar as narrativas sobre a Favela e que através delas fossem preservadas as memórias individuais e coletivas, especialmente quando os sujeitos vivem sob condição de vulnerabilidade social. A escrita das narrativas a partir da vivência das mulheres é importante para que essas histórias não se percam no tempo, não sejam apagadas ou esquecidas.

Para conduzir as rodas de conversa com os sujeitos foram elaborados os seguintes temas, conforme Quadro 2.

## **Quadro 2 – Temas norteadores das Rodas de Conversa**

Os Motivos que levaram a morar na Favela Zumbi dos Palmares
As Crianças na Favela
Entre as Dores da Favela
Violência da Polícia
A Violência contra a Mulher
A Solidão da Mulher

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Os temas norteadores das rodas de conversa foram organizados a partir das situações que afligiam os moradores da Favela, segundo as minhas lembranças. Recordo-me da construção dos barracos, das ameaças de reintegração de posse, das crianças brincando em meio ao lixo, das muitas violências do Estado e da garra das mulheres que me auxiliaram a narrar a Favela como lugar de resistência.

### **1.5. Local das Rodas de Conversa**

As Rodas de Conversa foram realizadas na Sede da Cooperativa de Reciclagem “Juntos Somos Fortes”, situada à Rua James Müller Carr, nº 545, no Distrito Industrial II, em Santa Bárbara d’Oeste - SP.

Os encontros nas Rodas de Conversa ocorreram às quartas-feiras, das 9h00 às 11h00, entre os meses de junho a outubro de 2019.

Foram necessários 07 encontros para realizarmos a escuta das narrativas, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

Acordamos que, ao final da pesquisa, seriam disponibilizadas as informações, bem como, seriam realizados encontros para uma devolutiva acerca dos resultados da investigação sobre Trajetórias de luta: Mulheres pobres, ex-faveladas e a Educação Sociocomunitária como prioridade.

## **1.6. Material de Análise**

A pesquisa conta com o uso de fotos do meu acervo pessoal, formado pela minha militância no Movimento Negro; tais fotos revelam os problemas estruturais da Favela, a fim de que o leitor desta pesquisa possa compreender o contexto em que se deram as narrativas. As imagens registradas nas fotos retratam fragmentos do processo de favelização. Para Sontag (1986), as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado.

Do mesmo modo, faço uso de reportagens de jornais da Região Metropolitana de Campinas (RMC) para comprovar fatos ocorridos na Favela, através de documentos adquiridos ao longo da execução da pesquisa e com as transcrições das narrativas das rodas de conversa.

Ainda compondo a pesquisa destaco a importância dos Apêndices e Anexos, que são elementos utilizados para a fundamentação e comprovação das narrativas, colaborando para que o leitor possa melhor compreendê-las.

## **1.7. Forma de Análise da Pesquisa**

A narrativa dos sujeitos como ferramenta de análise, apoiada pela literatura negra e orquestrada pela Educação Sociocomunitária é um dos principais instrumentos para validar as vivências de lutas e desafios, desconstruindo o lugar de subalternidade ao qual a Favela foi submetida. A escuta, a transcrição das narrativas, o suporte teórico baseado no livro “Lugar de Fala”, de Ribeiro (2017), contribui para o resgate da memória individual e coletiva da Favela.

## **1.8. Local de Memória da Pesquisa**

Segundo dados adquiridos pela Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d’Oeste – Secretaria Municipal de Planejamento em agosto

de 2019, a Favela Zumbi dos Palmares, foi habitada em uma área de mais de 24.000 m<sup>2</sup> de extensão, por 252 famílias em média, conforme mostra a Figura 1.

**Figura 1** – Área de ocupação da Favela Zumbi dos Palmares



Fonte: Portal Região Hoje (2019).

O local não possuía saneamento básico, o esgoto era a céu aberto, os moradores se utilizavam de água e energia elétrica sem efetuar pagamentos, através dos conhecidos “gatos”.

Os barracos foram construídos com madeirite, papelões, portas de guarda-roupas, portas de geladeiras, plásticos, telhas, restos de construções deixados em caçambas nas ruas. Havia, também, os moradores da cidade, que se compadeciam da situação dos moradores da Favela e ajudavam doando madeiras, lonas, sacos de cimentos, telhas, entre outros materiais.

**Figura 2** – Barraco na Favela Zumbi dos Palmares, material frágil na construção das moradias



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2015).

Acompanhei os moradores, sem acesso ao saneamento básico, num lugar difícil, que revelava o ambiente de desigualdade social presente no município, como bem aponta Milton Santos (1979):

A pobreza em seu sentido mais amplo, não só implica um estado de privação material como também um modo de vida, onde estão em jogo as condições que criam a ausência de autoestima – e um conjunto complexo e duradouro de relações e instituições sociais econômicas, culturais e políticas criadas para encontrar segurança dentro de uma situação de insegurança. (SANTOS, 1979, p.10).

**Figura 3** – Conjunto de barracos na Favela



Fonte: Comunidade Zumbi dos Palmares SBO; página no Facebook (2019).

As condições da Favela me incomodavam muito devido ao risco apresentado aos seus moradores, em especial às crianças. Por ser um ambiente com muito lixo, frequentemente eram encontrados ratos, escorpiões, cobras, baratas, aranhas, que afetavam diretamente a saúde de seus moradores. As fossas existentes nos barracos com 1,5m a 2m de profundidade eram extremamente perigosas às crianças de menor idade, pois, além de poderem cair nas fossas, havia o risco de afogamento, como aconteceu com uma criança que veio a óbito por cair dentro de um balde d'água; o caso foi denunciado pelo Conselho Tutelar no ano de 2012, pelo fato que o balde com água era utilizado como descarga. Os idosos e os deficientes físicos sofriam ainda mais com a estrutura da Favela.

Foi necessário pesquisar fontes teóricas que subsidiassem o meu olhar social para as fragilidades da Favela, de maneira a encontrar suas potencialidades. Portanto, entendi que “vamos ter que aprender outras pedagogias, que aprender outras teorias pedagógicas, aliás, vamos ter que construí-las porque não existem” (ARROYO, 2007, p. 191). Acredito que a Educação Sociocomunitária é uma dessas pedagogias a serem estudadas para qualificar pesquisas educacionais na área social. Assim, me

proponho a dialogar com autores que tratam sobre a Educação Sociocomunitária.

### **1.9. A Educação Sociocomunitária como Prioridade**

A Educação Sociocomunitária dentro do campo metodológico da pesquisa é o fio condutor para ajudar a pensar a Favela como espaço educativo, que exige que a educação seja compreendida de forma prioritária. A educação comunitária é fundamental no desenvolvimento das condições de vida digna para o ser humano, principalmente quando se enfoca a alteridade, o saber colocar-se no lugar do outro. Os moradores da Favela Zumbi dos Palmares viviam em situações que mereciam atenção especial; era impossível ficar indiferente à situação vivenciada por eles, sendo essencial que o processo educativo dos moradores da Favela passasse pela politização, possibilitando-os desenvolver a capacidade de analisar criticamente a situação vivenciada, para a elaboração de estratégias de luta contra um sistema opressor que favorece aqueles que detêm mais recursos.

Paulo de Tarso Gomes (2008) afirma que:

A proposta da investigação em educação sócio-comunitária surgiu do estudo da identidade histórica de uma prática educativa, a educação salesiana. Em suas origens históricas, ela se fundava na articulação de uma comunidade civil – de religiosos e cidadãos comuns – em torno de um projeto educacional, que participou e promoveu transformações sociais em seu tempo e lugar histórico (GOMES, 2008, p.53).

Paulo Freire (1970, p. 17), em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, faz uma dedicatória aos que mais precisam: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

A Educação Sociocomunitária contribui para com o meu olhar social para a Favela Zumbi dos Palmares. Na medida em que avanço na literatura sobre esse tipo de educação e rememoro o

processo de favelização em Santa Bárbara d'Oeste, compocho uma pesquisa que trata de esperança e sonho.

A educação é processo sociolibertador, e se faz verdadeira pedagogia capaz de construir a nova cultura, a nova política, a nova história nas práxis dos (as) educandos (as) como sujeitos: Práxis amorosa que nasce da nova lei, centrada na ética em favor da vida e do respeito às diferentes culturas, que organiza o povo, promove a autonomia e a liberdade possibilitando a esperança em sonhar e realizar um novo mundo, mais justo, bom e humano para todos e todas (FREIRE, 2011, p. 65).

A Educação Sociocomunitária, segundo Isaú (2007) e Gomes (2008), tem sua base de formação na educação salesiana, pelas ações de Dom Bosco, as quais visavam auxiliar e educar os jovens que ele acolhia para a vida social, contribuindo para o seu bom desenvolvimento psicossocial, todavia, ela não é destinada apenas à educação salesiana. A escola já não é mais o único espaço primordialmente potencializado para educar. Os meios de convivência passam a compartilhar essa responsabilidade, onde os lugares educativos, organizados pela sociedade, podem potencializar a riqueza do espaço.

A Educação Sociocomunitária está comprometida com o desenvolvimento da sociedade, com a emancipação, a redução das desigualdades sociais, a justiça e a equidade. Esta linha educacional trabalha com pessoas oprimidas pela ideologia neoliberal e contribui para a organização e conscientização dos grupos ou pessoas na luta pela concretização de direitos, visando colaborar com o rompimento do ciclo de miséria e violência por meio da escuta das vozes subalternizadas, por meio da participação efetiva na sociedade, com responsabilidade, independência e autonomia, como bem esclarecem Bissoto e Miranda (2012).

A Educação Sociocomunitária, antes do que mais uma subdivisão ou uma especialização da educação, deve ser entendida como um processo: aquele de escuta – e assim de trazer à tona, de favorecer a emersão - das diferentes vozes que compõem as múltiplas educações, que vão nos configurando - construindo a nossa subjetividade - enquanto vamos sendo inseridos nas malhas de relações sociais, que constituem o viver. A escuta atenta destas

vozes, colocá-las em diálogo, levantando a discussão de suas contradições e ideologias, é fundamental para que tenhamos a tessitura da realidade mais crítica e emancipatória (BISSOTO; MIRANDA, 2012, p. 62).

O tema abordado na pesquisa “Trajetórias de luta: Mulheres pobres, ex-faveladas e a Educação Sociocomunitária como prioridade” possibilita reconhecer que o conhecimento está em toda parte, onde o saber da periferia tem tanto valor quanto o saber da área central. A Educação comunitária nos conduz a uma nova forma de pensar e agir na educação. Há conexão com a comunidade, saindo dos espaços institucionais, articulando os conhecimentos, os lugares, as organizações, as pessoas e com tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

“É muito difícil conceber a educação sem que ela seja por si mesmo também comunitária e social, se definirmos o homem como um ser social” (ISAÚ, 2007, p.07).

Isaú (2007) ainda complementa que:

Por educação comunitária, em princípio, seria a educação realizada numa comunidade para viver em comunidade e realizar-se com a participação desta e para o desenvolvimento desta sem descuidar a realização da própria pessoa humana. Já a educação social realiza-se na sociedade, para o desenvolvimento da sociedade, ampliando o âmbito da educação comunitária, pois entendemos que a sociedade é a integração das comunidades em um organismo mais vasto, o ‘mundo social’, ou ‘superorganismo’. Em ambos os casos a educação individual só se concebe integrada nas duas estruturas, para a própria realização individual. Por isso chamamos de educação sociocomunitária (ISAÚ, 2007, p.07).

Refletir sobre a Favela Zumbi dos Palmares é pensar nas possibilidades de transformação dos sujeitos e, nesse sentido, Groppo (2013, p.105) afirma: “A Educação Sociocomunitária trata das ações educativas de impacto social, para além da escola, ou que envolvem a relação escola-comunidade”. O objetivo da Educação Sociocomunitária é potencializar as vozes das comunidades para a elaboração de políticas públicas que resultem em ações eficazes para a transformação da sociedade com valores a contribuir para

maior consciência dos direitos humanos fundamentais e dos direitos de cidadania.

As memórias das mulheres surgem unindo o passado e o presente dentre os barracos da favela que, pouco a pouco, iam se enveredando para a transformação. A ausência do Estado trazia fortes indícios da importância da Educação Sociocomunitária, já que não era possível contar com os serviços públicos, sendo essenciais as ações de solidariedade presentes nesta educação.

Nas relações de amizade estabelecidas na Favela Zumbi dos Palmares emergiam a coletividade muito marcada em momentos de reivindicações junto ao governo Municipal e estas foram construídas a partir da necessidade de conquistar os seus direitos. A Favela necessitava de uma educação que preservasse os valores da vida comunitária ofertando possibilidades de transformações através das ações coletivas, respeitando a identidade e a unidade dos moradores, propiciando a construção de uma vontade coletiva.

Ao término deste capítulo saliento a importância da leitura dos anexos da pesquisa, pois estes trazem documentos que contribuem para a compreensão das vivências na Favela.

O capítulo que segue apresenta a trajetória de luta das mulheres objeto da pesquisa e, me juntando a elas nesta trajetória, vamos narrando histórias de resistência na nossa luta cotidiana por respeito ao lugar, ao nosso lugar de pertencimento.

## 2 TRAJETÓRIAS DE LUTAS

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.  
O movimento vaivém nas águas-lembranças  
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto.  
Sou eternamente naufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas.  
Conceição Evaristo (1992, p.17).

### 2.1. Memorial – Lugar de Fala

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta. Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível ‘voz de ninguém’, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade.

Djamila Ribeiro (2017, p. 90).

Nasci em junho de 1972, na cidade de São Paulo, num bairro de origem indígena da tribo dos Guaianás, situado na Zona Leste da capital, chamado Guaianazes. Filha da Empregada Doméstica Maria de Lourdes da Silva e do Soldado da Polícia Militar Antônio Francisco da Silva, em uma família de seis irmãos, sou a caçula. Pela ordem cronológica era: José (in memoriam), Jandira, Daniel (in memoriam), Jane, Jairo (in memoriam) e Tânia. Cresci sendo cuidada pelas minhas irmãs enquanto meus pais trabalhavam. Elas cuidavam também do meu irmão Jairo, quatro anos mais velho do que eu. Quando nasci, meu irmão Daniel já havia falecido e o meu irmão José já havia saído de casa para trabalhar.

A minha primeira infância foi junto ao meu irmão Jairo e meus catorze primos. A pobreza não me impediu de ter uma infância saudável. O direito de brincar me foi garantido. A rua era nossa, das crianças, dos meninos e das meninas; lembro-me que, raramente, passava algum carro na rua em que eu morava, então, brincávamos de pega-pega, mãe da rua, cinco Marias, estrelinha, taco, carrinho de rolimã, esconde-esconde, soltávamos pipa, brincávamos de queimada. A falta do brinquedo não nos impedia de nos divertir.

Trago em minha memória a lembrança de que éramos um grupo de crianças pretas, pardas, pobres e felizes! Filhos de nordestinos, em sua grande maioria, inclusive eu, fizemos da rua o quintal de nossas casas. Na rua da minha casa, só havia uma família branca, era um casal que tinha dois filhos: a Márcia e o Renato, mas, eles não brincavam na rua, ficavam trancados o dia todo. A casa deles era a mais bonita da rua. Lembro que eu sentia pena deles não brincarem conosco.

Eu gostava da minha casa, meus pais viviam cuidando dela; meu pai sempre dizia: “A gente que é preto não pode ficar para trás”. Meus pais trabalhavam muito, chegavam em casa tarde todos os dias. Pegavam o trem na Estação de Guaianazes às 5 horas da manhã, para chegar a tempo no trabalho. Saíam de casa muito cedo, às 4h20min, para estar no trabalho às 7 horas. A lembrança que tenho de meus pais na infância é a de vê-los trabalhando.

Minha mãe chegava muito tarde do trabalho, trazia consigo uma sacola pesada com sobras de alimentos. Mesmo cansada, fazia um bolo, passava roupas, deixava os alimentos prontos para o outro dia. Na hora de dormir, ela ficava segurando forte na minha mão, até que eu adormecesse.

No ano de 1978 ingressei na pré-escola. A princípio não gostei da escola, pois, eu era uma menina livre, acostumada com a alegria da rua da minha casa. Uma menina de rua, “Rueira” como dizia mãe. A escola era um lugar de disciplina, silêncio, ordem. Lugar onde se deveria obedecer a professora, sentar direitinho, andar em fila, usar uniforme: camiseta branca, saia azul marinho e meia

branca. É óbvio que dei trabalho para a professora. Me recordo que a minha primeira professora era uma mulher branca, que não gostava de barulho e que organizava a sala de aula de maneira que as crianças negras ficassem separadas das crianças brancas. Na minha sala, tinha três crianças negras: eu, um menino e uma menina. Foi na escola e através da sua organização que conheci o apartheid ou separação racial, regime este que fora implantado na África do Sul em 1948 e que, notadamente, atingiu as escolas brasileiras também, pois, hoje, quando converso com vários amigos (as) sobre suas experiências escolares, tenho tristes narrativas de racismo no espaço escolar.

Frequentei a Congregação Cristã do Brasil desde muito pequena. Foi pelas mãos da minha mãe que segui esta doutrina por muitos anos. Nascer e crescer num lugar cristão não me impediu de presenciar a violência doméstica em minha casa. Meus irmãos foram os que vivenciaram a violência física e psicológica praticada pelo meu pai. Como eu sou a caçula, de certa forma, fui protegida pelos meus irmãos.

Estudei em uma boa escola em Guaianazes. Ela era limpa, organizada e lá se exigia o uso do uniforme, acrescentando a este, um sapato Vulcabras horrível. Minha professora do primeiro ano se chamava Vanda, era negra e vivia me mudando de lugar, pois eu conversava muito. Aprendi a ler sem dificuldades, gostava da escola, era a única aluna negra da sala e só tinha uma amiga chamada Sandra. Sempre que possível, eu levava um queijo polenguinho para ela, esperando sempre não ser abandonada por ela no recreio.

Na década de 1980 mudamos para o Município de Santa Bárbara d'Oeste – São Paulo, após a aposentadoria do meu pai. Eu e meu irmão vivenciamos na pele o preconceito social e racial. Na escola, nós éramos as únicas crianças negras, os filhos da empregada doméstica e do senhor que pegava os restos de alimentos da escola, para alimentar seus porcos.

A minha segunda infância foi muito boa, pois mudamos para uma chácara. Andávamos a cavalo, com o Gaúcho e o Ventania. Passamos a

conviver com a natureza de pertinho, andar no meio do mato, entrar em lagos, comer frutas no pé. Matávamos a saudade dos primos escrevendo cartas; não tínhamos telefone, portanto, escrevíamos uns para os outros. Na escola tornei-me uma criança quieta, gostava muito de estudar, mas me sentia muito sozinha.

Aos dez anos de idade comecei a trabalhar como babá, junto com minha mãe, na casa do delegado da cidade, na época. Estudava de manhã e trabalhava à tarde. Gostava de cuidar da criança, mas não suportava a regra de que a empregada e sua filha deveriam aguardar para almoçar sempre depois dos patrões. A gente sempre ficava com o resto. Terminei a minha infância conciliando estudo e trabalho. Não tinha mais tempo para brincadeiras.

Quando adolescente me apaixonei pelo grupo “Menudos”, o grande fenômeno musical dos anos 80; nesse período também passei a desenvolver o gosto pela leitura e a série Vagalume fez parte da minha vida de uma maneira muito intensa. Recordo-me de alguns livros: A Ilha Perdida, Cabra das Rocas, Coração de Onça, Éramos Seis, O Escaravelho do Diabo, O Gigante de Botas, O Caso da Borboleta Atíria, Cem Noites Tapuias, Menino de Asas, Tônico, Spharion, entre outros. Também li bastante romances de banca como Julia, Sabrina e Bianca. Não consigo me recordar como cheguei a então escritora Adelaide Carraro, mas sei que a escrita dela me tocava profundamente por mostrar a realidade da vida. Li vários dessa autora: O Estudante I, II e III, Meu professor, Meu Herói, Mãe Solteira, Na época do sol, Falência das Elites, Os Ricos também Matam. Ao término do Ensino Fundamental, optei por ingressar no Magistério, com o objetivo de continuar percorrendo o mundo das palavras, das letras, dos livros. Estar na escola me deixava muito feliz e estudar era algo muito importante para mim.

No final dos anos oitenta iniciei o Magistério na Escola Estadual Comendador Emílio Romi, em Santa Bárbara d’Oeste – SP. Nesta escola, representada pela foto na Figura 4, foi onde obtive a minha primeira formação, desenvolvendo os conhecimentos necessários para a execução dos trabalhos educacionais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Durante os quatro

anos do curso no “Emílio”, como carinhosamente denominava a escola, aprendi sobre o desenvolvimento infantil e me identifiquei com o papel de agente transformador a que se propunha um Professor da escola pública.

**Figura 4** – Escola Estadual Comendador Emílio Romi



Fonte: Escola Estadual Comendador Emílio Romi; página no Facebook (2019).

Após o término do Curso de Magistério ingressei na Educação Infantil (Creche), por meio de concurso público, no ano de 1991, em Santa Bárbara d’Oeste. Naquele momento a creche era de responsabilidade da Assistência Social, portanto, o trabalho desenvolvido com as crianças tinha como diretriz o cuidar, ou seja, dar banho, efetuar as trocas de fralda, alimentar, oferecer segurança, carinho e amor.

O trabalho na Creche foi o primeiro sinal de que eu estava no caminho certo. Sempre valorizei as questões relacionadas à afetividade, já que me encantava com o desenvolvimento dos bebês. Foi no espaço da creche que eu presenciei o racismo.

O racismo era praticado com as crianças negras por falta de conhecimento. As crianças negras tinham muita dificuldade em construir sua identidade, pois, os profissionais não sabiam lidar com a negritude de seus corpos. Aprender a pentear o cabelo das meninas negras era um grande desafio a ser superado pelos profissionais da primeira infância. Na minha passagem pela creche,

dei a minha contribuição para que no momento de cuidar dos cabelos das meninas houvesse respeito.

Trabalhei na Educação Infantil com crianças de 04 e 05 anos. Recordo-me que eu tinha duas crianças que necessitavam de intervenções quanto às dificuldades na fala e também na autorregulação. A escola não dispunha de recursos educacionais para intervir e ajudar as crianças.

A Universidade foi meu porto seguro, pois, com o conhecimento dos meus professores, fui me instrumentalizando e aprendendo a ofertar recursos para contribuir no desenvolvimento de cada criança que estava sob a minha responsabilidade.

Cursei Pedagogia com Habilitação em Deficiência Mental na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), em 1992. Fiz o curso com muita seriedade, pois sabia o quanto custava estar ali. O caminhar em direção à Educação Especial se deu por acreditar que a escola deveria ser um lugar inclusivo, um lugar para todos. O trabalho com crianças e adolescentes com deficiências me levaram a cursar a Especialização em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) entre os anos de 1996 e 1997, aprimorando o olhar para as questões da diversidade no contexto escolar. Discussões e ações importantes foram realizadas na área da Educação Especial; a escola passou a acolher todas as crianças e se abriu para todos e, ainda que num processo conturbado, a inclusão foi acontecendo e as crianças com deficiência foram ocupando os espaços na escola pública, propiciando o crescimento de todas as pessoas na escola.

Para ilustrar esse momento tão especial da minha vida profissional, encontrei essa foto, apresentada na Figura 5, de 1997, na sala de aula onde eu trabalhava com crianças com paralisia cerebral na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Santa Bárbara d'Oeste.

**Figura 5** – Sala de aula na APAE de Santa Bárbara d’Oeste



Fonte: Acervo Particular da Autora (1997).

Tive o privilégio de trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Fui Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil (EMEFEI) “Professora Maria Martiniano Gouveia Valente” – “Dona Bininha”, situada no Conjunto Habitacional Roberto Romano em Santa Bárbara d’Oeste – SP. Trabalhar nesta unidade escolar ajudou-me a compreender o desenvolvimento da cidade, a divisão geográfica dos territórios e a lidar diretamente com as questões de aprendizagem, disciplina, famílias, angústias e dificuldades dos professores. Considero essa experiência obtida, como um divisor de águas na minha vida profissional; o bairro Conjunto Habitacional Roberto Romano teve início sem infraestrutura para atender as necessidades das pessoas, recebendo no território mais famílias do que esperavam. Tenho a lembrança de ver os móveis das famílias na chuva, pois não cabiam dentro dos apartamentos. Muitos cachorros eram vistos transitando no bairro sem destino.

Quando revisito minha memória para recontar estas histórias, me reporto ao pensamento de Milton Santos (2000, p. 22): “O território só se torna utilizável para a análise social quando o

consideramos com base em seu uso, quando o pensamos juntamente com os atores que dele se utilizam”.

A trajetória da minha vida pessoal conduziu-me a momentos difíceis em relação à minha família. Enfrentamos hospitais psiquiátricos, o sistema carcerário, a violência doméstica, o suicídio, o leito do hospital e a morte. Não tive outra opção a não ser seguir em frente. Ao passar por esses processos, tratei de me reinventar, cuidei da minha espiritualidade, me libertei de dogmas religiosos, mantive uma comunhão viva com Deus, me recolhi.

No ano de 1999 fui convidada, pela então Chefe de Departamento de Normas Pedagógicas Professora Priscila Neubuger, para dirigir a EMEFEI Anália de Lucca Furlan, no bairro Cruzeiro do Sul, em Santa Bárbara d’Oeste – SP. Tive medo, mas não o medo paralisador, o medo que ressignifica a vida com cuidado, zelo e prudência, adjetivos tão necessários para viver. Aceitei o desafio. Estando na direção meu principal trabalho foi cuidar da aprendizagem dos estudantes das crianças com projetos educacionais de qualidade que enfatizavam a importância da leitura, da educação antirracista e o desenvolvimento da cultura de paz na escola.

Tendo vivido as alegrias e tristezas da gestão escolar, trabalhei por nove anos nesta área. Sempre acreditei na competência dos professores em relação à aprendizagem das crianças, não permitindo sucumbir-nos diante dos problemas sociais apresentados na escola. Foi sendo gestora que compreendi que educação e política caminham lado a lado.

Durante a minha trajetória de formação profissional, fui sendo moldada pela militância no Movimento Negro de Santa Bárbara d’Oeste – SP. Nós contribuímos de maneira ímpar com os rumos da Educação Municipal, no que tange ao Ensino da Cultura Afro-Brasileira. Ora, antes mesmo da promulgação da Lei n. 10.639/03 (BRASIL, 2003) – lei que trata da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de todo país – eu já contribuía trazendo a discussão sobre a Educação Antirracista para a Rede Municipal de Ensino, sendo que a Profa.

Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – SP, por meio de seus orientandos, ofereceu uma significativa contribuição com o Grupo de Pesquisa: Relações étnicas e Raciais no Brasil Contemporâneo para a Rede Municipal de Ensino.

A partir da minha intervenção direta a Secretaria Municipal de Educação, a temática negra e indígena passou a fazer parte das discussões nas Unidades Escolares. Um acervo literário afro-indígena foi adquirido para possibilitar que as escolas pudessem dar visibilidade às culturas e, assim, contribuir para o desenvolvimento identitário das crianças. As bonecas negras passaram a compor as prateleiras e as brinquedotecas.

As ações para o desenvolvimento de uma educação antirracista compuseram as formações dos professores e dos demais educadores da Rede Municipal de Ensino, transformando-se em política pública educacional. Deixo aqui registrado, a abertura dada pelos Secretários de Educação – Profa. Ana Maria Padovani, Profa. Neuza Carleto e Prof. Herb Carlini – para que eu pudesse desenvolver o trabalho sobre as relações étnico-raciais na escola, por meio da formação pedagógica e subsídios na aquisição de materiais. A literatura afro-brasileira foi sendo inserida no universo das escolas municipais (Figura 6) de Santa Bárbara d’Oeste de maneira prazerosa e trouxe contribuições de ordem cognitiva, emocional e social. O acolhimento às diferenças, o reconhecimento e a valorização possibilitou a compreensão de que a partir da leitura e da discussão de textos literários, conduzimos as crianças, adolescentes, jovens, idosos a refletirem acerca da influência do povo africano em nossa cultura.

Figura 6 – Exemplos de livros das Bibliotecas da Rede Municipal de Ensino



Fonte: Acervo Particular da Autora (1997).

Em 2008, um conjunto de ações envolvendo minha condição enquanto servidora pública, militância no movimento negro/social e, posteriormente, meu envolvimento na Política Partidária, pelo ingresso no Partido Comunista do Brasil (PC do B), participei, pela primeira vez de um processo eleitoral para Vereadora. Sem experiência alguma, utilizei o afastamento garantido por Lei para participar do pleito eleitoral intensamente. Conheci a cidade de ponta a ponta, elaborei uma proposta de trabalho com base nas necessidades que presenciei durante minhas andanças e militância no movimento social. Trabalhei muito e mesmo me faltando traquejo político foram 1.336 votos obtidos, contudo, os mesmos não foram suficientes para vencer a eleição. Um processo extremamente difícil e de muita aprendizagem.

Após esse processo eleitoral e depois de nove anos trabalhando na Coordenação Pedagógica, Direção de escolas e ter tido uma votação expressiva dentro do cenário político da cidade, fui convidada pelo Prefeito eleito em 2008, Dr. Mário Celso Heins, a compor a equipe da Secretaria Municipal de Educação atuando como Supervisora de Ensino no acompanhamento das escolas, orientando diretores e capacitando profissionais da Rede Municipal para o desenvolvimento da Lei n. 10.639/03, Educação para os Direitos Humanos e Práticas Inclusivas.

Atuei por dois anos na Supervisão e depois retornei para a sala de aula devido a divergências políticas. Trabalhei com crianças do 2º e 3º ano, desenvolvendo na prática a Lei 10.639/03, sendo uma experiência magnífica.

Estando novamente em momento de eleição, em 2012, desejei participar do pleito novamente, pois a primeira experiência foi bem positiva, mesmo não tendo sido eleita, acreditava ser possível vencer o processo eleitoral e contribuir para com a cidade na área de educação de maneira mais abrangente. Então, mais uma vez me permiti ser candidata, trabalhei intensamente durante o período de campanha, conversei com os eleitores, participei de reuniões, propus e participei de debates. Considerei o processo eleitoral de 2012, mais difícil que o de 2008, mas o enfrentei com bastante firmeza e angariei 1043 votos e mais uma vez não consegui. Ah! Diferentemente do primeiro processo, fiquei muito triste, decepcionada, pois, não consegui galgar o Poder Legislativo devido à organização do sistema eleitoral; para esta não adianta apenas angariar os votos através do diálogo, de propostas, de reflexões sobre a cidade que queremos e a cidade que podemos construir, é necessário fazer o coeficiente eleitoral e isso não fora possível. Bom, perder faz parte da vida. Segui em frente.

A escola sempre foi o meu terreno seguro, quando voltei para ela (escola) encontrei as crianças tão ávidas por conhecimento e os profissionais da educação do Centro Integrado de Escola Pública (CIEP) Padre Victório Freguglia muito distantes de todo o processo político que estava acontecendo na cidade, sem saber que a política interfere diretamente nas ações educacionais.

Após o processo eleitoral de 2012 fui convidada pelo Prefeito Eleito Denis Eduardo Andia para responder pela pasta da Educação Municipal. No momento eu estava já há 20 anos na Rede Municipal de Ensino, havia perpassado pela sala de aula, coordenação pedagógica, direção e supervisão, sendo que todas essas realizações no campo profissional estavam alinhadas com o Movimento Social e com o Movimento Negro.

Na Secretaria Municipal de Educação desde 2013, enfrentando todos os desafios da educação pública, tendo como objetivo principal garantir a aprendizagem de todas as crianças, sem me conformar com as desigualdades educacionais que marcam a vida dos estudantes que frequentam as escolas periféricas das cidades, me recordo de Paulo Freire e seu cuidado com a aprendizagem dos meninos e meninas:

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das 'zonas felizes' da cidade aprendem, mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade (FREIRE, 2000, p. 44).

Além de lidar com os recursos financeiros escassos, fazendo os ajustes possíveis para atender as escolas em suas necessidades, temos investido intensamente na formação dos professores e demais educadores.

A educação é a principal base para a obtenção de uma sociedade desenvolvida, pois ela contribui para a transformação e a mudança de vida. Compreendo que ao me tornar pesquisadora pude me permitir, não somente o meu desenvolvimento intelectual, mas, também, alterar as relações sociais possibilitando, inclusive, a minha contribuição para a diminuição da violência.

Entrei no Mestrado em Educação no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) – Campus Maria Auxiliadora, em Americana, no ano de 2018. A minha proposta inicial era pesquisar a invisibilidade das crianças com média 5,0 ou 6,0 na Rede Municipal de Ensino de Santa Bárbara d'Oeste, todavia, após ser aprovada no Processo Seletivo do UNISAL e dar início às aulas na disciplina "Tópicos Especiais em Educação I: Cidade Patrimônio Educativo", ministrado pela Profa. Dra. Renata Sieiro Fernandes me deparei com uma bibliografia muito interessante envolvendo os territórios e a mulher. Fui então tomada por uma inquietude diante dos autores como Ângela Davis, Silvia Federici, Yi Fu Tuan,

Jorge Larrosa Bondia, Zygmunt Bauman, Eduardo Viveiros de Castro, Richard Sennett, Walter Benjamin entre outros. Diante dessa inquietude nasceu o desejo de escrever sobre as pessoas que estão abaixo da linha da pobreza e, estando em Santa Bárbara d'Oeste, eu conhecia um grupo de pessoas que vivia nesta condição e elas moravam na Favela Zumbi dos Palmares.

Em uma das aulas do Prof. Dr. Francisco Evangelista, meu orientador nesta pesquisa, tratamos sobre a Lei n. 1, de 1837, que impedia os negros de estudarem e trazendo a memória de que a cidade de Campinas foi a última cidade a abolir os seus escravizados e que estamos distantes 131 anos da abolição da escravatura e ainda diante de tantas desigualdades marcadas pela questão racial onde "as diferenças étnicas foram aos poucos transformando-se em diferenças sociais" (SOUZA JUNIOR, 1998, p.79-80).

A pesquisa denominada "Trajetórias de lutas: Memórias de mulheres pobres, ex-faveladas e a Educação Sociocomunitária como prioridade" nasceu da indignação, da compaixão e do desejo de narrar a Favela Zumbi dos Palmares através de seus moradores, pois, a minha militância no Movimento Negro me auxiliou a enxergar o fosso social existente entre brancos e negros, a falta de igualdade de oportunidades e a inclusão social. A militância na área educacional e racial também colaborou para constituir-me enquanto agente político ativo, pessoa, mulher e negra. Sendo assim, o meu olhar para o aglomerado de barracos, ao lado do CIEP Carmelina Pellegrino Cervone, no caminho para o meu trabalho, na então Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Maria de Lourdes Rodrigues, que chamavam minha atenção, pois esses barracos cresciam dia a dia, davam conta de encontrar a história de coletividade daqueles moradores da Favela e estes me faziam lembrar da infância junto aos meus primos pretos, da nossa pobreza e da nossa felicidade contemplada em nossas vivências.

Comparo a experiência de ter morado no bairro periférico Guaianazes em São Paulo, como a dos moradores da Favela Zumbi dos Palmares. Quantas e quantas vezes não ouvi: em Guaianazes só mora ladrão e para nós, os moradores do bairro, só

enxergávamos os trabalhadores, em sua maioria nordestinos, que ajudaram no desenvolvimento da cidade de São Paulo. Trago em minha memória a lembrança viva das mulheres trabalhadoras domésticas, que deixavam seus filhos pequenos à mercê dos filhos mais velhos e cuidavam dos filhos de suas patroas. Essa foi a história de vida das mulheres negras que conheci na minha infância e quando tive a oportunidade de conhecer a Favela Zumbi dos Palmares vi que essa história se repetia.

Portanto, ao ouvir as narrativas das trajetórias de mulheres negras na Favela Zumbi dos Palmares, preservo a memória coletiva, respeito a minha ancestralidade, projeto o presente, preparo o futuro e Resisto.

*Salve todas as Mulheres!!!*

*Salve todas as Mulheres Negras que me antecederam nesta Luta!!!*

*Salve!!!*

As trajetórias de luta e resistência dos moradores da Favela Zumbi dos Palmares, em Santa Bárbara d'Oeste, nos anos de 2003 a 2016, é aqui representada por três mulheres que fizeram parte daquele grupo socialmente marginalizado. As experiências dessas mulheres trazem narrativas sobre um cotidiano de dificuldades enfrentadas por elas dentro do território, a luta por moradia e sua permanência no local.

Relembrar a Favela me aperta o coração. Os barracos eram montados de improviso e o suprimento de energia e de água não tinham padrões regulares. A falta de prestação de serviços nas áreas de Educação, Saúde, Assistência Social e Segurança, são as questões que tornaram essas mulheres protagonistas das mobilizações sociais e concederam a elas um papel central como figuras de resistência das mais diversas formas de opressão a que foram submetidas, devido à condição de mulher favelada.

Observava que a questão social e o acirramento da pobreza interferiam no cotidiano das mulheres pobres e faveladas, pois

intervinham na luta pela sobrevivência, na busca por trabalho, na criação dos filhos e na reivindicação pela tão sonhada moradia.

Acompanhei o crescimento desproporcional da favela em meio às valas de esgoto a céu aberto, com mobilidade reduzida e riscos de proliferação de doenças respiratórias, por exemplo. A favela cheirava a esgoto, o que era desumano para mim; que aquelas pessoas tivessem que conviver com aquele cheiro. É nesse contexto que me reporto às contribuições da escritora Carolina Maria de Jesus que foi moradora da Favela do Canindé, situada na zona norte da cidade de São Paulo. Ela trabalhava como catadora e escrevia sobre o cotidiano da favela em cadernos que encontrava no lixo. Carolina tinha pouco estudo, mas, este não fora fator impeditivo, ela escreveu o importante livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960 e que muito me auxiliou na reflexão sobre a Favela Zumbi dos Palmares. Sendo assim, trago a definição de Carolina Maria de Jesus (1960) sobre Favela:

[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 1960, p.33).

[...] às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p. 55).

A narrativa dura de Carolina pode ser utilizada para descrever a vida dos favelados do Zumbi dos Palmares e é através dessa visão realista do lugar que apresento e me entrelaço com as narrativas de Lidiane, Talita e Rafaela, sujeitos da pesquisa.

**Lidiane** nasceu em Santa Bárbara d’Oeste – São Paulo, em 1988. Cresceu na favela do bairro Jardim Europa na mesma cidade, junto com a mãe e os irmãos. Não teve lembrança de outros familiares em sua formação, somente a mãe e os irmãos. Teve dificuldade para compreender a inexistência de outros membros da

família. Estudar foi uma experiência muito difícil para ela, pois sua mãe, sendo uma pessoa muito simples, analfabeta, não conseguiu garantir o seu direito à escola; ela faltava muito às aulas chegando até a perder o ano letivo. Sua infância foi marcada pela violação de direitos, com exploração do trabalho infantil, mendicância; vivia nas ruas, nas madrugadas, trabalhando em troca de lanches, doces e gorjetas. Foi mãe de seu primeiro filho aos dezoito anos e, posteriormente, teve mais dois filhos. Separou-se do pai das crianças e o mesmo abandonou-as e estas são educadas por ela, sozinha. Trabalha com materiais recicláveis em uma Cooperativa e reforça seu orçamento trabalhando como manicure, cabelereira, fazendo tapetes de crochê e na venda de pastéis. No ano de 2019, Lidiane retornou à escola no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), na cidade de Americana – SP.

Na história de Lidiane podemos materializar as situações de vulnerabilidade a que estão expostas as crianças e adolescentes. A desigualdade social e a pobreza impulsionam crianças a um amadurecimento precoce, lhes tiram a alegria e o direito de brincar. O trabalho infantil violenta os corpos das crianças, agride suas mentes, impede o seu desenvolvimento com outras crianças e afasta o direito de serem protegidas.

**Talita** nasceu na cidade de Aguaí – SP, em 1983. Seus pais vieram para São Paulo, a fim de fugir da seca da cidade de Araripina - Distrito de Rancharia, estado de Pernambuco. Castigadas por períodos prolongados de seca, famílias nordestinas migraram para o sudeste do Brasil em busca de uma vida melhor. Ela e seus quatro irmãos tiveram a infância marcada pelo pai sempre a procurar refúgio na cidade de São Paulo, para garantir o sustento de sua família em tempos de seca. A chuva sempre foi muito esperada no sertão nordestino, pois, sem ela, não havia plantações e sua família trabalhava na roça. Casou-se com vinte e três anos e têm dois filhos que nasceram em Pernambuco. Ela e seu esposo precisaram fugir do desemprego de Araripina e vieram para Santa Bárbara d'Oeste. Trabalha em uma Cooperativa de

Materiais Recicláveis. Com muito esforço Talita conseguiu estudar até o Ensino Médio.

Em “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus escreve sobre os migrantes que utilizaram as forças de seus braços em busca de mais qualidade de vida, deixando para trás as dificuldades que viviam nas regiões Norte e Nordeste do país, mas encontrando uma realidade muito diferente de suas expectativas e afirma que “A favela superlotou-se de nortistas” (JESUS, 2007, p. 75).

A história de Talita me transpassou e trouxe a lembrança de meu pai que também era de Pernambuco, da cidade de Garanhuns. Ele contava da seca e da pobreza do nordeste. Para sobreviver, quando menino, ele vendia água na rua e roubava frutas para matar a fome. Com dezoito anos pegou um pau de arara e veio para São Paulo para fugir da miséria.

**Rafaela** nasceu na cidade de Crato, no Ceará, no ano de 1989. Teve uma infância muito pobre junto de sua família que, para buscar melhoria de vida, veio para a cidade de Santa Bárbara d’Oeste. A mãe sempre foi alguém muito importante para Rafaela, porque mesmo vivendo em extrema pobreza estava sempre cuidando de seus filhos, especialmente dela. O que mais doeu até o momento em sua vida não foi viver a extrema pobreza e sim ter conhecido o pai dos seus três filhos, e ele ter tido a coragem de expulsá-la de sua casa sem ela ter para onde ir. Hoje o pai das crianças está preso e ela vai visitá-lo; as crianças estão sem o pai há mais de 10 anos e ela cuida dos filhos sozinha. Seus filhos são o seu maior bem, que ela cuida com muito amor e tem muito orgulho, pois eles são bons alunos. O coração aperta por ela não ter outro meio para prover as necessidades de seus filhos a não ser o seu trabalho na Cooperativa de Materiais Recicláveis.

Carolina Maria de Jesus, também foi mãe de três filhos e necessitou dar conta de tudo sozinha. Para conseguir alimentar e criar a família ela trabalhava intensamente como catadora de papelão. A preocupação com a pobreza era grande e causava muitas incertezas.

São histórias que se entrelaçam, que machucam, mas que não se calam!

## 2.2. O Nascimento da Favela Zumbi dos Palmares

Neste capítulo início as narrativas sobre a Favela Zumbi dos Palmares com os sujeitos da pesquisa e mantenho as marcas de oralidade que representam o mundo no qual estes viveram. Desse modo, o contexto social da favela é explicitado por meio da linguagem. Procurei fazer a transcrição na íntegra, apenas realizando a pontuação nas narrativas. Além disso, tirei o excesso de repetições de certas situações, para que a leitura não ficasse cansativa. Desse modo, todas as narrativas são permeadas pela linguagem oral dos sujeitos. Tais marcas explicitam o cotidiano das mulheres, bem como o contexto social em que estavam inseridas, as suas vivências e suas angústias.

*... Eu não sei ao certo quantos anos eu tinha quando eu fui morar no Parque Olaria, nos predinhos. Mas, eu me lembro que foi assim que surgiu a invasão lá... coisa de um mês mais ou menos. A minha mãe tinha comprado um predinho lá, pois era vendido na verdade, não era invadido, eles vendiam os apartamentos inacabados. Não me lembro direito, mas acho que a minha mãe pagou uns seiscentos, setecentos reais, parcelados. Fomos morar nos predinhos pois minha mãe não conseguia pagar o aluguel. A gente morou um tempo nos predinhos, não demorou muito pra chegar a notificação que a gente ia ter que sair de lá, que ia ter ordem de despejo, pra todo mundo que morava lá. Eles avisaram pra gente sair. Nois (sisc) ficamos até o último instante e no dia da reintegração de posse ainda estava meio que escuro quando eles chegaram, a guarda municipal, a polícia militar com a cavalaria e o helicóptero águia, só não veio Marinha porque não tinha mar, se tivesse mar, tinha vindo marinha também. Tinha equipe de reportagem, que o pessoal que estava frente do movimento chamou pra documentar tudo. Eu não fiquei com medo, pra mim, na verdade foi uma diversão ver tanta polícia, nunca vi tanta viatura na minha vida... Minha mãe estava preocupada é lógico, os adultos estavam preocupados. Pra onde que a gente ia? E aí surgiu a grande ideia que acho que foi do seu João, que hoje mora lá no Santa Fé, ele tava (sic) envolvido no movimento de moradia junto com o Carlinhos e*

*um advogado. Surgiu a ideia: olha, tem do outro lado da cidade, ao lado do Bairro Conquista, um terreno enorme, vamos invadir lá. Arquitetaram tudo, fizeram tudo em grupos. Um foi pra um lado da cidade e automaticamente a polícia foi atrás. O outro grupo saiu com foice, com enxada rumo ao terreno encontrado. Todo mundo pegou a sua família, seu caminhão e foram invadir lá. Meio que enganamos eles. Lembro como se fosse hoje, o pessoal rasgando a terra, deu muito trabalho pois o lugar era um lixão, a gente viu uma união surreal de famílias que só tinha mulher, só mulher e seus filhos e homens que moravam sozinhos. Todo mundo ajudava na construção dos barracos. Me recordo que não tinha madeira boa para sustentar os barracos, a gente não tinha condições de ter caibros, caibros era caro, usamos bambu, não lembro quem doava esses bambu, essas lonas preta, o barraco ficava parecido com oca de índio. Assim rasgaram o chão, encontraram água, fizeram gato pra ter energia, e a gente ia passando energia de um barraco pro outro, às vezes dava bom, às vezes dava ruim, tudo no improviso, na gambiarra, a Favela Zumbi dos Palmares foi crescendo e a união que a gente tinha lá era legal... (Lidiane)*

*... A opção do nordestino quando chega a seca, era fugir para São Paulo, então, nessas opções eu vim parar aqui, vim trabalhar, meu esposo veio para trabalhar depois eu vim e fui morar no Jardim Nova Conquista porque já havia uns tios meus que morava lá e por falta de não poder pagar aluguel a Favela foi o meu refúgio, né... (Talita)*

*... Eu cheguei no Zumbi em 2008, minha filha tinha cinco meses, fui sozinha porque eu morava na casa de uma pessoa e a pessoa me expulsou. Quando cheguei lá morei num barraco que não cabia nem nós (sic) direito, muito pequeno... (Rafaela)*

Trago para a pesquisa a reportagem de um jornal da época retratando o início da Favela Zumbi dos Palmares. Esclareço que transcrevi fielmente a matéria, inclusive me utilizando da mesma fonte jornalística.

O jornal “O Liberal” trouxe no dia 25 de novembro de 2003, uma matéria cujo título era: “Acampamento Sem-teto fundam ‘Zumbi dos Palmares’ Santa Barbara – Dos apartamentos inacabados do Parque Olaria, na Zona Sul, para as barracas

improvisadas em um terreno de propriedade da Prefeitura, na Região Leste. Nessa trajetória nasceu, na madrugada de domingo, o acampamento Zumbi dos Palmares”. E a matéria ainda mostra:

... “O nome do acampamento, que até ontem à tarde abrigava 60 famílias, é uma alusão ao líder negro cujo tricentenário de morte foi comemorado no último de 20...”

A cidade de Santa Bárbara d’Oeste permaneceu por mais de vinte anos sem política pública em habitação. A população mais pobre, sem uma renda fixa, ficou totalmente desassistida e vivendo em situação precária. Diante do desespero de ter que morar nas ruas, as famílias que foram despejadas dos prédios inacabados do Parque Olaria se viram obrigadas a ocupar o espaço público encontrado na zona leste da cidade, para suprir não apenas a necessidade de um teto, mas de acesso às oportunidades e serviços do município. Penso que garantir habitação acessível e adequada para aqueles que mais precisam é fundamental, não somente para a qualidade de vida dessas pessoas, mas, para um funcionamento sustentável da cidade como um todo.

Fui acompanhando o crescimento da Favela, pois, esta se localizava no caminho para o meu trabalho na EMEF Maria de Lourdes Rodrigues, em um bairro próximo. Telhas grandes, portas, portas de guarda roupas, folha de zinco ou papelão, transformavam-se em moradias.

Em “Quarto de Despejo”, os barracos da Favela do Canindé, assemelham-se a Favela Zumbi dos Palmares. Audálio Dantas, na apresentação que escreve do referido livro (2007) assim descreve os barracos:

O barraco é assim: de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, ‘não muito cômodos’. Um é sala-quartocozinha, nove metros quadrados, se muito fôr [sic], e um quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinho, lá dentro... Tem muitas coisas dentro dele, que a luz da janelinha, deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebrandando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; fogareiro de lata, lata de água, lata de fazer café e lata de cozinhar; tem também guarda-comida, escuro de fumaça e cheio de livros velhos e mais duas camas, uma

na sala quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado... Isto é o barraco dentro. O barraco fora é como todos os barracos de todas as favelas. Feio como dentro (DANTAS, 2007 apud JESUS, 2007).

*... A gente conseguia telhas grandes, portas, portas de guarda roupas, folha de zinco ou papelão para construir os barracos, da estética nós cuidava depois ... (Lidiane)*

Encontrava muita semelhança nos escritos de Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo” e nas narrativas sobre as vivências da Favela Zumbi dos Palmares. Estar no Movimento Negro me permitia observar como este atuava intensamente na Favela e com o auxílio do mesmo fora criada a Associação dos Moradores do Zumbi dos Palmares (AMUZUP), que tinha como objetivo auxiliar na reivindicação de construção de moradias melhores para a Favela. Eu estava sempre na favela, gostava muito das pessoas daquele lugar, pela coragem e determinação deles. Esse transitar pela Favela me possibilitava olhar para ela de dentro para fora e esse movimento me traz a lembrança da música Benke, de Milton Nascimento (1990).

“Beija-flor me mandou embora  
Trabalhar e abrir os olhos  
Estrela d’água me molha  
Tudo que ama e chora  
Some na curva do rio  
Tudo é dentro e fora”.

### **2.3. A Favela como Lugar de Luta e Resistência**

A vida na Favela me transpassava de uma maneira muito intensa devido à ausência do Estado. Os moradores estavam à própria sorte. Será que havia preocupação da sociedade para com aquelas pessoas? Para refletir sobre “lugar” trago aqui Yi Fu Tuan (1983), em sua obra “Espaço e Lugar”, na qual refere-se ao conceito de lugar como forma de pertencimento. Para Tuan, lugar é o espaço transformado pelo homem, através de seus interesses diferentes

pelo território, que é uma área organizada geograficamente por uma pessoa ou várias pessoas. Dessa maneira, recuperar a voz dos que ali viveram traz a possibilidade de desfrutarmos de narrativas de trocas, de reconhecimento e de pertencimento. Nas histórias expostas, elas vão ao encontro do afirmado por Santos (1986, p.10) que: “o espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento”. Neste sentido, a Favela poderia ser caracterizada como “lugar”, mas, sem visibilidade.

*... A favela ficava na Avenida Pedroso, du (sic) lado duma (sic) escola, mas ninguém via nós (sic). Nós (sic) era invisível pra sociedade, pro Poder Público... (Lidiane)*

Me recorde da leitura que fiz do livro “Homens Invisíveis” escrito pelo psicólogo Fernando Braga da Costa (2004), contendo atos de uma humilhação social, onde ele relata que quando vestia o uniforme de gari, nem os professores e nem os colegas do curso o reconheciam. O autor evidencia que a invisibilidade atinge de maneira diferente os brancos, negros, mulheres e homens e se os mesmos possuem baixa renda, tornam-se invisíveis. Assim é a Favela, invisível, devido a vestir-se de pobre.

*... Eles (políticos) procurava nós (sic) só na eleição... (Rafaela)*

O recorte étnico-racial marcava a Favela; as pessoas pretas e pardas eram vistas em um número bastante expressivo. Lembrome de uma visita que fizemos com as crianças do CIEP Padre Victório Freguglia, até a Favela Zumbi dos Palmares, após termos estudado a formação do Brasil, onde uma criança me pergunta, ao percorrermos algumas vielas da Favela: Professora, nós estamos em um Quilombo?

*... Quando a pessoa entrava no barraco da gente até se assustava, fica pensando que a gente é pobre, que é sujo... não, nós somos limpos... (Talita).*

Sim, a Favela era um Quilombo, pois as pessoas em extrema pobreza se refugiavam ali, fugindo do aluguel e da falta de moradia, criando novas relações sociais, a narrativa de Talita descreve a Favela como lugar de refúgio.

Sempre consegui transitar pela Favela sem nenhuma dificuldade, sem medo e sempre tive afeto por aquelas pessoas. Mesmo sendo uma pessoa pertencente à classe pobre, tive os meus direitos essenciais garantidos, direitos esses referentes à moradia, educação, saúde, meio ambiente, energia elétrica, por exemplo. Os moradores da Favela Zumbi dos Palmares estavam muito longe desses direitos.

A minha inquietude se dava por conta da falta desses direitos básicos. E na medida em que a Favela crescia os problemas estruturais também aumentavam. As condições para sobrevivência das crianças, adolescentes, jovem, adultos e idosos vivenciadas naquele lugar me incomodavam. Como um ser humano poderia desenvolver-se em um território sem água potável, sem ter um local adequado para realizar suas necessidades fisiológicas? Conviver com o risco eminente das intempéries do tempo, quando fazia muito calor ou quando vinha a tempestade?

*... Quando chovia eu lembro uma vez que teve uma tempestade de madrugada começou a vua (sic) telha, começou a cair fiu (sic) no chão e aquele desespero foi batendo, não poderia colocar o pé no chão se não tomava choque e aquela gritaria e todo mundo tentando ajuda um ao outro e acalmado a chuva todo mundo saiu pra fora pra ver a situação dos barracos não tinha nada não tinha telha, não sobro nada, de madrugada nada, sem força... (Rafaela)*

A situação narrada por Carolina Maria de Jesus não era diferente em “Quarto de Despejo”. Quando a chuva caía tudo ficava mais difícil: “Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio

correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro” (JESUS, 2007, p. 42).

Carolina retrata no livro “o aumento das dificuldades em dias de chuva, pois as sucatas ficavam mais escassas na cidade, impossibilitando garantir o alimento e ela era obrigada a pedir: ‘o dia que chove sou mendiga’” (JESUS, 2007, p. 62).

A Favela era um lugar incerto para mim. Como ter paz diante das incertezas, pois por quanto tempo poderiam continuar vivendo ali? Quais garantias eles teriam? Vou avançando nas leituras e encontrando respostas para os meus questionamentos. Para estas respostas encontro no geógrafo Milton Santos a noção de lugar e este descreve que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo [...] mas também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais [...]” (SANTOS, 2006, p.314). Segundo o autor na medida em que os indivíduos vão interagindo com o território, ressignifica os espaços, humanizando-os, pois na interação com o meio há afetividade.

O crescimento populacional foi muito rápido, iniciando o processo de favelização com algumas famílias e, no decorrer desses treze anos, mais de 250 famílias foram morar ali, segundo dados apresentados ao Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) para Ação Civil Pública que constam nos anexos da pesquisa.

O Poder Público não se sentia responsável pelo lugar e isso pode ser observado através nas imagens que mostram o abandono do lugar (Figuras 7 e 8).

**Figura 7** – Resíduos sólidos descartados pelos moradores de maneira irregular



Fonte: Acervo Particular da Autora (2015).

**Figura 8** – Risco eminente com os chamados “gatos” para a aquisição da energia elétrica



Fonte: Acervo Particular da Autora (2015).

Olhando de fora para dentro da Favela, durante esses longos anos como já dito anteriormente, o Movimento Negro de Santa Bárbara d’Oeste atuou bravamente na defesa daqueles moradores. O Ativista social e também Conselheiro Tutelar Antônio Carlos Vianna de Barros (Carlinhos) passou a ser um fiel escudeiro dos moradores da Favela em especial das crianças que eram negligenciadas e tinham de acordo com o Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) os seus direitos violados. O Conselheiro utilizava de seus conhecimentos jurídicos para evitar o corte de água para os moradores.

*... O Carlinhos (Movimento Negro) ele fazia os corre com nós (sic) bem antes dele entrar pro Conselho Tutelar, ele falava por nós era mais fácil dele ser ouvido porque ele não era da favela... (Lidiane)*

O então vereador Gilmar Vieira (PCdoB) colocou o seu gabinete à disposição para defender a Favela, sendo um agente político fundamental para cobrar responsabilidades do Poder Público.

*... Eu sei que o único vereador que olhava pra Favela ficou até doente porque na verdade ninguém queria ajudar ele, pra ele poder ajuda a gente... (Lidiane).*

A Igreja Imaculada Conceição, por intermédio do Seu Pereira (Antônio Pereira), que posteriormente se tornou vereador pelo Partido dos Trabalhadores (PT), tinha nele alguém que poderia ser acionado pelos moradores da Favela para encontrar apoio. Os membros da Igreja Assembleia de Deus – Ministério Betel – faziam cultos regularmente no local auxiliando-os nas necessidades básicas.

*... As igrejas ajudavam bastante. Levavam roupas, alimentos e faziam cultos. Eles trabalhavam bastante com as crianças... (Lidiane)*

A educação sociocomunitária é uma estratégia educacional que mobiliza comunidades ou grupos locais em prol de transformações sociais de alcance mais amplo. Tal estratégia pode ter caráter emancipador, nos casos em que as intervenções têm como horizonte a ampliação da autonomia e bem estar das comunidades e de seus integrantes. Mas também pode ter caráter manipulador, quando a mobilização comunitária ou local serve a interesses de instituições externas, tais como Estado, igrejas e organizações supranacionais (GOMES, 2008, p. 43).

A Educação Sociocomunitária foi uma importante alternativa utilizada por diversos atores sociais, como lideranças comunitárias,

integrantes de Organizações Não Governamentais (ONGs), os quais procuravam, por meio do envolvimento comunitário, promover a transformação da Favela.

*... Eu me lembro que toda terça-feira o pessoal da igreja levava um sopão pra Favela inteira, parece que multiplicava o alimento, fazia fila e dava sopa pra todo mundo... (Rafaela).*

No próximo capítulo, a partir da memória coletiva dos sujeitos, vou abordar as vivências na Favela conduzidas pelo Trabalho, pela Escola e pelas Violências. As narrativas vão contribuindo para uma melhor compreensão da Favela como lugar de pertencimento e de construção de identidade. Os acontecimentos vividos passam a ter reconhecimento e legitimidade.



### 3. MEMÓRIAS DA FAVELA

A favela é o quarto de despejo de uma cidade.  
Nós, os pobres, somos os trastes velhos.  
Carolina Maria de Jesus (2007, p.17).

Caminhar pela memória das mulheres da Favela Zumbi dos Palmares pode ser, num sentido maior, entender o processo de favelização e o seu papel diante da sociedade. Com base nas narrativas é possível refletir sobre suas memórias enquanto moradoras do território. A memória nos possibilita analisar os fatos passados para elaborarmos o presente, sendo necessário lembrar dos fatos ocorridos num determinado período histórico, nos permitindo acompanhar a trajetória, as experiências vividas até os dias atuais. Segundo Larrosa (2002) a experiência é o que:

[...] nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LARROSA, 2002, p.21).

Os trabalhos com memórias nesta pesquisa contribuem para que o pesquisador e os sujeitos da pesquisa interajam intensamente durante este processo de rememorar a Favela, pois o fato de conhecer o lugar pesquisado favorece a conexão direta e significativa com o objeto de estudo. Nesse sentido, a memória está interligada ao presente por fazermos interlocução com a realidade. Ao revisitarmos nossas memórias, formulamos imagens mentais do nosso passado vivido. Estas imagens são muito particulares para aquele ou aquela que a está formulando, ou seja, as imagens afetam cada indivíduo de maneira singular.

Neste sentido Halbwachs (2006, p.57) enfatiza que: “em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos

diversos ambientes que atravessamos se sucedem Segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história”.

A Favela é um lugar privilegiado de memórias e de extrema relação afetiva e íntima com aqueles que a habitaram. A Favela é um espaço de lembranças que necessitam ser registradas, por tratar-se de um lugar provisório. Cada canto desse espaço traz narrativas em situações diferentes, cheias de detalhes e sentimentos, que só podem ter relação e importância quando aqueles que ali passaram se unem e narram as experiências vividas.

Pelo resgate da memória das mulheres, desejamos estabelecer representações positivas sobre a Favela e seus moradores, fazendo um contrapondo com as imagens ligadas tão somente ao tráfico de drogas e às violências. Pensar nessa memória, nesta busca do passado, nos permite materializar as narrativas de alegrias, dores e conquistas, priorizadas nas memórias do cotidiano da Favela.

Na medida em que a memória vai revelando o lugar marginalizado pela sociedade, os sujeitos da pesquisa vão trazendo as narrativas de memórias pessoais; percebo o quanto de afeto e coletividade há nessa trajetória de lutas, com possibilidades reais de transformação.

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Esse movimento de revisitar a memória apresenta inúmeros desafios que, no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, abordo e analiso. Para desvelar essas memórias é necessário perceber a singularidade cultural das narrativas, que mostram o modo como os sujeitos experienciam o processo de favelização. Conforme Larrosa (2002, p. 27), “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

Visitar as memórias da Favela, a partir das mulheres, possibilita compreender o processo de favelização pelas

experiências vividas. Ao realizar a escuta das memórias das narrativas espero contribuir para que a sociedade tenha um olhar respeitoso para com os lugares mais pobres.

As histórias de vida, de resistência e das experiências de Lidiane, Talita e Rafaela, na Favela Zumbi dos Palmares, rememoram o passado, reafirmam o presente e evidenciam discurso de saberes. Suas histórias de vida são complexas e únicas, um mosaico de muitas cores e formas; há luta pela sobrevivência, legado duro de perseverança, autossuficiência e resistência. Elas trazem no corpo a escuridão da noite e ser mulher negra no Brasil, segundo Davis (2016), já é em si resistência.

Quando as via imersas em uma agenda de retirada de direitos com redução da responsabilidade do estado para com as pessoas mais pobres, percebia essas mulheres diante de mais e mais desafios para a sobrevivência, uma posição que exigia reação e resistência. O histórico de lutas dessas mulheres cotidianamente apontava para a transformação social. Resgatar memórias e narrativas no cotidiano da Favela, afirmando-a como lugar de pertencimento, é reatualizar oportunidades preexistentes e desenvolver possibilidades latentes de recriar, por meio da prática sociocomunitária, a história local a partir do lugar.

### **3.1. O Trabalho e o Desemprego**

Novamente conduzo o meu olhar para dentro da Favela e as mulheres chamam muito a minha atenção. Determinadas, elas eram gestoras do lugar, articulavam-se dentro e fora do espaço para garantir a sobrevivência dos filhos e familiares. Podemos dizer que chefiavam a Favela; participei de várias reuniões durante o processo de favelização e eram elas que decidiam o rumo das coisas. Aliás, a presença masculina nestas reuniões era mínima. Eram elas por elas. Quero aqui trazer como aporte teórico Ângela

Davis<sup>2</sup>, mulher negra, ativista, intelectual que afirma “quando as mulheres negras se movimentam, toda a estrutura da sociedade se movimenta com elas”. A afirmação de Davis não é por acaso, nós mulheres negras compomos a base da pirâmide e lideramos com a parcela mais vulnerável e precária do mundo.

Quando trato aqui sobre a questão racial, é porque entendo que esta conduz, inclusive, as formas de tratamento dos moradores da Favela, necessitando falarmos aqui sobre racismo. Racismo, segundo Almeida (2018, p.25) “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertencem”.

Tinha um sentimento de compaixão pela Favela, me doía muito ouvir que ali só existiam vagabundos, criminosos, pessoas que não queriam trabalhar, bando de traficantes, viciados. Me recordo que uma professora orientou-me para que eu tomasse muito cuidado com sarna no local. Perpassava a ideia de que a Favela era apenas um lugar de proliferação de doenças. Quando analisamos o contexto histórico desde o “século XIX, este continua sendo visto como o lugar da pobreza, abrigo de vadios, malandros e residência de alguns trabalhadores” (VALLADARES, 2000, p.3).

*... Na Favela tem gente de bem, num é tudo traficante, prostituta não, tem gente que trabalha pra ganhar o pão de cada dia honestamente... (Talita).*

Quando Carolina Maria de Jesus chegou à Favela do Canindé, em torno de 1948, ela precisou trabalhar como catadora – pois, na década de 40 os materiais inservíveis eram considerados lixo – para poder sustentar os filhos, como fez e faz a maioria dos favelados. As favelas

---

<sup>2</sup> Discurso de Ângela Davis durante a conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA. In. FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Rev. Direito e Práx.** Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018, p. 1080-1099.

nos remetem ao período pós-abolição da escravatura, no qual os negros libertos saíam à procura de abrigos e trabalho. Triste realidade!

Durante os anos que frequentei a Favela Zumbi dos Palmares sempre me chamou à atenção o número de pessoas desempregadas. Na verdade, o desemprego atingia mais os homens do que as mulheres. As mulheres acabavam por dar um jeito realizando outros serviços, como faxina, passando roupa, recolhendo reciclagem, distribuindo folhetos em semáforo, como manicure, cabelereira ou até mesmo se prostituindo. Mas, a maioria das pessoas da Favela, homens ou mulheres não possuía trabalho.

Portanto, as narrativas das mulheres explicitam outra problemática a ser vivenciada no lugar, a falta de trabalho. Como garantir os alimentos, os produtos de higiene, gás, vestimentas, remédios, transporte e lazer?

*... Entre vários problemas que a gente tinha, um era a dificuldade de conseguir trabalho fora, de entrar numa empresa e até mesmo em casas como faxineira, a dificuldade era constante, porque quem mora em favela é mal visto ... (Talita).*

*... A gente tinha bastante obstáculo em relação a conseguir emprego. A dificuldade era o preconceito, pelo fato da gente ser morador de uma Favela, onde a fama não era muito legal, até porque todos que moram ali acabam sendo marginalizados pela população, pela sociedade e ali a gente viu nessa dificuldade algumas opções de trabalho informal a qual as mulheres, eu mesmo fazia unha, aprendi a fazer, fiz um curso no CRAS, fazia unha, fazia sobancelha, fazia uma escova no cabelo, pra poder ter alguma renda, aprendemos fazer crochê também, a gente tinha um grupo de umas oito meninas mais ou menos, a gente sentava de baixo da árvore lá no Zumbi com as crianças, as mães com os seus filhos e fazia um crochê, tapete de crochê (Figura 9), pra que a gente pudesse fazer a venda e agregar esse valor a outras rendas que a gente tinha de unha. Os homens iam trabalhar como pintor, como servoente, o que viesse de trabalho e fosse digno, a gente aceitava, a gente não tinha opção de escolha, e nem poderíamos dar esse luxo de escolher, que viesse, que entrasse dinheiro e fosse com dignidade a gente topava. Muitas das meninas iam fazer bico de garçõete, quando tinham oportunidade, mas sempre mentindo onde morava, a verdade do local da*

*nossa moradia, nunca era dita, sempre dava o endereço do Bairro Conquista, do Parque Zabani, do Bairro Cidade Nova, mas nunca falava que era do Zumbi, não por vergonha nossa, mas quando a gente abria a boca pra falar que a gente era moradora do Zumbi, a vaga de emprego já tinha sido preenchida, você mora longe... (Lidiane).*

**Figura 9** – Mulher fazendo Crochê



Fonte: Comunidade Zumbi dos Palmares SBO; página no Facebook (2019).

**Figura 10** – Venda de Peixe na Favela



Fonte: Comunidade Zumbi dos Palmares SBO; página no Facebook (2019).

Os moradores da Favela Zumbi dos Palmares tinham mais dificuldade de arrumar emprego, por conta de preconceito no mercado de trabalho. Em sua maioria, os moradores aceitavam qualquer emprego que lhes fossem oferecidos. Nas narrativas de

Lidiane, Talita e Rafaela os favelados são estigmatizados e considerados perigosos.

A discriminação sofrida com relação ao lugar da Favela ocorre por conta de estarem espacialmente segregados e estarem associados historicamente a um problema social passando a ser, como bem aponta Valladares (2005, p. 26) “um novo espaço geográfico e social que despontava pouco a pouco como o mais recente território da pobreza”.

### 3.2. As Crianças e a Escola como quintal da Favela

As crianças ricas brincam nos jardins com seus  
brinquedos prediletos.  
E as crianças pobres acompanham as mães a  
pedirem esmolas pelas ruas.  
Que desigualdades trágicas e que brincadeira do  
destino.  
Carolina Maria de Jesus  
Sarau Poético  
“Centenário Carolina Maria de Jesus” (2014).

**Figura 11** – Crianças brincando em meio a restos de construção na Favela



Fonte: Comunidade Zumbi dos Palmares SBO; página no Facebook (2019).

Em meio a esse histórico de lutas havia as crianças. A grande maioria delas estudava no CIEP Carmelina Pellegrino Cervone, ao lado da Favela; elas driblavam a pobreza com seus saberes e vivências. A vulnerabilidade social, a que estavam expostas, tem como base o conceito de Ximenes (2015):

Vulnerabilidade social é um conceito multidimensional que se refere à condição de indivíduos ou grupos em situação de fragilidade, que os tornam expostos a riscos e a níveis significativos de desagregação social. Relaciona-se ao resultado de qualquer processo acentuado de exclusão, discriminação ou enfraquecimento de indivíduos ou grupos, provocado por 53 fatores, tais como pobreza, crises econômicas, nível educacional deficiente, localização geográfica precária e baixos níveis de capital social, humano, ou cultural, dentre outros, que gera fragilidade dos atores no meio social (XIMENES, 2015).

Nas experiências que vivi na Favela Zumbi dos Palmares observava, que mesmo as crianças estando vulneráveis, elas desbravavam o lugar em que viviam, construía suas próprias regras, inventavam brincadeiras, adaptavam jogos percorrendo os becos e vielas do local. Era muito comum encontrar crianças de pouquíssima idade transitando pela Favela com toda tranquilidade. Para Tuan (1983) esse lugar a que me refiro é ímpar, fruto de afetividade, recordações, histórias, ou seja, é um lugar de valor.

*... Meu filho brincava tudo o que uma criança podia brincar... (Talita)*

O lugar da Favela exigia muito cuidado para com as crianças. Lembro-me da quantidade de lixo encontrado ali, que resultava no aparecimento de ratos, cobras, baratas, escorpiões, carrapatos, etc. A falta de saneamento básico ocasionava problemas sérios à saúde das crianças, doenças como sarna, impetigo, problemas respiratórios, entre outros.

O Conselho Tutelar do Município interferiu inúmeras vezes na então Favela Zumbi dos Palmares, devido às condições em que as crianças estavam inseridas e que ensejavam negligência e o risco iminente aos pequenos.

Era comum que as famílias fossem responsabilizadas isoladamente por não conseguirem gerir o território que ofereciam tantos riscos às crianças e acabavam sendo denominadas, famílias negligentes. Nesse sentido, cabe ressaltar a reflexão de Fonseca e Cardarello (1999) frente a essa pressão sofrida pela família. As autoras afirmam que:

A passagem do ‘problema sócio-econômico’ para a ‘negligência’ revela uma mudança de enfoque na visão da infância pobre e da sua família no Brasil. Se em 1985 considerava-se que motivos como ‘mendicância’, ‘maus tratos’, ‘desintegração familiar’ e ‘doenças do menor’ eram decorrência direta de ‘problemas sócio-econômicos’, hoje, mais do que nunca, a família pobre, e não uma questão estrutural é culpada pela situação em que se encontram seus filhos. É ela que é ‘negligente’, maltrata as crianças, as faz mendigar, não lhes proporciona boas condições de saúde, enfim, ‘não se organiza’. Em suma, parece que a família pobre – e não o ‘Poder Público’ ou ‘a sociedade em geral’ – é o alvo mais fácil de represálias. Cria-se então uma situação particular em que a noção de ‘criança cidadã’ leva como complemento quase inevitável a de ‘pais negligentes’ (FONSECA; CARDARELLO, 1999, p.23).

*... É ter uma atenção maior para com o seu filho, pelo fato de que cada quintal tinha fossa. Que era o esgoto, como não tinha encanamento pra esgoto então era feito buraco no chão de um metro, dois metros, um metro e meio, tipo, como se fosse um poço, mas era somente pra armazenar fezes. Então, a gente tinha que ter um olhar diferenciado com as crianças, pra que não viesse cair nessas fossas, pra que não viesse acontecer uma tragédia... (Lidiane)*

O Conselho Tutelar de Santa Bárbara d’Oeste intervia periodicamente na Favela, pois, constantemente, recebia denúncias de crianças tendo seus direitos violados. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 este estabelece em seu Artigo 227:

Artigo 227 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1990).

*... Ali na Favela eu vi muitas mães perdendo os seus filhos, em questão de saúde, eu vi mãe perdendo seus filhos pro Conselho Tutelar, pelo fato de serem usuárias de droga... (Lidiane)*

Tenho em minha memória lembranças de histórias tristes de crianças com seus direitos violados pela família, pela sociedade e pelo Estado. Sim, estavam presentes na Favela os xingamentos, as agressões físicas, psicológicas, o abuso e a exploração sexual, inclusive, no ano de 2009 me coube, enquanto supervisora de ensino do CIEP Carmelina Pellegrino Cervone, realizar a escuta e solicitar providências diante do caso de quatro meninas vítimas de exploração sexual. Ressalto aqui a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente em relação aos trabalhadores em estabelecimento de ensino, por meio do seu Artigo 245:

Artigo 245 - Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (BRASIL, 1990).

É muito preocupante a situação em que vivem as crianças, em especial as crianças mais pobres, que sofrem por não gozarem da garantia dos direitos mínimos para terem uma vida simples e digna.

*... Pra mim, uma coisa que marcou nessa minha história foi o meu terceiro filho, quando ele nasceu prematuro eu fiquei quase trinta dias internada por que eu tive sangramento e lá no hospital eu descobri que a minha placenta, que o meu útero era grudado com a cicatriz das cesárias anteriores e aí a minha placenta não subiu, meu útero ficou baixo e eu corria o risco de ter rompimento. Eu tive que ficar esse período internada, o Samuel ficou prematuro e aí de fato eu senti o peso de ser mãe e moradora da Favela Zumbi dos Palmares, porque pelo fato do Samuel ter nascido prematuro, ele teve três paradas cardiorrespiratórias, eu tive que tomar aquelas injeção acho que é corticoide na barriga para amadurecer o pulmão da criança, antes de ter ele e aí quando ele nasceu tive o rompimento do útero e eu fui ver o Samuel*

*depois de oito dias de nascido. Ele foi transferido para o hospital São Francisco em Americana, e eu fiquei em Santa Bárbara tomando sangue, e eu pedia muito pra ele (médico) me dar alta, eu precisava ver meu filho que ele precisava de mim porque ele precisava ouvir minha voz e aí eu fui liberada a hora que eu estava mais firme, fui liberada pra visitar o meu filho lá em Americana. Quando chegou o dia do Samuel ter alta, ter alta não, a médica perguntou onde eu morava, eu falei, a gente conversando, eu falei que morava na favela ela falou que só daria alta se eu alugasse uma casa, porque ela jamais poderia dar alta a uma criança prematura morando onde o esgoto era a céu aberto, onde era um local todo de terra e eu chorei muito eu quero meu filho é meu, eu quero levar o meu filho embora! E aí ela falou: Mas, desde que você coloque piso no seu barraco, compre um purificador de ar, não use cortinas na janela então fez aquele monte de recomendação então eu senti o peso, se fosse qualquer outra pessoa que morasse numa casa não teria passado por essa dificuldade, quando a gente tem o filho da gente aquilo que a gente mais quer é ter ele ali perto da gente... (Lidiane)*

De acordo com Larrosa (2004):

[...] quando uma criança nasce, um outro aparece entre nós. [...]. É um outro enquanto outro, não a partir daquilo que nós colocamos nela. É um outro porque sempre é outra coisa diferente do que podemos antecipar, porque sempre está além do que sabemos, ou do que queremos ou do que esperamos (LARROSA, 2004, p. 187).

Na medida em que minha memória percorre os barracos, os becos, as vielas que conheci, bem como as crianças machucadas também pelo sistema opressor, penso na função social da escola como um caminho possível de proteção às crianças.

Larrosa (2004) nos orienta a pensarmos na criança:

[...] na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la) (LARROSA, 2004, p. 185).

A experiência de infância na Favela Zumbi dos Palmares era marcada pela brincadeira fora do barraco, realizada coletivamente

com os pares e pelo contato com a natureza. As crianças ocupavam espaços destinados à infância, ou seja, os becos, as vielas, mas, também faziam uso dos espaços de mato, do Campinho, entre outros lugares da favela. A circulação das crianças se dava, predominantemente, na Escola. Por meio das brincadeiras, as crianças interagem com o espaço da favela e a transformavam num lugar querido, de muitos afetos e histórias.

O CIEP Carmelina Pellegrino Cervone foi um importantíssimo instrumento de defesa das crianças da Favela Zumbi dos Palmares. Durante os anos do processo de favelização a escola clamou por justiça social. Recordo-me de um ofício da Diretora Maria Aparecida Bortolozo, no qual descreve a sua preocupação com as crianças em relação à falta de alimento durante o período de férias das crianças, “inúmeras vezes fazíamos cestas básicas” (Diretora da escola).

**Figura 12** – CIEP Carmelina Pellegrino Cervone



Fonte: CIEP Carmelina Pellegrino Cervone; página no Facebook (2019).

*... Era uma escola praticamente dentro da comunidade, os professores, a diretora vivia dentro da comunidade, eles olhavam para a comunidade. Não sei, eu tenho pra mim que aquela escola foi construída pro pessoal do Zumbi, pro pessoal do Santa Fé, tinha a diretora Maria, ela tinha um carinho, um olhar humano, um olhar solidário com o pessoal dali, ela sentia o que nós sentia ali, e quando acabava a água, antes de ser a Maria diretora, tinha uma outra diretora e a gente tentava pedir água pra ela, às vezes ela liberava, às vezes não porque não podia, tinha toda uma burocracia e quando a Maria assumiu a Diretoria da escola ela abriu os portões pra gente literalmente, pra gente fazer festa da comunidade, como a gente não tinha espaço ali no Zumbi adequado cimentado, pra fazer festa no dia das crianças no dia de natal, qualquer coisa que a gente fosse fazer voltado pra comunidade a diretora Maria sempre emprestava a quadra pra gente. Quando acabava a água ela sempre falava para gente se precisar de água, o portão da quadra está aberto. Então, a gente tinha total acesso com a escola, era uma parceria muito grande, um olhar de amor muito grande da escola Carmelina para com a Favela Zumbi dos Palmares. Quando os filhos ficavam doentes ligavam no celular da mãe e não atendiam, a Maria diretora pegava uma equipe, uma professora, uma cozinheira, uma faxineira que estava lá, que gostava de interagir com a gente e ia até esse barraco, essa residência dessa criança pra ver se a mãe estava lá: \_Olha seu filho tá doente, não tá bem, não passou bem, a gente veio trazer ele ou então, você vai lá busca ele, é... que saudade... (Lidiane)*

*... Eu costumo dizer que a escola era o quintal da Favela... (Talita)*

*... A Diretora Maria nos ajudava no que podia e naquilo que não podia. Ela deixava a gente pegar água na escola quando faltava... (Rafaela)*

As narrativas revelam a capacidade da diretora em ajudar os moradores da Favela a estabelecerem uma relação de comunhão com a escola. Tais narrativas chegam aos meus ouvidos de maneira harmônica, pois me parecia uma escola inclusiva, onde as pessoas se apoiavam mutuamente e atendiam suas necessidades específicas por seus pares. A escola ajudava os moradores da Favela na superação de alguns obstáculos, tal como a falta de água. Havia uma educação não formal na relação estabelecida entre a Escola e a

Favela. A diretora apresentava autonomia e independência em suas ações fazendo uma interface com outras áreas do conhecimento e para além dos muros da escola.

Para Caro (2011):

A educação não formal reconhece a pessoa como um ser que pensa, age, sente e que traz consigo uma cultura que precisa ser respeitada para que ele possa crescer e se desenvolver, pois a cultura faz parte da identidade do ser humano e os valores são imprescindíveis em sua formação. Esta educação acontece pelas iniciativas de movimentos populares, associações democráticas, organizações que visam à mudança social, dentre outras. Tem um caráter transformador, pois possibilita que os atendidos sejam conscientizados do seu valor e da importância de serem cidadãos conscientes ao atuarem em sua realidade, viabilizando o resgate de sua própria dignidade e a de outros [...]. A educação não-formal é compreendida como um campo, não em oposição à educação formal, mas complementar à crise da Educação escolar. Quando observamos sua trajetória prática, constatamos que ela deriva e transita por várias e diferentes ações e áreas do conhecimento. No aprofundamento desta área, nos deparamos com diversas ciências que colaboram na construção desse conhecimento e que buscam por uma proposta de mudança social. Aqui, podemos citar a Sociologia, a Psicologia e o Direito, dentre outras [...]. Os cuidados na formação do pedagogo e do Educador social dependem desta multidisciplinariedade que amplamente discute as diversas visões sobre o ser humano e o seu posicionamento na sociedade. A educação social há muito tempo deixou de ser exclusiva da marginalização, do conflito social e do risco social para nos amparar também nos diversos ambientes educacionais, como um apoio às possibilidades de relações que podemos desenvolver e propiciar aos educandos [...]. A educação social é um caminho que não devemos desprezar, pois seu conteúdo é riquíssimo para a ação do educador e o desenvolvimento do educando (CARO, 2011, 134-137).

*... Quantas vezes nos nossos perrengues ela conseguia uma cesta básica pra nós (sic)... (Rafaela)*

*... As nossas festas (Páscoa, Junina, das Crianças, Natal) aconteciam tudo na escola, ela (Diretora Maria) entendia que não dava pra fazer as festas na Favela... (Lidiane)*

Figura 13 – Slogan da Escola



Fonte: CIEP Carmelina Pellegrino Cervone; página no Facebook (2019).

O CIEP Carmelina Pellegrino Cervone trata do ato de educar com compromisso, entendendo que a transformação social requer uma postura de luta e posicionamento político. Conheci a diretora Maria Aparecida e esta, ao desempenhar as suas funções na escola, sempre buscou formas de acolhimento, atividades e tratamento humanizado para que o espaço escolar fosse o melhor lugar para as crianças ficarem e, no tempo que estivessem ali dentro, pudessem sentir-se parte da sociedade, sentir-se gente; para ela era impossível ser neutra diante de uma Favela cheia de crianças em pleno desenvolvimento. Esta acreditou que poderia ser o contraponto na garantia dos direitos da criança e do adolescente, não aceitando os lugares determinados pelo sistema aos moradores da Favela. Segundo Freire (1996):

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, sou ou serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo

incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu 'destino' não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não é determinismo (FREIRE, 1996, p. 59).

*... A professora tinha tanto carinho pra ensinar o meu filho que eu não queria que saísse da escola... (Talita)*

O CIEP Carmelina procurou romper com a lógica da exclusão. A segregação não cabia em uma escola democrática, ou seja, era preciso dar oportunidades para que as crianças tivessem uma educação de qualidade, garantindo a aprendizagem e ajudando a romper com o ciclo de violências. O conhecimento sobre a Favela, fez com que a escola Carmelina pudesse adquirir mais recursos para enfrentar as dificuldades advindas da pobreza. A clareza de que a Favela não é só problema, só violência, ajudou na conquista do respeito pelos moradores da Favela. As famílias trabalhadoras – lutando muito, só que com mais dificuldade, pois tudo para eles era mais escasso – foram aprendendo a respeitar a escola como se fosse o quintal que a Favela não tinha.

Assim, alinhavando a pesquisa com a contribuição da Educação Sociocomunitária, recorro a minha memória e encontro uma escola em processo de organização, trabalhando no fortalecimento das pessoas mais pobres e discriminadas. A escola Carmelina pautava suas ações num trabalho cooperativo a partir das demandas da Favela, onde as pessoas tinham pouco acesso a serviços públicos e como observa Gutiérrez (1993), “as classes populares têm que se educar enquanto lutam para sobreviver” (GADOTTI; GUTIÉRREZ, 1993, pp. 23-33).

### **3.3. As Violências na Favela**

A Favela Zumbi dos Palmares cresceu numa velocidade intensa entre os anos de 2003 a 2016; nessa esteira também se deu a

escalada das violências pela ausência dos serviços públicos. O tráfico de drogas tornou-se o principal fator de interferência da polícia. As mulheres negras eram duplamente marcadas pelas violências de gênero e de etnia, todavia seguiam sozinhas na luta.

### 3.3.1. Pelo Estado...

Barracos montam sentinela na noite.  
Balas de sangue derretem corpos no ar.  
Becos bêbados  
Sinuosos labirínticos velam o tempo escasso de  
viver.  
Conceição Evaristo (1992, p.20).

Lidiane, Talita e Rafaela narram a Favela Zumbi dos Palmares como um lugar de refúgio, acolhimento e união. Mas, eu estando na condição de pesquisadora tenho o dever de trazer outros elementos para a pesquisa. Vou me utilizar da obra de Conceição Evaristo (2017), intitulada “Beco da Memória” que foi construída a partir de histórias vividas por moradores de uma favela. Maria-Nova, a narradora, é a menina que reconta as histórias das pessoas de maneira coletiva. Assim, a identidade de Maria-Nova se constitui por meio da lembrança dos mais velhos e dos novos moradores da favela. As histórias da família da menina são muito importantes, pois Totó e Maria - Velha contavam para ela suas experiências e muitas delas eram histórias de violência.

Os relatos de violência estavam presentes em “Becos da Memória”.

Várias são as histórias de violência que nos chegam através de pequenos relatos de vida de algumas personagens moradoras da favela. São histórias de personagens como Vó Rita, Cidinha-Cidoca, Maria-Velha, Maria-Nova, Dora Mãe Joana, Fuizinha, Custódia, Filó Gazogênia – que trabalham como empregadas domésticas, lavadeiras, passadeiras, prostitutas. Mulheres generosas, chefes de família, que lutam para criar suas proles; outras abortam, abandonam ou perdem seus filhos. ‘Algumas sofrem intensa violência, dos maridos, pais, da sogra. Algumas são generosas, poucas são felizes. São todas personagens femininas que atualizam, em suas histórias

de vida e em seus próprios corpos, uma relação repetidamente evocada na narrativa: a aproximação entre senzala e a favela' (SOUZA, 2011, p. 128).

A violência também estava presente na Favela Zumbi dos Palmares e quando vistas bem de perto, lembravam as atrocidades da senzala.

*...O pau comia na Favela, não podia vacilar. Um dia quebraram o moço na paulada, mais di (sic) verdade, ele vacilou... (Lidiane)*

Penso ser muito importante nos atentarmos à questão racial que determina as abordagens na favela. A filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro Sueli Carneiro (2003), entende ser necessária a inclusão racial junto às discussões de gênero. Segundo a autora:

Desprezar a variável racial na temática de gênero é deixar de aprofundar a compreensão de fatores culturais racistas e preconceituosos determinantes nas violações dos direitos humanos das mulheres no Brasil, que estão intimamente articulados com a visão segundo a qual há seres humanos menos humanos do que os outros e, portanto, se aceita complacentemente que estes não sejam tratados como detentores de direitos (CARNEIRO, 2003, p. 14).

*... Tinha dia que a policia inventava de baixar na favela e botava todos os pretos no chão, dava dó de ver os moleques apanhando. Eu pedi pra eles pararem (os policiais) de bater, e eles (os policiais) me chamaram de vagabunda... (Rafaela)*

Quando nos reportamos ao cotidiano da Favela Zumbi dos Palmares, observamos o quanto se faz presente a negritude feminina. As narrativas da Favela nos trazem histórias de violências e, nesse contexto, as mulheres negras são marcadas repetidamente. Dados históricos comprovam que as mulheres negras são as que mais sofrem na hora do parto, que possuem menor escolarização, que recebem os menores salários e cumprem jornadas absurdas de trabalho.

*... A filha da Kátia Koc ficou rolando de dor lá no hospital, precisava fazer cesárea, ela não tinha dinheiro, ficou sofrendo muitos dias até a filhinha dela quase morrer. Nasceu roxinha da Silva... (Rafaela)*

A vida da mulher favelada é marcada por dores e violências, pois, na grande maioria das situações, elas sustentam o lar, além de, muitas vezes, sofrerem violência doméstica e serem responsabilizadas sozinhas por seus filhos.

A violência contra a mulher é um problema que nos faz debruçar para encontrar soluções; além do mal causado a ela, compreendemos que esta tem uma rede de pessoas que também são afetadas brutalmente. A Favela Zumbi dos Palmares foi marcada por muitas violências e as mulheres mantiveram-se firmes.

A Lei Maria da Penha, sancionada em 07 de agosto de 2006, a Lei nº 11.340, é um importante instrumento de defesa dos direitos das mulheres (BRASIL, 2006). Esta tornou-se mais rígida punindo qualquer tipo de violência cometida contra a mulher. Todavia o país ainda registra um alto índice de violência praticado contra as mulheres. A questão se agrava quando se trata da violência contra a mulher negra.

A violência nesta pesquisa é compreendida como as violações dos direitos das pessoas que ali viviam sem obterem forças suficientes para saírem sozinhos daquela situação. Essa violência, muitas vezes, se dá através do aparelho estatal e a sua compreensão do controle da criminalidade e da violência; aqui falamos da segurança pública utilizada para conter as violências por intermédio do Estado moderno conforme estas se apresentam (BAUMAN, 1998).

A expansão da Favela se deu sem nenhum controle. Para que os moradores pudessem ali viver, eles foram construindo as suas próprias regras. Uma dessas regras era que naquele lugar não se chamava a Guarda Municipal ou a Polícia Militar para resolver conflitos.

*...Eu via sim a polícia entrando no barraco sem respeito, metendo o pé no barraco dos outros. Eu nunca deixei a polícia entrar no meu barraco, a casa é minha. Vocês tem mandado? Independente de ser favela ou não, na minha casa vocês não vão entrar... (Lidiane)*

Essa negação da presença da Segurança Pública no local se dava devido às intervenções que esta praticava. Os moradores não viam a polícia com bons olhos, sendo ela municipal ou estadual. Eles se sentiam mais protegidos pelo tráfico, do que pela polícia.

*... Eu não vendia drogas, naquela época eu era evangélica, eu não deixava a polícia entrar no meu não! Pra falar bem a verdade tinha corrupção por parte da polícia, não com os traficantezinhos, com os grandões do tráfico, a polícia pedia dinheiro pra eles sim, se não desse dinheiro de drogas pra eles, ficavam lá zuando a Favela a semana inteira. Eles jogavam spray de pimenta nos olhos dos cachorros, pois eram os cachorros que avisavam quando eles chegavam de madrugada, davam tiros pra cima pra assustar... (Rafaela)*

Em “Beco da Memória”, Maria-Nova traria uma nova história a ser contada, pois ouvia as narrativas da favela pelos mais velhos com muita atenção: “Ela precisava ouvir o outro para entender” (EVARISTO, 2006, p.53). Será que se os marginalizados, que enfrentam uma realidade de violência, preconceito e exclusão social, fossem ouvidos, as propostas de políticas públicas para os mais pobres não seriam mais eficazes?

Quando ia para a Favela Zumbi dos Palmares eu gostava de ficar observando a reação das pessoas e, a partir da observação ancorada pela literatura, constatava a desvalorização da figura da mulher, o estereótipo indicando que aqueles corpos poderiam ser descartados e explorados. Revivendo o processo histórico observamos, na afirmação de Silva (2009), que as mulheres negras são:

Marcadas pelo estigma da escravidão, a elas permanecem destinados os trabalhos sem qualificação, trabalhos que dispensam inclusive a educação e a instrução, sobre elas pesa, além das diferenças de gênero, também as de raça. O que observamos é que com papéis sociais ‘naturalmente’ definidos como adequados, os nexos explicativos da condição da mulher negra remetem,

primeiramente à sua condição de escrava. Sobre elas recam tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico (SILVA, 2009, p.71).

### 3.3.2. Por Gênero e Etnia...

Na Favela Zumbi dos Palmares, questões sociais relacionadas a sexo e gênero são os principais causadores de violência contra as mulheres. A coisificação do corpo da mulher da Favela, reforçada pela ideia de liberdade sexual, como uma forma de associar o seu corpo à sexualidade, reafirma que o corpo feminino, compreendido como coisa, pode ser consumido. No período de escravização “quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas” (DAVIS, 2016, p.199).

*... Os homens de fora da Favela olhavam pra Favela com um lugar de muita necessidade e pobreza. Então, se precisasse de uma garota de programa, era só ir na Favela, elas (mulheres) precisam de dinheiro, então não vão negar sexo... (Lidiane)*

Conforme o Relatório Anual do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF 2018, p. 10) com dados do Disque Direitos Humanos de 2017, no Brasil, foram registradas mais de 84 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes. O relatório refere-se a uma maioria de crianças negras advinda das classes populares e periféricas, pois, sobre outras classes sociais não há dados quantitativos sobre violências.

*... Tinha um homem, um senhor de idade já, um homem maduro, ele usava a falta de dinheiro que a minha mãe sempre teve. A minha sobrinha que sofreu abuso sexual sim, e não só ela, como suas amiguinhas também... O homem dava dinheiro, então, elas podiam tomar o seu refrigerante, tomar o seu sorvete, comer bem, comer o seu pão com presunto... (Lidiane)*

Nas narrativas das mulheres, percebo o quanto o olhar do homem acaba por hiperssexualizá-las e subestimá-las,

considerando-as inferiores; vistas como objeto sexual e, muitas vezes, chamadas de “vagabundas”.

A Associação Carolina Maria de Jesus, em 08 de Março de 2019, em um de seus momentos de formação com um grupo de mulheres negras trabalhou com dados de um estudo denominado “Balanço 10 anos – Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher” elaborado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres – Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. As mulheres negras, em 2015, foram as principais vítimas, o equivalente a 58,55% (GONCALVES, 2015, p.16).

*... Acontecia sim de meninas ficar grávida e nem sabe quem era o pai... se fosse alguém da favela recebia corretivo dos irmãos. (Lidiane)*

Outro dado apresentado pela Associação que ajuda a fazer o recorte racial da pesquisa é o do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014), divulgados em março de 2014 por meio da “Nota Técnica – Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”, 51% das vítimas de violência sexual eram mulheres negras. Sobre a exploração sexual, a *United Children’s Fund* - Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2019) realizou o estudo denominado “Violência Sexual” e ao trabalhar com o perfil das vítimas detectou que a maioria das mulheres e meninas exploradas sexualmente também são negras.

*... Acho muito errado esse jeito de pensar a mulher da favela, pois nós (sic) demos duro dia e noite, quando o barraco caia com chuva quem corria atrás de telha, madeirite, pra erguer? A maioria de nós (sic). Vagabunda nós (sic) num é (sic) não!... (Rafaela)*

Segundo Valéria Fernandes (2015, p. 193) “mulheres de todas as classes sociais, origens, graus de instrução e idade são atingidas pela violência doméstica”, todavia os dados comprovam que as mulheres negras são as mais atingidas pelas violências. A pesquisadora Sueli Carneiro (2003) esclarece que o racismo tenciona as questões de gênero, aumentando a vulnerabilidade da mulher negra diante das

situações de violência. Sendo assim, ela acredita ser necessário fazer a interlocução das questões de gênero e etnia:

Essa necessidade premente de articular o racismo às questões mais amplas das mulheres encontra guarida histórica, pois a 'variável' racial produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade feminina estigmatizada (das mulheres negras), como a masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racialmente dominante (das mulheres brancas). Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o status dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes. Por isso, para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdades existentes entre homens e mulheres brancos significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que os homens negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas (CARNEIRO, 2003).

### **3.3.3. Pela Solidão da Mulher...**

Quando entrei na escola, tive muita dificuldade para fazer amizade. Amigos eu tinha lá em Guaianazes, no bairro Santa Rosa, onde vivi a minha primeira infância. Gosto muito de recordar desta fase de minha vida. Tudo era tão simples, nós éramos felizes com pouco, não existia brinquedo, nós inventávamos as brincadeiras e a rua era o quintal de casa, sem nenhum problema. Depois dos sete anos, eu mudei de cidade e conheci a solidão, as pessoas diziam que eu era um amor de menina, “ela é muito boa pra ajudar”, dizia uma das patroas da minha mãe.

Coloco-me no lugar de uma mulher favelada perante uma sociedade cheia de preconceitos; não é nenhum status apresentar uma mulher de Favela e a situação se agrava se esta for negra.

No período pós-abolição, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isto significou que seu trabalho físico foi duplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares (GONZALEZ, 1979, p. 13).

As trajetórias das mulheres da Favela Zumbi dos Palmares foram permeadas de solidão. Durante o processo de favelização era comum encontrarmos mulheres sozinhas com seus filhos nos barracos. Onde estava o genitor? Havia abandonado a família ou estava preso.

*... Eu sempre tive o apoio da minha família, mas sempre me senti sozinha. O pai dos meus filhos foi preso quando minha filha tinha cinco meses, isso já tem dez anos e ele está preso lá até hoje. Toco a vida sozinha, eu e meus filhos... (Rafaela)*

As mulheres tomaram as rédeas da situação na Favela, cuidavam dos barracos, provendo os filhos e não ficavam esperando para tomarem atitudes, defendiam os seus filhos e de seus amigos.

*... As coisas eram tudo nas minhas costas, mesmo tendo o meu companheiro, meu marido, não adiantava de nada. A gente tinha que se virar com tudo, ia no ecoponto buscar madeirite pra arrumar o barraco, enquanto eles (maridos/companheiros) ficavam lá, sem fazer nada, usando droga, enchendo a cara de cachaça, coçando... (Lidiane)*

Faço a escuta das narrativas das mulheres e me dou conta do impacto do processo de escravização na vida das pessoas, atravessando séculos até os dias atuais; impactam desde os lugares que podemos ocupar ou não e também as oportunidades que temos ou não; impactam as vidas das nossas famílias e dos nossos afetos.

Trago aqui uma vivência: Visitei a cadeia feminina de Santa Bárbara d'Oeste e encontrei um grande número de mulheres encarceradas. O carcereiro me relatou que, muitas vezes, as mulheres são encarceradas por motivos não ligados a elas. Essa solidão também existe: as mulheres são praticamente abandonadas atrás das grades, pela família, pelo marido, pelos filhos. Até mesmo no encarceramento, elas são definitivamente apagadas, como se não fossem minimamente importantes para ninguém.

E, quanto mais vivências eu tenho, a solidão vai se tornando mais presente e a certeza de que mulheres subalternizadas não são vistas como sujeito.

A mulher da Favela é vista como alguém que precisa ser sempre forte, sustentar o barraco, manter a ordem no lugar, seja lá como for. Elas não são vistas como dignas de amor, mas, pelo meu olhar, elas emanam afetos.

No próximo capítulo dou ênfase à Educação Sociocomunitária como prioridade, trazendo a importância do desenvolvimento comunitário para a transformação da sociedade e, segundo Gadotti (2012, p. 18), “contribuindo com a organização e o fortalecimento dos laços de solidariedade entre populações empobrecidas ou discriminadas”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Favela Zumbi dos Palmares nasceu da falta de políticas públicas em moradia para a população mais pobre, isto porque a cidade de Santa Bárbara d'Oeste ficou por mais de 20 anos sem política habitacional para o Município. O Conjunto Habitacional Roberto Romano foi o último empreendimento de grande porte na cidade, conveniado com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), em 1990 e entregue em 1996, com 1614 unidades habitacionais. O resultado da ausência dessa política social, para as pessoas que trabalhavam como vendedores ambulantes, pintores, pedreiros, jardineiros, faxineiros, etc., foi a impossibilidade de se pagar aluguel, obrigando as pessoas pobres, sem alternativas a se refugiarem na Favela Zumbi dos Palmares.

A contribuição do geógrafo Milton Santos faz pensar a Favela dentro deste mundo globalizado, onde está se impondo uma fábrica de perversidades como o desemprego sempre presente, o aumento da pobreza, o acometimento de muitas doenças, o avanço da mortalidade infantil, a ausência de educação de qualidade, o consumismo, que é visto como gerador de felicidade e a Favela tendo que também enfrentar esse fenômeno. Assim Santos (2007) esclarece:

Seja qual for o ângulo pelo qual se examinem as situações características do período atual, a realidade pode ser vista como uma fábrica de perversidade. (...) Vivemos num mundo de exclusões, agravadas pela desproteção social, apanágio do modelo neoliberal, que é, também, criador de insegurança (SANTOS, 2007, p. 59).

O lugar de refúgio ocupado pelos moradores era desprovido de cuidados pelo poder público. Era um lugar de desproteção social, como fora esclarecido por Santos (2007), sem nenhum tipo de saneamento básico, com muito lixo e o consequente aparecimento de ratos, baratas, escorpiões, carrapatos e cobras.

Toda e qualquer interferência na Favela se dava por reivindicações do Movimento Negro, da Igreja Imaculada da Conceição e do Conselho Tutelar, encaminhadas à Câmara Municipal e a Prefeitura Municipal para providências.

As trajetórias de lutas de Lidiane, Talita e Rafaela mostram o grau de comprometimento delas pela garantia de direitos, enquanto suas vozes ecoavam nos becos, nas vielas para que todos pudessem ter uma vida digna, livre de todas as formas de violência e opressão como: a pobreza, a falta de trabalho, a mercantilização do corpo, a precarização da saúde, a falta de segurança, entre outros.

A memória da Favela, nas narrativas dessas mulheres, diverge do imaginário social que sempre orientou o lugar como sendo espaço de carência. Entretanto, para elas a Favela era um lugar de potência, de valor, de capacidade criativa e transformadora.

As moradoras não esconderam os problemas da Favela, mas, narraram um lugar formado por trabalhadores braçais, quando não estavam desempregados.

*“A Favela não é um problema. Muito pelo contrário, ela é uma solução. A Favela é a solução que nós (sic), a população pobre encontrou para a falta de moradia” (Lidiane).*

Mesmo a Favela apresentando um problema estrutural, ela se tornou a possibilidade de recompor a vida, de viver com menos, mas continuar vivendo. Havia uma organização que se dava através de afetos, da necessidade e compreensão de um trabalho coletivo, de uma comunhão nas vivências da favela, para que se pudesse enfrentar as ausências materiais com dignidade.

A Favela significava ter perspectiva de vida e esperança, além de contribuir "de alguma maneira com a necessidade coletiva de conquista de identidade, pois, as pessoas escrevem a partir de uma necessidade de comunicação e comunhão com os outros, para denunciar aquilo que machuca e compartilhar o que traz alegria" (GALEANO, 1978, p.14).

Lidiane, Talita e Rafaela, nomes fictícios dados às mulheres da pesquisa, narraram a Favela com brilho nos olhos, com respeito, para que eu pudesse deixar escrito num documento; para eles, os moradores daquele lugar, a Favela era o melhor lugar do mundo. Nas narrativas delas, a Favela as acolheu, assim como acolheu a tantos outros, no momento em que precisaram. Elas narraram suas histórias como faveladas, pertencentes a um lugar de luta, resistência e não de miséria.

A Roda de Conversa possibilitou uma reflexão sobre a relação de pertencimento dos moradores, a importância de resgatar a memória local e construir a ideia de comunidade. As experiências que demarcam as narrativas da Favela, como um lugar onde havia muitas pessoas desempregadas, em função do preconceito contra o favelado, é compreendido pelas mulheres. Esta compreensão não significava conformismo em relação ao preconceito social e racial, mas, aceitação de que é assim que a sociedade vê a Favela e as questões que orientam esse modo de olhar para os seus moradores, ou seja, estava para além da capacidade de intervenção deles, por isso a busca por alternativas por um trabalho informal.

A Escola Municipal, CIEP Carmelina Pellegino Cervone, por meio da Diretora Professora Maria Aparecida Bortolozzo, é apresentada pelas mulheres como o ponto de apoio da Favela, não só para as crianças enquanto estudantes, mas para toda comunidade escolar, especialmente aos moradores da Favela, devido à questão estrutural que compunha o ambiente.

Trago mais uma vez a contribuição de Paulo Freire a esta pesquisa, numa poesia sobre a Escola, pois, este pensou a escola para além de seus muros, a fim de que ela pudesse auxiliar na transformação da sociedade.

Escola é... o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima (FREIRE, 2010).

Sendo assim foi possível notar que na narrativa de Talita: “A escola era o quintal da Favela” e isso materializa uma escola cheia de afetos e

traz a grandeza, a boniteza da escola com sentidos e sentimentos, que também é descrita pelo educador Moacir Gadotti (2011).

A Diretora Maria Aparecida se posiciona diante da injustiça social em que estão inseridos os seus estudantes, subverte as regras e permite que os moradores se apoiem na escola na falta de água, nas vezes em que faltou o alimento ou para propiciar algum tipo de lazer.

Em se tratando das violências que acometiam a Favela, as narrativas foram conduzidas de maneira cuidadosa na roda de conversa. Eu quis tratar desta questão, com receio de romantizar a Favela em algum momento, pois não era o desejo das mulheres rememorar a violência na Favela.

As primeiras narrativas sobre violência apontaram para o agir da polícia na Favela. A forma era sempre com truculência, sob a mira do revólver, diante do olhar de dúvida e ódio do trabalhador. Conforme relatado por Valladares (2005, p.26): “[...] em 1900 o Jornal do Brasil proclamava ser aquele um lugar ‘infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias’ De maneira geral, as mulheres não relataram nenhum respeito pela polícia e não se sentiram protegidas por ela, diante de problemas enfrentados pelos moradores que necessitavam da segurança do Estado; o melhor que podiam fazer era não chamar a polícia e, com isso, evitando intercorrências com traficantes.

Quando conversado na roda sobre a coisificação da mulher da Favela, Lidiane traz a seguinte narrativa “Os homens de fora da Favela, olhavam pra Favela como um lugar de muita necessidade e pobreza. Então, se precisasse de uma garota de programa, era só ir na Favela, elas (mulheres) precisam de dinheiro, então, não vão negar sexo”. Essa desumanização e embrutecimento da mulher de Favela é fruto do longo processo de escravização vivenciado em nosso país, que entendia que o corpo negro poderia ser explorado.

Por se compreender a Favela como um lugar desprezível, os corpos ali existentes também o eram. No decorrer das narrativas, as mulheres trataram sobre o número de adolescentes grávidas sem o acompanhamento médico, a demora em consultas médicas, os termos “puta, vagabunda, arrombada” que eram utilizados com

frequência para se referir a mulher da Favela, no sentido de considerá-las como “coisa”.

No aspecto da solidão da mulher na Favela, as narrativas de Lidiane, Talita e Rafaela trouxeram um lugar de solidão, no sentido de serem elas por elas garantindo o sustento dos filhos, encontrando formas para melhorar o barraco, mantendo o equilíbrio do lugar e, principalmente, o sonho da moradia.

As mulheres se doavam, corriam atrás, sabiam da importância da luta e o real significado da frase: isso foi fruto do meu suor. Seguiram em frente. Nos primeiros anos da Favela não era possível enxergar que as mulheres pudessem contribuir para que todos os moradores tivessem um futuro promissor, mas, aos poucos, foi-se percebendo que a história a ser contada era de resistência. Lutaram diariamente contra tudo que as atingia negativamente.

Estar sozinha na luta não era uma escolha delas. Fazia parte do contexto de desigualdade de classe, raça e gênero. Se sentir sozinha era para elas angustiante, pois, por mais que fossem fortes estas não queriam esse sentimento no cotidiano de suas vidas. De fato, era um problema achar que a mulher de Favela deve ser forte o tempo todo. Talita narra: *“Tinha dias que não queríamos discutir sobre a nossa moradia, nós só queríamos cuidar do nosso barraco sem esquentar a cabeça. Nada além disso”*. A narrativa de Talita trouxe o não respeito ao cansaço do corpo da mulher, o direito ao silêncio e a liberdade de fazer suas escolhas. Quero contrariar o pensamento patriarcal de que nós mulheres pobres e faveladas temos que estar prontas para servir. A reflexão da escritora, cordelista e poeta Jarid Arraes é importante para repensarmos a condição em que somos submetidas:

Na cultura brasileira é impossível pensar em mulheres negras como pessoas frágeis. São as negras que, em sua maioria, começam a trabalhar desde jovens para ajudar a família e precisam largar os estudos para cuidar da roça ou limpar a casa de pessoas brancas como empregadas domésticas. Em incontáveis casos, senhoras negras de idade contam histórias de trabalho contínuo sem qualquer descanso, criando filhos dos brancos, cuidando da faxina de residências e centros comerciais, transportando cargas e

permanecendo em pé dias inteiros enquanto trabalham, sem receber qualquer direito trabalhista ou pausa para repouso (ARRAES, 2013).

Solidão. As mulheres não queriam viver a solidão. Sentiam-se tristes, o coração apertava, tinham vontade de chorar e choravam escondido das crianças. A luta para a realização dos sonhos não era nada fácil, mas elas seguiram em frente, sempre.

E assim, caminhando para o fim desta pesquisa, vou vislumbrado a possibilidade de continuação dela, afinal, o fruto da luta e resistência dos moradores da Favela Zumbi dos Palmares, com o protagonismo das mulheres, que culminou na inserção dos mesmos no “Programa Minha Casa Minha Vida”, criado em abril de 2009; uma iniciativa do Governo Federal, em parceria com os estados, municípios, através de empresas e entidades sem fins lucrativos, com vistas a oferecer condições interessantes para o financiamento de moradias para famílias de baixa renda.

**Figura 14** – Slogan da Prefeitura Municipal de SBO sobre o Programa Habitacional



Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d'Oeste (2019).

A pesquisa traz a complexidade e a subjetividade das trajetórias de vida de mulheres negras e com elas há o eco do reconhecimento da multiplicidade de suas vozes. Partindo do meu lugar de fala para chegar até as narrativas das mulheres, foi possível compreender a existência de uma humanidade negada devido à hierarquização do conhecimento, fruto da classificação racial, social e de gênero. Tal fato demonstra que o modelo a ser valorizado é branco, eurocristão e patriarcal.

[...] Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência [...] (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Ribeiro (2017, p.25) analisa o “que pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são” diante de um sistema educacional injusto, que deslegitima os mais diversos saberes e a escrita de si, presente na Favela. Ainda sobre o pensamento decolonial a autora ressalta que as mulheres negras são o “outro do outro”: “por não serem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca, por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade” (RIBEIRO, 2017, p.39). Então, a não escuta das vozes das mulheres da Favela se dá em função delas estarem ligadas à pobreza, por serem negras e também mulheres.

Na desfavelização no ano de 2016, os moradores da Favela Zumbi dos Palmares passaram a morar no Residencial Bosque das Árvores em Santa Bárbara d’Oeste, zona Sul da cidade, onde a maioria deles foi concentrada no condomínio Manacá. Com os pés no chão, confiança e determinação, as mulheres seguem mais firmes do que nunca, sempre se fortalecendo coletivamente. É isso que realmente importa; a caminhada coletiva, o fortalecimento das classes compreendidas como minorias. Apesar dos problemas construídos historicamente, a Favela foi solução a partir das narrativas das mulheres que ali viveram. Um lugar vivo, forte,

potente e resistente, que atravessou anos de dor através dos corpos e das mentes de quem viveu o açoite do sistema. Que as narrativas dessas grandes mulheres nos inspirem e nos fortaleçam para continuarmos em uma luta que não cessa em nenhum momento: a luta pela vida. Porque favela é símbolo de Resistência!

**Figura 15** – Residencial Bosque das Árvores, moradias que acolheram mais de 250 famílias da Favela Zumbi dos Palmares



Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d'Oeste (2019).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de A. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. In: **Espaço & Debates**, nº 37, 1994 [p. 34-46].
- ALMEIDA, Silvio L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ARRAES, Jarid. A mulher negra e o sexo frágil. **Blogueiras Negras**. 2013. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/a-mulher-negra-e-o-sexo-fragil/>> Acesso em: 08 dez. 2019.
- ARROYO, I. G. Educação social na perspectiva da efetivação dos direitos humanos: educação e direitos humanos. In: **Encontros Nacionais de Educação Social (ENES)**. Elo Instituto de Promoção e Defesa da Cidadania, Belo Horizonte: Dinâmica Gráfica e Editora, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. C. M. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Inquietações da vida contemporânea e suas formas atuais de organização: uma relação de imanência.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Obras Escolhidas Vol. 3. Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Walter Benjamin. Obras Escolhidas**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BENJAMIN, Walter. Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994c.

BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antonio C. (orgs.). **Educação Sociocomunitária: tecendo saberes**. Campinas: Editora Alínea, 2012. 212 p.

BRAGANÇA, Ines Ferreira de S. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>> Acesso em: 12 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)> Acesso em: 18 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)> Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção

sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)> Acesso em: 20 nov. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, vol.17, n. 49, São Paulo Sept./Dec. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-401420030003000008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420030003000008)>. Acesso em 05 out. 2019.

CARO, Sueli M. P. **Educação Social como Agente de desenvolvimento**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Os Fundamentos da Educação Social para uma Educação Sociocomunitária. **Revista de Ciências da Educação**, UNISAL, Americana, ano 08, nº 15, 2006.

\_\_\_\_\_. Educação Social: uma Questão de Relações. In: SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente de; MOURA, Rogério Adolfo de (orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

CARO, Sueli M. P. **Educação Social: novas perspectivas para a Educação Social**. UNISAL. Pesquisas em Pós-Graduação em Educação e Práticas Pedagógicas, 2011.

CARO, Sueli M. P.; GUZZO, Raquel S. L. **Educação Social e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CLANDININ D. Jean; CONNELLY, F. Michel. **Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia- MG: EdUFU, 2011.

COMUNIDADE ZUMBI DOS PALMARES SBO. Página no Facebook (2019). Disponível em: <<https://www.facebook.com/Itape.itape/>> Acesso em 14 jun. 2019.

CONNELLY, Michel; CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te Cuente – Ensayos sobre Narrativas y Educación**. Barcelona: Ed. Laertes, 1995

COSTA, Fernando B. **Homens Invisíveis**: Relatos de uma Humilhação Social. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

CRUZ, Rúbia C. **A Gestora Escolar entre a prática e a gramática**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2012. 281f. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250907/1/Cruz\\_RubiaCristina\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250907/1/Cruz_RubiaCristina_D.pdf)> Acesso em 26 set. 2018.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo, Brasiliense /Secretaria de Estado da Cultura, 1985. Organização de Walnice Nogueira Galvão.

DANTAS, Audálio. Apresentação. Apresentação. In: JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões: Revista de História da UFES**. Espírito Santo, n.21, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/index>> Acesso em: 24 nov. 2019.

ESCOLA ESTADUAL COMENDADOR EMÍLIO ROMI. **Figura da fachada da Escola**. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/emilio.romi>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

EVANGELISTA, Francisco; GOMES, Paulo. de T. (orgs) **Educação para o pensar**. Campinas: Alínea, 2003.

EVANGELISTA, Francisco; CRUZ, Rúbia C. Narrativas de Formação em Educação: possibilidades para a pesquisa e investigação em Educação Sociocomunitária. In. BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antonio C. (orgs.). **Educação Sociocomunitária**: tecendo saberes. Campinas: Editora Alínea, 2012. 212 p.

EVARISTO, Conceição. Mineiridade. Eu-mulher. Os sonhos. Vozes-mulheres. Fluida lembrança. Negro-estrela. In: **Cadernos negros 13**: poesia. São Paulo: Quilombhoje, 1990. p. 29-36.

\_\_\_\_\_. "Recordar é preciso". Menina. Brincadeiras. Pão. Meu corpo igual. Favela. Filhos na rua. Pedra, pau, espinho e grade. Bus. Meu rosário. Stop. In: **Cadernos negros 15**: poesia. São Paulo: Quilombhoje, 1992. p. 17-24.

\_\_\_\_\_. **Literatura Negra**: Uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUCRio, 1996.

\_\_\_\_\_. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

\_\_\_\_\_. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200p.

FERNANDES, Valéria D. S. **Lei Maria da Penha**: o Processo Penal no caminho da efetividade. São Paulo: Atlas, 2015.

FERREIRA, Thais Tkatchuk. **Água de chuva no mar**: os sentidos do Pagode do Souza. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2016. 118f. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322639>>. Acesso em: 26 set. 2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. Eliane Potiguara y Daniel Munduruku: por una cosmovisión amerindia. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** [online]. 2018, n.53, pp.291-304. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182018000100291](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000100291)> Acesso em: 29 set. 2018.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Rev. Direito e Práx.** Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018, p. 1080-1099.

FONSECA, Cláudia; CARDARELLO, Andrea. Direitos dos Mais E Menos Humanos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 83-121, maio 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71831999000100083](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831999000100083)> Acesso em: 15 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas a outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. A Escola. **Rizoma Freireano**. n.8, 2010. Instituto Paulo Freire de Espanha. Disponível em: <<http://www.rizoma-freireano.org/a-escola-paulo-freire>> Acesso em: 10 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2011.

GADOTTI, Moacir. A educação contra a educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

\_\_\_\_\_. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. 2. ed. São Paulo: Ed. L, 2011.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**, Brasília, v. 18, n. 1, 2012.

GADOTTI, Moacir; GUTIERREZ, Francisco Gutiérrez (orgs). **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Em defesa da escrita. In: **Vozes e Crônicas**. São Paulo: Global/ Versus, 1978.

\_\_\_\_\_. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GALEANO, E. O Livro dos Abraços. Porto Alegre: L&PM, 2006. In: GAGNEBIN, J. M. Em defesa da escrita. In: **Vozes e Crônicas**. São Paulo: Global/ Versus, 1978.

GALZERANI, Maria Carolina B. O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas década de 1870 e 1880. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1998. 341f. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280473>> Acesso em 26 set. 2018.

GOMES, Paulo de Tarso. Educação sociocomunitária: delimitações e perspectivas. **Revista de Ciências da Educação**. UNISAL Ano X, n. 18, 1º sem. de 2008, p. 43-64.

GONÇALVES, Aparecida (org.). **Balanco 10 anos – Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher**. Brasília, 2015. p. 16. Secretaria de Políticas para as Mulheres – Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos Disponível em <<http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180-10meses1.pdf>> Acesso em 29 set. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979. **Anais...** Disponível em: <[https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura\\_etnicidade\\_e\\_trabalho.pdf](https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2018.

GROPPO, Luís Antonio. **Sociologia da educação ensaio sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal**. Holambra, SP. Editora setembro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Nota Técnica – Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde**. Brasília, Março de 2014. Disponível em <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140327\\_notatecnica\\_diest11.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnica_diest11.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2019.

ISAÚ, Manoel. Da educação social à educação sociocomunitária e os Salesianos. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP. Nº 26, p.2-24. Jun.2007.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 1ª ed, São Paulo: Francisco Alves, 1960.173p.

\_\_\_\_\_. 3 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1994.

\_\_\_\_\_. 9 ed. São Paulo: Francisco Alves, 2007.

JORNAL DIÁRIO. **Condomínio Parque Olaria: solução é aguardada junto ao TJ**. Publicado em 08 de Out. 2002. Santa Bárbara d'Oeste -SP, 2002.

JORNAL O LIBERAL. **Justiça exige retirada das famílias. Grupo dos sem-teto queria permanecer mais um ano no local, mas PM diz que saída das pessoas deve começar segunda-feira**. Publicado em 1º de Nov. de 2003. Americana – SP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sem-teto fundam 'Zumbi dos Palmares'. Do Parque Olaria, na Zona Sul, para barracas improvisadas na Região Leste, famílias acompanham em área pública**. Publicado em 25 Nov. 2003. Americana – SP, 2003. Jornalista Responsável José Roberto Silva. beto.silva@liberal.com.br.

JORNAL TODO DIA. **Grupo do Olaria ocupa área pública. Parte das famílias saiu ontem de madrugada dos apartamentos e foi para terreno no Parque Zabani**. Publicado em 24 de nov. de 2003. Jornalista Responsável: Gisele Rodrigues. Americana-SP, 2003.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

LARROSA BONDIA, Jorge. O enigma da infância – ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: \_\_\_\_\_. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.180-198.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MILITÃO, Jair. **Como fazer trabalho comunitário?** São Paulo: Paulus, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Milton. **Benke**. Com Leonardo Bretas. Álbum Txai. 1990. Licenciado para o YouTube por SME (em nome de Sony

BMG Music Entertainment); ASCAP, UNIAO BRASILEIRA DE EDITORAS DE MÚSICA - UBEM, EMI Music Publishing, LatinAutor e 2 associações de direitos musicais

OLIVEIRA, Jane Soute de; MARCIER, Maria Hortense. A palavra é: favela. In. ZALUAR, A.; ALVITO, M. (orgs). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria A. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 431–442, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a18v18n3.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

PORTAL REGIÃO HOJE. **Área de ocupação da Favela Zumbi dos Palmares**. Figura 4. Disponível em: <<http://www.regiaoohoje.com.br>> Acesso em: 03 set 2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D'OESTE. **Slogan do Programa Habitacional**. Disponível em: <<http://www.santabarbara.sp.gov.br/v5/index.php?dir=noticia&pag=noticia&id=57417>> Acesso em: 29 ago. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D'OESTE. **Moradias Populares: Bosque das Árvores**. Programa Minha Casa Minha Vida. Disponível em: <<http://www.santabarbara.sp.gov.br/v5/index.php?dir=divulgacao/minhacasaminhavid&pag=1a>> Acesso em: 29 ago. 2019.

**PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA**. Caixa Econômica Federal. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/Paginas/default.aspx>> Acesso em: 08 dez. 2019

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Milton. A totalidade do Diabo. Como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais. In: SANTOS, Milton (Org.). **Economia espacial, críticas e alternativas**. São Paulo: Hucitec, 1979.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Território e Sociedade**. São Paulo, Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: técnica tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: técnica tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SARAU POÉTICO “CENTENÁRIO CAROLINA MARIA DE JESUS”. **Homenagem a escritora Carolina Maria de Jesus traz reflexão sobre racismo**. GELEDES. Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/homenagem-escritora-carolina-maria-de-jesus-traz-reflexao-sobre-racismo/>>

Acesso em 23 out. 2019

SILVA, Maria Aparecida. O Cotidiano das Mulheres Negras a partir de Suas Narrativas: as experiências e formação de Araraquarenses. In: **Revista Fórum Identidades**, Ano 3, Volume 6 | jul-dez de 2009.

SONTAG, Susan. **Ensaaios sobre Fotografia**. Lisboa, Dom Quixote, 1986.

SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Literatura) Pós-graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95939/299736.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10 mar. 2019.

SOUZA, Manuela C. **A “roda da vida” no ambiente escolar: uma vivência intergeracional em Educação Musical**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) Centro de Educação e Ciências Humanas., Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2616>>

Acesso em: 15 abr. 2019.

SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de; SILVA, Antônio Aparecido Silva da (Org.). **Uma dívida, muitas dívidas: os afro-brasileiros querem receber**. São Paulo: Loyola, 1998. p.77-90.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY FUND – UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Relatório Anual. **A infância & você os resultados da sua parceria com o UNICEF em 2018**. Ano 15 • nº 42 • Fevereiro de 2019. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2019-03/UNI42\\_RA\\_2018.pdf](https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2019-03/UNI42_RA_2018.pdf)>. Acesso em: 15 out 2019.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY FUND – UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Violência Sexual**. Disponível em <[http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_03.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_03.pdf)>. Acesso em 29 set.2019.

VALLADARES, Lícia do Prado. A Gênese da Favela carioca. A produção anterior às Ciências sociais. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 15, Nº44. São Paulo: outubro, 2000.

\_\_\_\_\_. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 22-73. 204 p.

VICENTINI, Adriana A. F. Narrativas Autobiográficas de Professores-formadores na Educação de Jovens e Adultos: lugares reinventados em comunhão. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2012. 213f. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251489/1/Vicentini\\_AdrianaAlvesFernandes\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251489/1/Vicentini_AdrianaAlvesFernandes_D.pdf)> Acesso em: 26 set. 2018.

XIMENES, Daniel A. 2015 **Vulnerabilidade social**. Grupo de Estudos sobre a Política Educacional e Trabalho Docente - GESTRADO. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&id=235>> Acesso em: 12 set. 2019.



## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO



**PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**  
**Unidade Americana – SP Orientanda *Tânia Mara da Silva*,**  
**aluna regular. PESQUISA: TRAJETÓRIAS DE LUTAS:**  
**MEMÓRIAS DE MULHERES POBRES, EX-FAVELADAS E A**  
**EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA COMO PRIORIDADE**

- 1 - Por quanto tempo a professora acompanhou o processo de favelização das crianças da Favela Zumbi dos Palmares?
- 2 - É de seu conhecimento alguma política educacional no município, que pensasse sobre a necessidade das crianças faveladas que frequentavam o CIEP Carmelina Pellegrino Cervone?
- 3 - Como era a relação da escola com a favela Zumbi dos Palmares?
- 4 - Os pais levavam alguma queixa da Favela para a escola?
- 5 - Quais eram as principais queixas das crianças em relação à favela na escola?
- 6 - De acordo com o seu ponto de vista, é possível elencar aspectos positivos durante o processo de favelização?
- 7 - Quais eram os principais problemas apresentados pela comunidade escolar referente à Favela Zumbi dos Palmares?
- 8 - Na vivência da escola a senhora presenciou discriminação, preconceito e racismo? Quem os praticava?
- 9 - A escola contribuiu para que o processo de favelização fosse menos sofrível para as crianças? Como?
- 10 - Outras informações que entender serem necessárias?



## ANEXOS

### ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO



#### **Informações para o (a) participante voluntário (a):**

Você está convidado pela pesquisadora e mestranda do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação – do UNISAL, orientanda do Prof. Dr. Francisco Evangelista – Pós-Graduação em Educação/UNISAL, a participar da pesquisa sobre a Favela Zumbi dos Palmares em Santa Bárbara d’Oeste. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

- a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;
- c) sua identidade será mantida em sigilo;
- d) ao responder este questionário anônimo, que faz parte da análise da pesquisa “TRAJETÓRIAS DE LUTA: MEMÓRIAS DE MULHERES POBRES, EX-FAVELADAS E A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA COMO PRIORIDADE, suas informações passam a ser de responsabilidade da mestranda

Tânia Mara da Silva e caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Assinatura: \_\_\_\_\_

## ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE VOZ E IMAGEM



### **Autorização para pesquisa e uso de voz, desenho e imagem.**

Eu, Tânia Mara da Silva, RG nº 22.320.567-9, sou aluna regular no Programa de Mestrado em Educação do **Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)**, **área de concentração Educação Sociocomunitária**, Campus Maria Auxiliadora, Unidade de Americana/SP, e orientanda do **Prof. Dr. Francisco Evangelista**, docente do Mestrado, nesta instituição. Como parte de material necessário para obtenção do grau de Mestre em Educação, necessito desenvolver uma pesquisa que tem como tema: **“TRAJETÓRIAS DE LUTA: MEMÓRIAS DE MULHERES POBRES, EX-FAVELADAS E A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA COMO PRIORIDADE”** e venho solicitar a autorização para realizar a pesquisa. Para tanto, necessitarei realizar com os sujeitos que aceitarem participar, registrar narrativas e escritos, imagens para fins estritamente acadêmicos. Comprometo-me a, ao final do desenvolvimento do trabalho de pesquisa, fazer o retorno dos resultados para todos os envolvidos diretamente no processo da investigação.

Santa Bárbara d' Oeste, 01 de junho de 2019.

**Autorização para pesquisa e uso de voz e imagem.**

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, autorizo o trabalho de  
campo de pesquisa e a coleta de depoimento oral, desenho e  
imagem para fins estritamente acadêmicos da aluna.

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019.

Assinatura \_\_\_\_\_

## ANEXO 3 – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



### Carta de Apresentação da Pesquisa

Prezado(a) Sr(a) \_\_\_\_\_

Venho, por meio desta, apresentar minha orientanda Tânia Mara da Silva, aluna regular no Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), área de concentração Educação Sociocomunitária, na unidade de Americana/SP, responsável pelo desenvolvimento da pesquisa **“TRAJETÓRIAS DE LUTA: MEMÓRIAS DE MULHERES POBRES, EX-FAVELADAS E A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA COMO PRIORIDADE”** desenvolvida por meio da aplicação de questionário, narrativas orais e imagens. Estas informações estão sendo fornecidas para subsidiar sua participação voluntária neste estudo, que visa analisar as vivências de Mulheres na então Favela Zumbi dos Palmares em Santa Bárbara d’Oeste, a fim de registrar as potencialidades e resistência do lugar. Em qualquer etapa do estudo, você e os demais sujeitos envolvidos terão acesso ao aluno-pesquisador para esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio de contato pessoal ou por telefone e/ou endereço eletrônico. São garantidos aos sujeitos de pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, pois a participação é voluntária. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de

nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais e finais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. O aluno-pesquisador compromete-se a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa e divulgação dos resultados nos meios acadêmicos, por meio de artigos em periódicos e participação em eventos. Sem mais para o momento, agradeço e despeço-me.

---

**Prof. Dr. Orientador Francisco Evangelista**  
**Docente do Programa de Mestrado em Educação – UNISAL**  
**– Americana/SP**

## ANEXO 4 – PRÉDIOS ABANDONADOS NO BAIRRO PARQUE OLARIA EM SANTA BÁRBARA D'OESTE QUE SERVIRAM DE MORADIA ANTES DA OCUPAÇÃO NA FAVELA ZUMBI DOS PALMARES

6 – LOCAL/GERAL **DIÁRIO** Terça-feira, 8 de outubro de 2002

Foto ilustrativa: Condomínio Parque Olaria sem solução desde 1993



### Condomínio Parque Olaria: solução é aguardada junto ao TJ

O condomínio Parque Olaria segundo o presidente da comissão especial de condôminos Milton Vieira Júnior está em litígio. O Sindicato dos Metalúrgicos de Santa Bárbara d'Oeste, no final de 1993, abriu um processo para os associados da entidade sindical consta a Formágio, empresa responsável pela construção e comercialização dos prédios, depois pediu para transformar em uma ação civil pública e o juízo

uma ação civil pública e o juiz acatou. Houve algumas decisões da Justiça e agora estão aguardando o julgamento do recurso do Tribunal em São Paulo.

O processo começou quando era para ter sido entregue a obra. A empresa responsável pela construção tinha previsto a obra para 40 meses, mas quando chegou em 40 meses não tinha sido nem metade dos prédios construídos. Então, o sindicato entrou com um processo, que posteriormente transformou-se em uma ação civil pública questionando a situação e pedindo para interromper o pagamento. Os condôminos na época fizeram um contrato para 40 pagamentos de dois salários mínimos.

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos Cláudio Roberto Pereira, a obra está sob judice, portanto, ninguém pode fazer nada no local. “Atualmente, estamos aguardando o pronunciamento do Tribunal de Justiça”, disse.

# ANEXO 5 – CUMPRIMENTO DA DETERMINAÇÃO JUDICIAL E RETIRADA DAS FAMÍLIAS DOS PRÉDIOS ABANDONADOS NO BAIRRO PARQUE OLARIA

08 – O Liberal Cidades Americana, sábado, 1º de novembro de 2003



## Parque Olaria Justiça exige retirada das famílias

Grupo dos sem-teto queria permanecer mais um ano no local, mas PM diz que saída das pessoas deve começar segunda-feira.

Horto Florestal - Movimento Sem-Terra que ocupa a área do Horto Florestal deve deixar o local

José Roberto da Silva  
beto.silva@oliberalnet.com.br

## **Liminar assegura reintegração**

Entenda o caso

Dia 18 – Aproximadamente 130 famílias de trabalhadores rurais da região tentam ocupar uma área do Horto Florestal de Sumaré (da Prefeitura), mas são isoladas pela Polícia Militar e Guarda Municipal. No mesmo dia, elas são transferidas para o Assentamento Sumaré 1 (área do Estado onde vivem 47 famílias há 19 anos).

Dia 23 – Ocupantes cortam eucaliptos no Horto Florestal e tentam montar acampamento no Assentamento Sumaré 2 (área do Estado onde vivem 27 famílias há 18 anos). São novamente impedidos.

Dia 24 – Grupo do Movimento Sem-Terra inicia ocupação de outra área no Assentamento 2, de dois hectares, com a permissão dos coordenadores do Assentamento. Itesp faz boletim de Ocorrência.

Dia 28 – Representantes do Incra, Itesp, MST e Assentamento 2 reúnem-se na Sede do Incra, em São Paulo. Incra pede mais dez dias para estudar o caso.

Dia 30 – Itesp dá entrada na Justiça com pedido de liminar para a reintegração de posse da área.

Dia 31 (ontem) – Justiça concede liminar favorável à reintegração de posse.

Fontes: Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e coordenação do Assentamento2.

## **SANTA BÁRBARA**

A juíza Caren Cristina Fernandes, da 2ª Vara Cível, determinou o cumprimento da liminar de reintegração de posse aos condôminos do Parque Olaria. Com isso, as famílias que estão ocupando os imóveis deverão deixar o local na próxima semana. A informação foi dada no final da tarde de ontem pelo presidente do

Sindicato dos metalúrgicos, Cláudio Roberto Pereira, que representa um grupo de mutuários.

### **Comandante da PM espera receber a notificação da Justiça para providenciar a retirada das pessoas**

Momentos antes, ele havia participado de uma reunião na Prefeitura com os representantes da comissão dos sem-teto. Na última quarta-feira, o Tribunal de Alçada rejeitou o agravo de instrumento apresentam às famílias, mantendo a liminar.

Durante a reunião de ontem, as famílias propuseram a permanência no condomínio por uma no até que fosse definida uma área para a instalação do grupo. Pereira ainda chegou a cogitar a possibilidade de permanência por mais de 50 dias. A proposta seria levada aos condôminos durante assembleia. “Eu ia passar aos proprietários, mas diante da decisão da juíza nem vou mais tocar no assunto”, sintetizou Pereira.

O comandante da Polícia Militar, capitão Jair Cubas, confirmou as informações do presidente do sindicato. Segundo ele, até às 18h30de ontem, o Fórum ainda não havia encaminhado a notificação para retirada das famílias. De acordo com o policial, devido ao expediente, o documento deve ser encaminhado à corporação no início da próxima semana.

**Retirada** - Cubas afirmou que um entendimento e uma predisposição das famílias pra que a saída ocorra de forma ordeira. Mesmo assim, o comandante disse que já solicitou reforço para o efetivo, junto às cidades da região. Além da Polícia Militar, devem participar da operação a Guarda Civil, assistentes sociais, Defesa Civil, equipes da Secretaria de Saúde. O presidente da comissão dos sem-teto, José Roberto Martins foi procurado ontem pela reportagem, mas não foi localizado.

**Cronograma** - As famílias ocupam o condomínio há seis meses. Desde então foram várias tentativas de acordo com o Poder Público a fim de resolver a questão. Há 20 dias o grupo de sem-teto

promoveu uma marcha até o novo prédio da Câmara para pedir apoio dos vereadores.

A partir daí foi formada uma comissão representando as famílias. O grupo vem participando de várias com os poderes Executivo e Legislativo. Na última terça-feira, o Tribunal de Alçada manteve a liminar. Na quarta, o grupo seguiu em marcha até a Prefeitura para uma atitude do prefeito Álvaro Alves Corrêa (PMDB).



## Grupo do Olaria ocupa área pública

Parte das famílias saiu ontem de madrugada dos apartamentos e foi para terreno no Parque Zabani.

Gisele Rodrigues  
Santa Bárbara d'Oeste

Representantes de 100 famílias da ocupação do Parque Olaria, em Santa Bárbara d'Oeste, invadiram uma área pública no Parque Zabani, no início da madrugada de ontem. Policiais militares e guardas civis cercaram a área, mas o grupo permaneceu acampado. No local, um assentado de Sumaré, Lino Prado, está auxiliando na organização do acampamento, que recebeu o nome de Zumbi dos Palmares. Ontem de manhã, o secretário estadual de Habitação, Barjas Negri, recebeu integrantes da comissão do acampamento e colocou-se à disposição para resolver o problema, por meio dos governos estadual e federal.

A ação da PM para a reintegração dos apartamentos em construção, prevista para a madrugada de hoje, poderia tornar-se desnecessária, pois os ocupantes prometeram deixar os prédios vazios antes da chegada da polícia. (leia texto abaixo)

O grupo chegou na área pública por volta da zero hora de ontem e iniciou a montagem das barracas. Uma viatura da Guarda viu o acampamento e pediu reforço na tentativa de impedir a ocupação.

Segundo os acampados, 15 viaturas da PM e Guarda cercaram a área e o grupo viveu momentos de tensão. O caminhão com as ferramentas e parte dos materiais para a montagem do acampamento foram apreendidos e liberados depois.

Os advogados das famílias, o deputado estadual Antonio Mentor (PT), o vereador Gilmar Vieira da Silva (PCdo B), representante da vereadora Zilda de Fátima Barbosa (PT), de sindicatos e do PCdoB estiveram no local.

Na tarde de ontem, 150 pessoas já estavam acampadas na área pública. De acordo com o presidente da comissão, José Roberto

Martins, o acampamento deverá ter cerca de 280 famílias. “Quem ficou não tem para onde ir mesmo”.

O representante do Sinpro (Sindicato dos Professores), Conceição Fornasari, disse que Barjas Negri deverá intermediar, hoje, com o prefeito Álvaro Alves Corrêa (PMDB) a liberação de um ônibus ou perua para levar as crianças do acampamento à escola.

### **PM mantém reintegração**

A Polícia Militar montou uma estratégia para cumprir a reintegração de posse dos apartamentos em construção no Parque Olaria, em Santa Bárbara d’Oeste. Entretanto, pode não precisar usar todo esse aparato.

A ação estava marcada a madrugada de hoje, mas para a comissão de moradores avisou que o Local estaria vazio.

“Não ficará ninguém lá, batemos em retirada para não haver confronto com a polícia”, disse José Roberto Martins, presidente da comissão das famílias. De acordo com ele, poderá ficar nos apartamentos alguns móveis de famílias que não tiveram para onde levá-los.

Na manhã de ontem, a movimentação no local era grande. Policiais militares fizeram um levantamento de quantas famílias restariam nos apartamentos.

A ação, programada há várias semanas, iria contar com reforço do 19º BPMI (Batalhão da Polícia Militar do Interior) de Americana e da Guarda Civil de Santa Bárbara, além de apoio de caminhões, ônibus, carregadores, ambulâncias, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, acompanhamento do Conselho Tutelar, e de oficiais de Justiça.

### **1ª ocupação foi em julho**

A ocupação dos apartamentos em construção no Parque Olaria, em Santa Bárbara d’Oeste, ganhou visibilidade quando o DAE (Departamento de Água e Esgoto) cortou a água do local, em

maio deste ano. Na época, alguns alegavam estar no local há cerca de três meses e outros há quase um ano.

Com a água cortada, as famílias procuraram apoio político. O caso ganhou repercussão e novas famílias começaram a ocupar apartamentos que ainda estavam vazios. Em julho deste ano, o condomínio estava totalmente ocupado;

No dia 13 de agosto, os mutuários (proprietários dos apartamentos em construção) conseguiram uma liminar de reintegração de posse da 2ª Vara Cível do município. A liminar foi mantida em sigilo, e no início de outubro, as famílias começaram a recorrer à Justiça e tentar negociar com os mutuários e pedir apoio da prefeitura.

O grupo chegou a ficar uma semana acampado em frente à prefeitura esperando uma solução.

As famílias e os mutuários não chegaram a um acordo e o cumprimento da reintegração está previsto para ocorrer hoje.

# ANEXO 7 – DIANTE DA FALTA DE MORADIA EM SANTA BÁRBARA D'OESTE NASCE A FAVELA ZUMBI DOS PALMARES (GR)

05 – Americana, terça-feira, 25 de novembro de 2003 Cidades O Liberal



Imagem das Fotos: cinco pessoas são detidas e liberadas em seguida pela polícia, um sem teto passa mal e é levado pelo Resgate ao hospital: as famílias começam a deixar o local, e a reintegração completa 10h.

## Acampamento Sem-teto fundam “Zumbi dos Palmares”

Do Parque Olaria, na Zona Sul, para barracas improvisadas na Região Leste, famílias acompanham em área pública.

José Roberto Silva  
beto.silva@oliberalnet.com.br

SANTA BÁRBARA – Dos apartamentos inacabados do Parque Olaria, na Zona Sul, para as barracas improvisadas em um terreno de propriedade da Prefeitura, na Região Leste. Nessa

trajetória nasceu, na madrugada de domingo, o acampamento Zumbi dos Palmares.

O prefeito informou que vai dar entrada na Justiça com uma ação de reintegração do local.

As famílias sem-teto que acampavam o condomínio há alguns meses mantiveram a promessa e o apelo feito ao Prefeito Álvaro Alves Corrêa (PMDB) e ocuparam uma área na Avenida Antônio Pedroso, em frente à escola profissionalizante, no Parque Zabani.

O nome do acampamento, que até ontem à tarde abrigava 60 famílias, é uma alusão ao líder negro cujo tricentenário de morte foi comemorado no último dia 20. As famílias chegaram ao local por volta das 23h30 do sábado. Dez minutos depois, viaturas da Guarda Civil e da Polícia Militar chegaram na área, mas não havia como evitar a ocupação.

No domingo, representantes de entidades assistenciais e de partidos políticos passaram pelo acampamento para expressar solidariedade às famílias. Com a saída definitiva do condomínio, a expectativa dos organizadores é de que aumente a quantidade de pessoas no Zumbi dos Palmares. Desde anteontem, as famílias vêm se organizando como podem: construindo fossas sépticas, reforçando as amarrações das barracas e compartilhando os mantimentos da dispensa. As tarefas são divididas de forma que todos participem. Dona Carmem da Silva ficou responsável pela organização da cozinha.

Ontem foi preciso trabalhar duro para garantir o almoço a 250 pessoas. Arroz, feijão, sopa e carne moída formaram o cardápio. Segundo a dona de casa, as panelas são insuficientes assim como os mantimentos também tendem a ficar escassos nos próximos dias. Ela e outras mulheres do acampamento apelam à sociedade para doações de leite até lonas.

Sem trégua – A permanência das famílias na área do Parque Zabani deve ser por pouco temp. Pelo menos é essa a intenção do prefeito Álvaro Alves Correa. O prefeito informou ontem por meio

de sua assessoria de imprensa que vai dar entrada na Justiça com uma reintegração de posse.

Segundo apurou O LIBERAL o terreno ocupado pelos sem-teto é uma das três áreas que foram indicadas à Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) para a instalação de um loteamento.

O Departamento de Água e Esgoto (DAE) lacrou a ligação de água clandestina feita pelos sem-teto, mas vem garantindo o abastecimento dos tambores por meio de caminhões-pipa. Segundo a assessoria de imprensa da autarquia, o fornecimento será mantido durante a permanência das famílias na área.



**ANEXO 8 – INSTAURAÇÃO DE INQUÉRITO CIVIL<sup>3</sup> DEVIDO ÀS CONDIÇÕES DE VIDA DOS MORADORES DA FAVELA ZUMBI DOS PALMARES COM DENÚNCIAS DA AMOZUP, PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCdoB), CONSELHO TUTELAR**



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Instaura o presente **INQUÉRITO CIVIL**, com fundamento nos artigos 127 e 129, III, da Constituição Federal, observando-se, ainda, os artigos 19 e seguintes do Ato nº 484/06-CPJ e artigo 105, parágrafo 1º da Lei Complementar Estadual nº 734/93, visando a apurar os fatos relatados, a legalidade e a regularidade das providências que têm sido adotadas pelo Poder Público Municipal no que diz respeito aos empreendimentos que estão sendo realizados para atendimento dos moradores do Assentamento Zumbi dos Palmares, a verificação da veracidade da informação no que diz respeito à pretendida remoção desses moradores, os efetivos responsáveis pelos atos, a observância à legislação urbanística e ambiental aplicável, bem como a lesão ou a ameaça de lesão aos direitos difusos, coletivos ou individuais homogêneos envolvidos, tendo como investigado o **MUNICÍPIO DE SANTA BÁRBARA D'OESTE** para posterior ajuizamento, em sendo o caso, de ação civil pública ou arquivamento das peças de informação, determinando, desde logo, as seguintes medidas:

1. Registro no SIS-MP INTEGRADO, a autuação da presente, com juntada dos documentos (salvo os existentes em duplicidade), inclusive matéria jornalística publicada em 28/06/2011 (O Liberal), renumerando-se as páginas. Proceda-se, ainda, às anotações de praxe;
2. A expedição de ofício ao **MUNICÍPIO DE SANTA BÁRBARA D'OESTE** dando conhecimento a respeito da instauração do presente procedimento, com cópia da Portaria, para que, **no prazo de 30 (trinta) dias**, preste as seguintes informações:
  - 2.1) Qual a exata localização e identificação do (s) imóvel (is) onde estão assentados os moradores do denominado Assentamento Zumbi dos Palmares? Favor indicar nº de matrícula e/ou transcrição e inscrição cadastral.

PLS 04  
7



<sup>3</sup> O Inquérito Civil sobre a Favela Zumbi dos Palmares foi adquirido pela Secretaria Municipal de Negócios Jurídicos em 04 de junho de 2019, na Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d'Oeste- S.P



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

1505  
7

- 2.2.) A área de invasão em questão se encontra no perímetro urbano?
- 2.3.) Quem é o proprietário da área invadida? Em caso de ser pública, informar sua destinação e na hipótese de ser particular, a qualificação do proprietário.
- 2.4.) Os moradores do Assentamento Zumbi dos Palmares foram devidamente cadastrados? Quem foram os responsáveis por tal cadastramento? Enviar cópia do cadastro.
- 2.5.) Quantas pessoas residem na área de invasão em questão?
- 2.6.) Quantas pessoas serão contempladas com residências no Loteamento Santa Fé?
- 2.7.) Informar a exata localização e identificação do imóvel em que está sendo realizado o loteamento Santa Fé, com a indicação do nº de matrícula e/ou transcrição e inscrição cadastral.
- 2.8.) Qual a previsão de conclusão da obras do Loteamento Santa Fé?
- 2.9.) Houve aprovação do projeto do loteamento Santa fé pela Municipalidade e demais órgãos competentes? Enviar cópias do Certificado GRAPROHAB, registro junto ao Registro de Imóveis, licença da CETESB, contrato com a Caixa Econômica Federal ou outra instituição de financiamento.



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

PLS 006  
7

2.10) Qual o número de moradias previstas para local (Jardim Santa Fé)?

2.11) Foi constatada alguma ocupação no local? Em caso positivo, especificar.

2.12) Foram executadas e concluídas as obras de infraestrutura e estas estão de acordo com as normas legais e técnicas pertinentes? Especificar as existentes no local

2.13) Existe sistema de coleta, afastamento, tratamento e disposição dos esgotos domésticos no local?

2.14) O loteamento foi implantado em área de preservação permanente, de manancial ou *non aedificandi*? Encaminhar indicação em planta dos locais de cursos d'água, nascentes, olhos e minas d'água, brejos, matas, áreas de preservação permanente, áreas non aedificandi etc. de forma a se permitir o efetivo levantamento das áreas ambientalmente protegidas, e se estas sofrerão alguma intervenção;

2.15) Informar se os cursos d'água, nascentes etc. são compatíveis com a planta de levantamento do IGC - Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo e dos levantamentos desta Municipalidade, inclusive DAE - Departamento de Água e Esgoto.

2.16) Informar qual o critério de distribuição das moradias e como elas serão entregues aos usuários, especificando, conforme contrato, a área, os materiais de acabamento definidos e eventuais alterações, se haverá pagamento pelos imóveis, valores, etc.



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

no. 12  
P.S. 07  
7

- 2.17) Informar sobre a ocorrência de problemas com aterros, fundações, drenagem e outras questões relevantes no curso da execução da obras, esclarecendo se foram integralmente resolvidas tais questões.
- 2.18) Quais as providências que serão adotadas pelo Município em relação às famílias não contempladas com moradias no loteamento Santa Fé?
- 2.19) Pretende o Município fazer a remoção de tais famílias? Em caso positivo, para qual local, informando a exata identificação do imóvel, do nº de matrícula e/ou transcrição e inscrição cadastral, por qual motivo e por qual período.
- 2.20) Informar sobre as tratativas que estão sendo feitas com a COOPERTETO (Cooperativa Nacional de Habitação e Construção), esclarecendo, desde logo, se foram expedidas diretrizes, se houve aprovação do projeto do loteamento pela Municipalidade e demais órgãos competentes? Em caso positivo, enviar cópias do Certificado GRAPROHAB, registro junto ao Registro de Imóveis, licença da CETESB, contrato com a Caixa Econômica Federal ou outra instituição de financiamento.
- 2.21) Qual o número de moradias previstas para serem implantadas pela COOPERTETO?
- 2.22) Outras informações de como se dará a implantação do empreendimento pela referida Cooperativa, apresentando os documentos pertinentes.



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO



3. Expeça-se, ainda, ofício à **Representante**, comunicando o recebimento, o registro e a distribuição da representação, expondo as medidas preliminares adotadas;

4. Finalmente, nomeio para secretariar o presente procedimento, REGINALDO POÇAS BELILA, Oficial de Promotoria, mediante compromisso, nos termos do artigo 33, do Ato nº 484/06 - CPJ.

Santa Bárbara d'Oeste, 01 de julho de 2011.



ALEXANDRA FACCIOLLI MARTINS

Promotora de Justiça



## MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fls. 15



### TERMO DE DECLARAÇÕES

Em 01 de junho de 2011, às 14 horas e 30 minutos, compareceu no Gabinete desta Promotoria de Justiça de Habitação e Urbanismo e Meio Ambiente de Santa Bárbara d'Oeste, a Sra. **MARGARIDA MOREIRA DA SILVA**, brasileira, viúva, Presidente da Associação dos Moradores Zumbi dos Palmares, portadora do RG nº 5.283.581-0, residente na Avenida Pedroso, s/nº, Assentamento Zumbi dos Palmares, nesta Comarca de Santa Bárbara d'Oeste, acompanhada do Sr. **JOÃO ALVES PEREIRA**, brasileiro, casado, Vice-Presidente da Associação dos Moradores Zumbi dos Palmares, portador do RG nº 11.984.064, residente na Avenida Pedroso, s/nº, Assentamento Zumbi dos Palmares, nesta Comarca de Santa Bárbara d'Oeste e, ainda, do Sr. **ANTONIO PEREIRA**, Coordenador do Fórum da Cidadania, e do Dr. **ANTONIO SALUSTIANO FILHO**, Assessor Jurídico do Fórum da Cidadania. A Presidente declarou o que segue: A invasão da área onde se deu o assentamento Zumbi dos Palmares ocorreu em 2003. Atualmente ali residem aproximadamente 220 (duzentas e vinte) famílias. Todas as habitações são barracos construídos com madeiras e outros materiais. Os moradores têm água e energia elétrica. A água é fornecida pelo DAE. A energia é feita por "gato", permitido pela CPFL, que foi quem fez tal instalação, tendo em vista a expectativa de conclusão do Loteamento popular denominado Santa Fé. Tal loteamento terá um total de 109 (cento e nove) casas, sendo 12 (doze) para pessoas que residiam em áreas de risco (Ex. Beira Rio e Nova Conquista). Serão destinadas para o Zumbi, 93 (noventa e três) casas. Das 220 (duzentas e vinte) famílias que residem atualmente no assentamento, apenas cerca de 40 (quarenta) serão contempladas com casas no loteamento Santa Fé. As demais tiveram que deixar o local e pagar aluguel por determinação do Prefeito José Maria de Araújo Júnior, como condição para receberem as casas. Algumas famílias, em razão da demora na conclusão das obras, acabaram



## MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Ex. 16



retornando para o assentamento. A previsão de entrega do empreendimento era inicialmente fevereiro de 2009. Depois, ocorreram outros adiamentos, sendo a última data de entrega prevista é **outubro de 2011**. Ocorre que, os moradores têm dúvidas se tal prazo será efetivamente cumprido, uma vez que as obras estão quase paralisadas. Apenas alguns poucos funcionários trabalham no local e ainda falta muito a ser feito. Os moradores que serão contemplados têm atualmente reuniões bimestrais com a Promoção Social do Município. Nestas últimas oportunidades, foram informados que receberão a casa, que contém 32 metros quadrados, **incompleta**, sem rebocar, sem revestimento, sem piso e com janela fora do padrão. Foram advertidos, ainda, que se não aceitarem desta forma, haverá demora ainda maior na entrega do empreendimento. Foram feitas propostas pelos moradores, mas estas não foram aceitas. Já questionaram algumas coisas, como a fragilidade das fundações realizadas na área, que é um grande aterro e outros problemas verificados no decorrer da execução do empreendimento. Questionada a respeito da existência de nascentes e problemas com drenagem de águas pluviais, foi informado pelo declarante que, de fato, algumas casas sofrem inundação quando ocorrem as chuvas. É o caso da residência nº 03, com a qual a declarante foi contemplada. Enquanto isso, os moradores ficam vivendo no Zumbi sem condições mínimas, sendo que alguns inclusive têm esgoto passando por dentro da casa. O esgoto corre a céu aberto no local. Todo dia chegam novas pessoas, tendo aumentado consideravelmente o número de famílias, vindas de outros bairros da cidade, em razão de dificuldades financeiras. Estão preocupados com a situação e com o que está por vir. Os moradores gostariam que pelo menos houvesse uma melhor conservação das vias do acampamento, em especial das quadras 4 e 5, devido a grande quantidade de buracos ali existente. O assentamento não tem qualquer infraestrutura civil, de saneamento etc. Nada mais.

*Margarida Moreira da Silva*

MARGARIDA MOREIRA DA SILVA

AO MINISTÉRIO PÚBLICO DA COMARCA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE -  
SP. - PROMOTORIA DA CIDADANIA.

FLS 067  
7

SECRETARIA DA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE  
SANTA BÁRBARA D'OESTE  
Recebido em 23/02/12  
Protocolo nº 256/12

Encaminhe-se ao 2º Promotor de Justiça  
para as providências cabíveis.  
Santa Bárbara D'Oeste, 23/02/12  
Promotor(a) de Justiça Secretário(a)

O Partido Comunista do Brasil de Santa Bárbara d'Oeste, através de seu presidente, Jaime Batista de Souza, brasileiro, casado, RG.6.548-116, CPF 965.309.288-04, residente e domiciliado na Rua Antero de Quental, nº76 - Parque Residencial Frezarín, nesta, em face das prerrogativas e compromisso da agremiação com a promoção da dignidade da pessoa humana e com a luta em defesa dos direitos do povo, vem, informar e requerer o que segue:

Os moradores que se encontram na área denominada "Zona de Interesse Social - Assentamento Zumbi dos Palmares" estão alojados de forma precária e em condições de total degradação. A falta de uma moradia digna e de infra-estrutura básica vem contribuindo para que as crianças e adolescentes se encaminhem para o vício das drogas e se tornem dependentes de substâncias químicas. Somando-se ao encaminhamento para a prostituição, e a situação daquelas mulheres que acabam sofrendo com a violência doméstica. A falta de planejamento familiar faz com que esse quadro se agrave a cada dia, tornando-se uma situação de saúde pública.

É certo que as autoridades públicas responsáveis fizeram promessas de resolver a situação de precariedade dos moradores, inclusive com a construção de moradias populares. Entretanto, nenhuma providência concreta foi efetivada, e, outros problemas se avolumam com os demais e precisam de solução. Tais como:

- Ocupação desordenada;
- falta de segurança;
- fossas vazando, e esgoto a céu aberto;
- mato alto, com acúmulo de sujeira e proliferação de animais transmissores de doenças;

H.S. 2/6/12  
7

Diante da situação descrita, vimos solicitar a intervenção e interferência deste órgão ministerial para que sejam tomadas as providências necessárias junto ao órgãos públicos pertinentes, a fim de obrigá-los a cumprir com os seus desígnios e obrigações para resolução definitiva dos problemas que se apresentam

Nestes termos.

Santa Bárbara d'Oeste, 23 de fevereiro de 2012.



JAIMÉ BATISTA DE SOUZA

## RELATO

Com supedâneo na Constituição Federal em seu artigo 127 |  
que diz:

O Ministério Público é instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis. (grifo nosso)

O Conselho Tutelar no âmbito das suas prerrogativas elencadas na lei 8.069/90 em seu artigo 136 que trata das suas atribuições e do artigo 18 do mesmo diploma que diz:

“É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. (grifo nosso)

Vimos apresentar a situação de risco e vulnerabilidade das crianças e adolescentes na Favela Zumbi dos Palmares apresentando a priori as seguintes considerações:

**Considerando** que a construção das moradias naquela localidade faz parte da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) e contempla a resolução nº 4 de 10 de Novembro de 2008 publicada no Diário Oficial da União e Manual (doc. em anexo) que aprova as diretrizes das ações programáticas do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, na forma do art. 15, da Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005, e do art. 6º, do Decreto nº 5.796, de 6 de junho de 2006, que resolve:

Art. 1º Ficam aprovadas, na forma dos Anexos I, II e III, as diretrizes das ações programáticas do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social - FNHIS, a seguir especificadas:

I - Ação Apoio à Melhoria das Condições de Habitabilidade de Assentamentos Precários, classificada sob o nº 16.451.1128.0634, do Programa Urbanização, Regularização e Integração de Assentamentos Precários;

**Considerando** que na mesma resolução no item II - Das Diretrizes Gerais; As propostas apresentadas no âmbito da ação Apoio à Melhoria das Condições de Habitabilidade de Assentamentos Precários observarão as seguintes diretrizes gerais:

1. Integração com outras intervenções ou programas da União, em particular com aqueles geridos pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, ou de demais esferas de governo;
2. Atendimento à população residente em áreas sujeitas a fatores de risco, insalubridade ou degradação ambiental;



CONSELHO TUTELAR DE SANTA BÁRBARA D'OESTE - SP  
Av de Cílios, 650, Jardim Belo Horizonte  
Centro Social Urbano - Sala 10  
CEP: 13.450-041  
Fone / Fax: 3455-5925

83

Ofício nº 287/02/12-CT  
Proc CT

Santa Bárbara d'Oeste, 17 de fevereiro de 2012.

À  
Promotoria

Encaminhe-se ao <u>45</u> Promotor de Justiça para as providências cabíveis. Santa Bárbara D'Oeste <u>17/02/12</u> Promotor(a) de Justiça Secretário(a)
--

• Assentamento Zumbi dos Palmares

SECRETARIA DA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE Recebido em <u>17/02/12</u> Protocolo nº <u>295/12</u>
--

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos elevados votos de estima e consideração.

  
Edson de Souza  
RG 23.292.501-0  
Conselheiro Tutelar

  
Roberto Xavier Romfim  
RG 27.527.558-5  
Conselheiro Tutelar

  
Rafaela de Fátima  
RG 23.292.501-0  
Conselheiro Tutelar

À  
Promotoria  
Santa Bárbara d'Oeste



  
RG 23.292.501-0  
Conselheiro Tutelar

**Considerando** que é dever do Poder Público assegurar a crianças e adolescentes, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária;

**Considerando** que na forma do disposto no art.4º, par. único, alíneas "b", "c" e "d", da Lei nº 8.069/90, a garantia de prioridade compreende, dentre outros fatores, a precedência de atendimento nos serviços públicos e de relevância pública, a preferência na formulação e na execução das políticas sociais pública e a destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à criança e ao adolescente, o que importa na previsão de verbas orçamentárias para fazer frente às ações e programas de atendimento voltados à população infanto-juvenil (conforme inteligência dos arts.87, inciso I; 88, inciso II; 90; 101; 112; 129 e 259, par. único, todos da Lei nº 8.069/90;

**Considerando** que a criação e manutenção de programas específicos, em nível municipal, de modo a atender tais demandas é parte intrínseca da política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente na forma do disposto no art. 88, incisos I e III, da Lei nº 8.069/90, devendo abranger os programas e ações previstas nos arts. 90, 101, 112 e 129, todos do mesmo Diploma Legal;

**Considerando** que através de exaustivas reuniões de rede foi identificada a necessidade de implementação, ampliação e adequação de inúmeros programas, ações e estruturas de governo, de modo a atender os casos de ameaça e/ou violação de direitos de crianças e adolescentes residentes no município de Santa Bárbara d'Oeste que, por inexistentes ou insuficientes para fazer frente à demanda apurada, têm prejudicado e mesmo inviabilizado os encaminhamentos efetuados pelo Conselho Tutelar, comprometendo assim a solução dos problemas existentes;

**Considerando** que recentemente o Poder Público através do Executivo noticiou que o Loteamento Jardim Santa Fé, onde deverão morar 109 famílias do assentamento "Zumbi dos Palmares", ainda continua em obras e não há uma data oficial para entrega. Observando que esse loteamento foi licitado em 2008 e o prefeito está prorrogando por mais 180 dias o contrato com a empresa que venceu a licitação.

Vimos apresentar, como já supramencionado após as considerações, às situações de risco e vulnerabilidade das crianças e adolescentes da Favela Zumbi dos Palmares.

Destarte, é imprescindível ressaltar que temos encontrado variavelmente crianças brincando em meio ao esgoto a céu aberto, que a falta de estrutura naquelas moradias enseja o acúmulo de lixo com a conseqüente proliferação da dengue, de fossas mal construídas onde costumam vazar e correr as fezes em meio ao esgoto, chamando-nos a atenção para crianças e adolescentes com

manchas na pele cuja origem é proveniente da falta explícita de Saúde Pública.

É notório o crescimento do mato alto proliferando a infestação de insetos e ou animais peçonhentos, de crianças que tomam banho em baldes de água e ou usam o recipiente para jogar no vaso sanitário após o uso, vale ressaltar que houve em tempos pretéritos uma criança de três anos que morreu num balde d'água vítima desta ausência de estrutura.

Com frequência vivenciamos com adolescentes que se engravidam precocemente, com a falta de prioridade de vaga em creche para as crianças daquela comunidade e cujos genitores necessitam trabalhar dispensando as minúcias dos casos.

Fatos preocupantes são os adolescentes envolvidos com a dependência química e que estão evadidos da escola, a alta incidência dos conflitos familiares, do consumo do álcool, da ocupação desordenada chamando a atenção para tragédias anunciadas como o recente incêndio que culminou com a queima de 08 barracos onde havia crianças e adolescentes envolvidos (doc.anexo), pois, percebe-se a falta de intervenção do Poder Público nas áreas da Promoção Social, da Saúde, da Segurança Pública, da Educação, de Obras e Vigilância Sanitária orientando a comunidade e como já citado proporcionando a devida estrutura e equipamentos públicos.

Entendemos diante das exaustivas intervenções naquela comunidade para que se tenham efeitos positivos ao trabalho dispensado, a aplicação urgente da lei 8.069/90 em seu artigo 86 que norteia às ações a política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente de forma articulada entre governo e sociedade civil.

Neste sentido prescreve a Constituição Federal em seu artigo 3º:

"Constituem objetivos da República Federativa do Brasil": III- Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - Promover o bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras forma de discriminação;

Este Conselho vem lembrar que apresentou propostas a dotação orçamentária para planos e programas a criança e adolescente recentemente e como expõe o mandamento legal da lei 8.069/90, em seu artigo 136, inciso IX, é nossa a prerrogativa também de assessorar, de apontar os gargalos nos programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente ao Poder Executivo.

Se os objetivos da nossa República tem na sua carta magna a construção de uma sociedade em que sejamos todos iguais,



Scanned with  
CamScanner

fls. 11

entendemos que o Estado por meio dos seus agentes primando à dignidade da pessoa humana não pode agir com mera tolerância, mas necessita começando pelo saneamento básico e concessão de serviços públicos básicos resgatar a auto estima de crianças e adolescentes do nosso município em condição visível de precariedade, vulnerabilidade e riscos a sua integridade.

Em suma, como ressalta o artigo sete da lei 8.069/90: "A criança e o adolescente têm direito a proteção, a vida e a saúde, mediante a efetivação de políticas públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência." (grifo nosso)

Segue anexos fotos da favela

Diante do exposto, comunicamos ao Poder Executivo e as suas Secretarias de Governo do município, bem como ao Poder Legislativo, Poder Judiciário e alguns setores da sociedade civil para que providências cabíveis ao caso sejam tomadas.

Atenciosamente;

Santa Bárbara d'Oeste, 17 de fevereiro de 2012.

  
Edineide de Souza Bispo  
RG 33.250.504-0  
Conselheira Tutelar

A  
  
Roberto Xavier Romão  
RG 27.201.111-1  
C. 11.111.111-1  
Conselheiro Tutelar



CONSELHO TUTEAR DE SANTA BÁRBARA D'OESTE - SP  
Avenida de Cillos, 650 - Jardim Belo Horizonte  
Centro Social Urbano - Sala 10  
CEP: 13.450-041  
Fone/Fax: 3455 5925

**URGENTE!**

Ofício nº 38/01/13-ant  
Proc CT 071/12

Santa Bárbara d'Oeste, 09 de janeiro de 2013.

A  
Secretaria Municipal de Promoção Social  
Srª Maria Cristina da Silva

• Jessica Vitoria Lopes DN 22/09/09

Filiação: Magda Lopes Lemes/ Luis Carlos Rodrigues Buano  
Endereço: Avenida Antonio Pedrosa - Zumbi dos Palmares  
Telefone: 9259 2977

O Conselho Tutelar de Santa Bárbara d'Oeste, no exercício de suas atribuições, Lei 2.266/97, vem mui respeitosamente à presença de V.sª, com fulcro no art. 136, Lei 8.069/90 - ECA, solicitar resposta ao requerimento protocolado junto a esta Secretaria no prazo de cinco (05) dias em relação ao Ofício nº 1383/09/12 e Ofício nº 1447/10/12.

Ocorre que conforme relatos nos ofícios protocolados a criança tem estado de saúde delicado e continua a conviver em barraco no endereço supramencionado em total estado de precariedade, pois dentro do barraco corre água de esgoto e fossa além do qual convivem com a presença de camundongos.

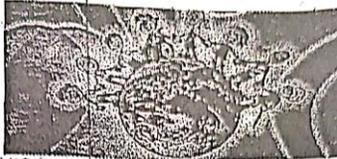
Diante do exposto, venho requerer de forma urgente resposta ao ofício protocolado para que outras medidas cabíveis ao caso possam ser tomadas conforme o caso requerer.

Sem mais para o momento, aproveitamos para reiterar nossos protestos de estima e elevada consideração.

Atenciosamente,

*Recebido*  
*09/01/13*  
*na B.*  
Atenciosamente,  
Rafaela Santos  
Conselheira Tutelar

13/02/2013



CONSELHO TUTELAR DE SANTA BÁRBARA D'OESTE - SP  
Avenida de Cillios, 850 - Jardim Belo Horizonte  
Centro Social Urbano - Sala 10  
CEP: 13.450-041  
Fone/Fax: 3455 5925

**URGENTE!**  
**REITERAÇÃO I**

Ofício n° 88/01/13-ant  
Proc CT 071/12

Santa Bárbara d'Oeste, 17 de janeiro de 2013.

A  
Secretaria Municipal de Promoção Social  
Srª Maria Cristina da Silva

• Jessica Vitoria Lopes DN 22/09/09

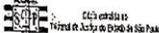
Filiação: Magda Lopes Lemes/ Luis Carlos Ródrigues Bueno  
Endereço: Avenida Antonio Pedroso - Zumbi dos Palmares  
Telefone: 9259 2977

O Conselho Tutelar de Santa Bárbara d'Oeste, no exercício de suas atribuições, Lei 2.266/97, vem mui respeitosamente à presença de Vª, reiterar informações aos Ofícios n° 1447/10/12-ant; 38/01/13-ant, solicitando o envio de relatórios dos procedimentos tomados.

Certo da compreensão, reiteramos nossos votos de estima e consideração.

Sem mais para o momento, aproveitamos para reiterar nossos protestos de estima e elevada consideração.

Atenciosamente;



Junqueira que demonstra o atual quadro clínico de saúde da criança (doc. em anexo).

Vimos salientar que a criança devido ao estado de saúde que inspira total cuidado continua a residir com sua família em local de total precariedade com esgoto a céu aberto, água de fossa vazando e convivência com insetos peçonhentos e damundongos.

Temos ressaltado de forma constante e através dos ofícios protocolados acima aos órgãos interessados providências ao caso, pois, sempre que a criança recebe alta hospitalar volta para um local em que presumimos não contribuir para a evolução e melhora do seu estado de saúde.

Com fundamento na "Lei Orgânica da Assistência Social", Lei nº 8.742/93 que diz em seu artigo 15:

IV - atender às ações assistenciais de caráter de emergência;

Art. 23. Entendem-se por serviços socioassistenciais as atividades continuadas que visem à melhoria de vida da população e cujas ações, voltadas para as necessidades básicas, observem os objetivos, princípios e diretrizes estabelecidos nesta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.435, de 2011)

I - às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, em cumprimento ao disposto no art. 227 da Constituição Federal e na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); (Incluído pela Lei nº 12.435, de 2011).

Diante do exposto ressaltamos que o município não tem "ALUGUEL SOCIAL" e solicitamos de forma urgentíssima providência ao caso observando o vínculo familiar conforme preconiza o artigo 4º da Lei 8.069/90 o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Certo da compreensão, reiteramos nossos votos de estima e consideração e aguardamos relatórios das providências a serem tomadas para que outras medidas que o caso requerer possam ser aplicadas.

Atenciosamente;

Everaldo Mendes Vieira  
RG 21.932.245-9  
Conselheiro Tutelar

Adriano Carlos Viana de Souza  
RG 12.274.454-4  
Procurador

13/02/2013



HOSPITAL SANTA BÁRBARA

15. 20  
10/01/2013

RELATÓRIO MÉDICO

Paciente: Jéssica Vitória Lopes Rodrigues Bueno.

A paciente acima é portadora de asma persistente moderada. Apresenta sintomas respiratórios quase todos os dias; e necessita de tratamento diário com medicações inalatórias. Já internou em diversas ocasiões em nosso hospital, onde se encontra atualmente, com diagnóstico de Broncoespasmo grave. Apresentou inclusive internação há 1 ano em Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, necessitando intubação orotraqueal e ventilação mecânica, devido a quadro de insuficiência respiratória grave. No momento, não há previsão para alta hospitalar.

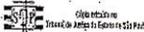
Atenciosamente,

Dr. Marcelo Junqueira

CRM: 121.037

Médico Plantonista do HSB

29  
/01  
/2013



13/02/2013



CONSELHO TUTELAR DE SANTA BÁRBARA D'OESTE - SP  
 Avenida dos Cilios, 650 - Jardim Belo Horizonte  
 Centro Social Urbano - Sala 10  
 CEP: 13.450-041  
 Fone/Fax: 3455 5925

112,83  
*[Handwritten signature]*

Ofício nº 176/01/13-ant  
 Proc CT 071/12

**URGENTÍSSIMO!**

Santa Bárbara d'Oeste, 31 de janeiro de 2013.

A  
 Secretaria Municipal de Promoção Social  
 Srª Maria Cristina da Silva

• Jessica Vitoria Lopes DN 22/09/09

Filiação: Luiz Carlos Rodrigues Bueno/Magda Lopes Lemes  
 Endereço: Avenida Antonio Pedroso, Zumbi dos Palmares  
 Telefone: 9259 2977

O Conselho Tutelar de Santa Bárbara d'Oeste, no exercício de suas atribuições, Lei 2.286/97, vem mui respeitosamente à presença de Vª, com fulcro no art. 136, Lei 8.069/90 - ECA, vem de forma urgentíssima requisitar providencias a criança em questão e reiterar os Ofícios números 1383/09/12; 38/01/13; 88/01/13 (Secretaria de Promoção Social); os Ofícios números 1375/09/12 (CRASIII); os Ofícios numero 1376/09/12 (CMDCA); os Ofícios números 1374/09/12; 1448/10/12 (Secretaria de Saúde), reiterar laudo médico expedido em 2012 sobre o estado de saúde da criança pelo "Complexo Hospitalar Ouro Verde" (doc. em anexo) e apresentar "Relatório Médico" expedido em 29/01/2013 pelo Dr. Marcelo

*Glaura diston*  
 31/01/2013  
 CS CamScanner

15h 21 min

*[Handwritten signature]*  
 Antonio Carlos Moraes de  
 RS 12.372.974  
 13/02/2013



CONSELHO TUTELAR DE SANTA BÁRBARA D'OESTE - SP  
 Av. de Cilia, 650, Jardim Belo Horizonte  
 Centro Social Urbano - Sala 10  
 CEP: 13.450-041  
 Fone / Fax: 3455-5925

25  
13/02/13

Ofício n° 224/02/13-ant.  
 Proc CT 071/12

**URGENTÍSSIMO!**

Santa Bárbara d'Oeste, 06 de fevereiro de 2013

A  
 Promotoria

SECRETARIA DE JUSTIÇA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE

Recebido em 02/13

Protocolo 159/13

*[Signature]*

• Jéssica Vitória Lopes DN 22/09/09

Filiação: Luiz Carlos Rodrigues Bueno / Magda Lopes Lemes  
 Endereço: Avenida Antonio Pedroso / Zumbi dos Palmares / Barraco s/n°  
 Telefone: 9259-2977

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos elevados votos de estima e consideração.

A  
 Promotoria  
 Santa Bárbara d'Oeste

Everaldo Romão Vieira  
 RG 23.552.225-9

*[Signature]*  
 Roberto Xavier Bomfim  
 RG 7.656-5  
 Conselho Tutelar

*[Signature]*  
 Manoel Francisco de Souza  
 RG 23.552.225-9  
 Conselho Tutelar

CS - Scanned with CamScanner

13/02/2013

RELATO

Este Conselho vem relatar a situação da criança em questão e expor que a mesma tem graves problemas de saúde conforme relatório do Complexo Hospitalar "Ouro Verde" (doc. em anexo) e enfatizar que variavelmente diante da saúde frágil a mesma passa por históricos de internações.

Recentemente a criança esteve internada no Hospital "Santa Bárbara", onde no dia 29/03/13, o Dr Marcelo Junqueira expediu relatório em face da gravidade de saúde da criança (doc. em anexo).

Os motivos para esta introdução é no sentido de salientar que a criança reside em local inapropriado a sua condição de saúde, vivendo em meio a esgoto a céu aberto, fossa vazando e na convivência de lixo, insetos peçonhentos e ratasanas sem nenhum sistema de esgoto e saneamento básico ("CD" doc. em anexo).

Consultamos a família sobre a possibilidade de residir em outro local, porém; estes colocaram que não têm parentes ou família extensiva a quem recorrer e nota-se que são hipossuficientes.

Encaminhamos ofícios às diversas Secretarias do Poder Público pedindo solução ao caso (doc. em anexo), porém, em conversa por telefone no dia 05/02/13, com a "Secretaria de Promoção Social" a Srª Maria Cristina da Silva, esta nos relatou que já fora encaminhado ao jurídico da prefeitura pedido para avaliação do aluguel social que contemplaria a solução do caso por ser medida emergencial sendo que tal avaliação demorará de vinte a trinta dias para se ter posicionamento da efetivação ou não da lei.

Vimos ressaltar que tal demora poderá representar o agravamento no quadro de saúde da criança que inspira cuidados especiais e tendo em vista que a criança Jéssica recebeu alta nesta segunda-feira, dia 04/02/2013 voltando para o local como já citado impróprio e insalubre.

O Conselho Tutelar vem buscando junto ao Poder Executivo e Legislativo desde o ano de 2011 a implementação urgente de tal política pública ("Aluguel Social") como notícia veiculada em jornal do município de Santa Bárbara d' Oeste (doc. em anexo), pois outras famílias com suas crianças e adolescentes vivem em total estado de vulnerabilidade e risco social caracterizando até mesmo estado de calamidade.

Imprescindível esclarecer que estamos requisitando da rede de saúde do município a medicação conforme solicitação (doc. em anexo) que já fora informado pelo coordenador da assistência farmacêutica que tal remédio será fornecido apenas por trinta dias.

Diante do exposto, vimos conforme preconiza a "Lei Orgânica da Assistência Social", lei nº. 8.742/93 que diz em seu artigo 15:

Comissão de Assistência Social



CONSELHO TUTELAR DE SANTA BÁRBARA D'OESTE - SP  
 Av. do Ciliao, 060, Jardim Belo Horizonte  
 Centro Social Urbano - Sala 10  
 CEP: 13.450-041  
 Fone / Fax: 3495-5925

*350  
150  
32*

Ofício nº 224/02/13-ant.  
 Proc CT 071/12

**URGENTÍSSIMO!**

Santa Bárbara d'Oeste, 06 de fevereiro de 2013

A  
 Promotoria

SECRETARIA DE JUSTIÇA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE

Recebido em 02/13

Protocolo 159/13

• Jéssica Vitória Lopes DN 22/09/09  
 Filiação: Luiz Carlos Rodrigues Bueno / Magda Lopes Lemes  
 Endereço: Avenida Antonio Pedroso / Zumbi dos Palmares / Barraco s/nº  
 Telefone: 9259-2977

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos elevados votos de estima e consideração.

A  
 Promotoria  
 Santa Bárbara d'Oeste

Evaraldo Armas Vieira  
 RG 23.532.235-9  
 Conselho Tutelar

Roberto Xavier Bomfim  
 RG 23.532.235-5  
 Conselho Tutelar

*[Handwritten signature]*

IV - atender às ações assistenciais de caráter de emergência;

Art. 23. Entendem-se por serviços socioassistenciais as atividades continuadas que visem à melhoria de vida da população o cujas ações, voltadas para as necessidades básicas, observem os objetivos, princípios e diretrizes estabelecidos nesta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.435, de 2011)

I - às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, em cumprimento ao disposto no art. 227 da Constituição Federal e na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); (Incluído pela Lei nº 12.435, de 2011)

Apresentar a situação e sugerir que o Poder Público possa remover a criança e família do local onde se encontra de forma imediata para local condizente ao princípio da dignidade humana e cessando os riscos presentes até que medidas cabíveis (Aluguel Social) possam ser contemplados.

Este órgão se coloca a disposição para outras providências que o caso requerer.

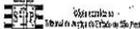
Atenciosamente;

Santa Bárbara d'Oeste, 06 de fevereiro de 2013

Everaldo Borges Vieira  
RG 23.832.245-9  
Conselheiro Tutelar

Roberto Xavier Bonfatti  
RG 27.827.935-5  
Conselheiro Tutelar

Roberto Xavier Bonfatti  
RG 27.827.935-5  
Conselheiro Tutelar



# Complexo Hospitalar Ouro Verde

## RESUMO DE ALTA

### Identificação do Paciente

Nome: Jéssica Vitória Lopes Rodrigues; Bando: Data de Nascimento: 22/09/2009 Sexo: Feminino  
 Data Internação: 18/05/12 Tempo de Internação: 41 dias  
 Nº: 14424 Data de Alta: 28/06/12 Condições de Saída: Melhora Clínica

### Quadro Clínico e Evolução

Paciente deu entrada neste serviço na UTI-PED no dia 18/05/12 encaminhada do PS Nova Odessa Intubada com quadro de Insuficiência Respiratória Aguda Mista Grave, admitida na unidade e colocada em Ventilação Mecânica com diagnóstico infeccioso em foco pulmonar com Antibioticoterapia, na evolução com melhora do padrão respiratório e ventilatória com desmame da Ventilação Mecânica e da Oxigenioterapia; ainda na UTI Ped apresentou diarreia sem causa infecciosa, provável pela antibioticoterapia. Deu entrada na Enfermaria Pediátrica no dia 05/06/12 mantendo a diarréia, teve melhora após dieta Oligomérica e Glutamina, permanecendo nos últimos 11 dias com dieta geral, sem apatia com hábito intestinal adequado, sem dificuldade de deglutição. Paciente com melhora clínica, eupneica, afebril, em Alta Hospitalar.

### Exames Subsidiários

Exames (18/05/12): Uréia 6mg/dl Creatinina 0,2mg/dl Cálcio 8,3 mg/dl Fósforo 1,9 mg/dl Magnésio 1,8mg/dl Na 135mEq/l K 3,4 mEq/l  
 Exames 20/05/12: Cálcio 8,00 Fósforo 4,20mg/dl  
 Hemocultura (20/05/12): Negativa  
 Bacteriocultura (21/05/12) Positivo: E. Coli  
 Bacteriocultura (28/05/12) Negativo  
 Hb (28/05/12) Hb 10,10 Hto 30,40 VCM 87,1 Leuc 21600 (B4 S68 Linf 25 Mo 3) PlaQ 483000  
 Ecocardiograma (31/05/12): Normal  
 Hemocultura (01/06/12) Negativa  
 Hb (04/06/12) Hb 11,40 Hto 34,70 VCM 86,8 Leuc 10300 (B1 S67 Linf 21 Mo10) PlaQ 380000  
 Bacteriocultura de ponta de cateter (04/06/12) Positivo para Pseudomonas aeruginosa  
 Bacteriocultura (04/06/12) Negativo  
 Hemocultura (05/06/12) Negativa  
 Bacteriocultura (06/06/12) Negativo  
 Nome Rotavírus (08/06/12) Negativo  
 SG Vias Urinárias (13/06/12): Normal  
 TTP (14/06/12) T Protrombina 9,6 seg Atividade 79% RNT 1,14  
 T Tromboplastina Parcial 26,2 seg  
 GAMA GT 70 U/L, Albumina 4,2g/dl, Cálcio sérico 9,8 mg/dl Mg 0,94 mmol/L, Fósforo 5,5 mg/dl, Colesterol total 148 mg/dl; HDL 31 mg/dl; Triglicéridius 154 mg/dl; VLDL 31 mg/dl; LDL 86mg/dl  
 Ecocardiograma (14/06/12) Conclusão: Proeminência do sistema ventricular que pode ser secundário a redução volumétrica do parênquima.  
 SG Abdomem Total (18/05/12) Normal  
 SG Coluna Lombar (20/06/12) Normal  
 Exames (21/06/12): CK 20U/L TGO 39 U/L TGP 36 U/L  
 Cálculo Fólico (22/06/12) > 20  
 Exames (22/06/12): T4-Livre 1,07 TSH 1,98  
 TC de Tórax (27/06/12): Espessamento difuso do interstício peri-broncovascular, provavelmente refletindo processo inflamatório/infeccioso bronquítico. Pequena opacidade alveolar no lobo médio. Restante do parênquima pulmonar de morfologia e atenuação normais, sem nódulos ou consolidações.

### Tratamento Realizado

Ventilação Mecânica por 14 dias  
 Oxigenoterapia com máscara de cateter por 12 dias  
 Imosemida EV 3 dias

## **ANEXO 9 A – PEDIDOS DE PROVIDÊNCIAS<sup>4</sup> QUANTO À SITUAÇÃO DOS MORADORES DA FAVELA ZUMBI DOS PALMARES À CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D’OESTE**

### **REQUERIMENTO N° 546 /06**

De Informações “Sobre colocação de redutor de velocidade na Avenida Pedroso, entre a ocupação ‘Zumbi dos Palmares’ e bairro Planalto do Sol”. Considerando-se que, a necessidade crescente de reduzir a velocidade de tráfego em algumas ruas residenciais, fez com que surgissem vários meios para este fim, e uma das possibilidades seria a construção de lombadas; Considerando-se que, o tráfego de pessoas na Avenida Pedroso, inclusive crianças, é muito intenso e as lombadas poderiam prevenir acidentes no local, e Considerando-se ainda que, a implantação de lombadas, tem por objetivo fazer com que os motoristas se tornem mais conscientes e obedeçam aos limites de velocidade; REQUEIRO à Mesa, na forma regimental, após ouvido o Plenário, oficial ao Sr. Prefeito Municipal, solicitando-lhe as seguintes informações: 1- É possível ao Executivo enviar um técnico para que faça um estudo em busca de segurança no trânsito do local mencionado? 2 - Se positiva a resposta do item 1, favor informar quando será efetuada a visita desse técnico no local. 3 - Se negativa a resposta do item 1, favor justificar. Plenário “Dr. Tancredo Neves”, em 31 de maio de 2006. ADEMIR JOSÉ DA SILVA – Vereador.

---

<sup>4</sup> Pedidos de providências quanto à situação dos moradores da Favela Zumbi dos Palmares à Câmara Municipal de Santa Bárbara d’Oeste – SP, 06 de junho de 2020.



## **ANEXO 9 B – PEDIDOS DE PROVIDÊNCIAS QUANTO À SITUAÇÃO DOS MORADORES DA FAVELA ZUMBI DOS PALMARES À CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D'OESTE**

### **REQUERIMENTO Nº 162/07**

De Informações “Sobre a forma de aquisição da área de terra pertencente à Unimep, onde se encontra os acampados do Zumbi dos Palmares” REQUEIRO à Mesa, na forma regimental, após ouvido o Plenário, oficial ao Sr. Prefeito Municipal, solicitando-lhe as seguintes informações: 1 – Segundo informações, a área de terra localizada na Avenida Antonio Pedroso, onde está o acampamento Zumbi dos Palmares pertence à Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba. Como e de quem foi adquirida essa área? 2 – Se adquirida do Poder Público Municipal, como se deu a transação imobiliária? 3 – Quando foi adquirida? Informar dia, mês e ano. 4 – Qual o custo da área? Informar detalhadamente, ou seja, se por m<sup>2</sup> ou área total. 5 – Qual a dimensão dela? Informar detalhadamente, ou seja, os confrontos de áreas. 6 – Qual a situação da área hoje junto ao cadastro imobiliário municipal? 7 – Outras informações que julgar pertinente. Plenário “Dr. Tancredo Neves”, em 23 de fevereiro de 2006. MERCEDES ROVERI GRANDE Vereadora.



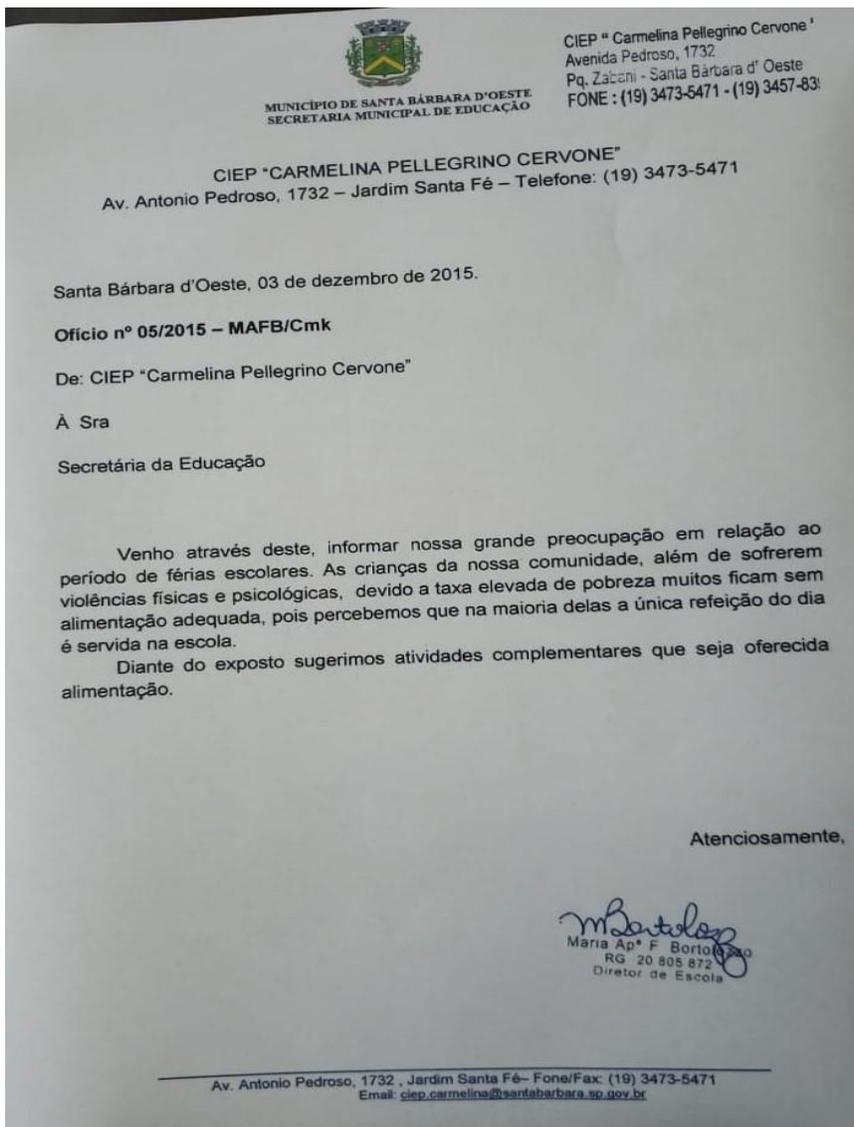
## **ANEXO 9 C – PEDIDOS DE PROVIDÊNCIAS QUANTO À SITUAÇÃO DOS MORADORES DA FAVELA ZUMBI DOS PALMARES À CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D’OESTE**

### **REQUERIMENTO Nº 197/07**

De Providências “Com relação à colocação de caçamba para armazenar o lixo da comunidade do Zumbi dos Palmares”. Considerando-se que, os moradores da comunidade Zumbi dos Palmares vivem em um local sem infraestrutura; Considerando-se que, os moradores daquele local reclamam a este vereador a necessidade de um local adequado para armazenamento do lixo doméstico; Considerando-se que, a falta de um local específico vem fazendo com que alguns moradores queimem o lixo, causando maiores problemas e riscos de incêndios, e Considerando-se que, a colocação de caçambas para o armazenamento do lixo resolveria o problema, REQUEIRO à Mesa, na forma regimental, após ouvido o Plenário, oficiar ao senhor Prefeito Municipal, solicitando-lhe providências com relação à colocação de caçamba para armazenar o lixo da comunidade do Zumbi dos Palmares. Plenário “Dr. Tancredo Neves”, em 8 de março de 2007. EDISON CARLOS BORTOLUCCI JÚNIOR “JUCA” - Vereador.



## ANEXO 10 – OFÍCIO<sup>5</sup> ELABORADO PELA DIRETORA DO CIEP CARMELINA PELLEGRINO CERVONE RETRATANDO ZELO E CUIDADO PARA COM AS CRIANÇAS



<sup>5</sup> Ofício disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste -SP, em 23 de janeiro de 2020.

"A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (EVARISTO, 2017, p. 21).



ISBN 978-65-5869-023-8

